UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DAS TÉCNICAS E EPISTEMOLOGIAS

Maria do Perpétuo Socorro Lopes de Sousa da Silva

Uma contribuição à História das Mulheres nas Ciências no Brasil: Heloísa Alberto Torres, a primeira Diretora do Museu Nacional/UFRJ

Rio de Janeiro
2018

Maria do Perpétuo Socorro Lopes de Sousa da Silva

Uma contribuição à História das Mulheres nas Ciências no Brasil: Heloísa Alberto Torres, a primeira Diretora do Museu Nacional/UFRJ

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologias, HCTE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre História das Ciências.

Orientadora: Professora Dra. Regina Maria Macedo Costa Dantas

Rio de Janeiro
2018

CIP - Catalogação na Publicação

S586c

Silva, Maria do Perpétuo Socorro Lopes de Sousa da
Uma contribuição à História das Mulheres nas Ciências no Brasil: Heloisa Alberto Torres, a primeira diretora do Museu Nacional/UFRJ / Maria do Perpétuo Socorro Lopes de Sousa da Silva. -- Rio de Janeiro, 2018.
99 f.

Orientadora: Regina Maria Macedo Costa Dantas.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Decania do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, 2018.

1. Disseminação da informação. 2. Gênero nas ciências. 3. Heloisa Alberto Torres. 4. Museu Nacional UFRJ. I. Dantas, Regina Maria Macedo Costa, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MARIA DO PERPÉTUO SOCORRO LOPES DE SOUSA DA SILVA

UMA CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DAS MULHERES NAS CIÊNCIAS NO BRASIL: HELOÍSA ALBERTO TORRES, A PRIMEIRA DIRETORA DO MUSEU NACIONAL/UFRJ

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia.

Aprovada em: 10 de setembro de 2018

Prof[a]. Dr[a]. Regina Maria Macedo Costa Dantas
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof[a]. Dr[a]. Isabel Leite Cafezeiro
Universidade Federal Fluminense

Prof[a]. Dr[a]. Maria José Veloso da Costa Santos
Universidade Federal do Rio de Janeiro

A minha filha Gabriella, fonte inesgotável do meu Amor e aos meus pais João Severo e Julia Lopes de Sousa (*In memorian*).

AGRADECIMENTOS

A alegria é minha, mais a Honra é do Senhor!

Pessoas fazem diferença na nossa vida quando elas demonstram o quanto se importam com a gente, por isso minha gratidão a todos que de alguma maneira ou de outra foram responsáveis por eu ter chegado até aqui.

Aos meus familiares que sempre foram meu porto seguro, meus irmãos, tios e tias, primos e primas e minha filha linda de viver Gabriella. Que bom que somos uma FAMÍLIA.

Aos amigos bibliotecários que me incentivaram na caminhada, Robson Teixeira, Fábio Mendes, Maria das Graças Freitas Souza Filho, Solange Simões, Kátia Taucei.

A minha parceira de trabalho Claudia Maria de Carvalho, que com sua competência e seu jeito engraçado tem proporcionado uma convivência leve e agradável. Deus sempre escolhe as pessoas certas e as melhores para estarem ao nosso lado. Obrigada por tudo.

Gratidão a Drª Maria José Veloso da Costa Santos e Drª Isabel Leite Cafezeiro, que prontamente aceitaram fazer parte da minha banca.

A minha orientadora Regina Dantas, merece um agradecimento especial, não só por ler, corrigir e reler todos os meus rascunhos da dissertação, mas principalmente por acreditar no meu potencial e me incentivar a seguir em frente. Na verdade uma amiga.

Minha gratidão aos funcionários da SEMEAR/MN e a Aurora Ribeiro Machado, responsável pelo acervo da Casa de Cultura Heloísa Alberto Torres, que abriu de imediato às portas para que eu iniciasse minha pesquisa.

Ao MAST pelos documentos digitalizados do Conselho Federal de Expedições Artísticas e Científicas do Brasil.

Ao Diretor do Instituto de Macromoléculas Prof. Luis Claudio Mendes, por confiar no meu trabalho e a Profª Maria Inês Bruno, uma grande incentivadora.

Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.
Cora Coralina

RESUMO

SILVA, Maria do Perpétuo Socorro Lopes de Sousa da. **Uma contribuição à História das Mulheres nas Ciências no Brasil**: Heloísa Alberto Torres, a primeira diretora do Museu Nacional/UFRJ. Rio de Janeiro, 2018. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

A questão do fazer ciência pelas mulheres num mundo marcadamente masculino, por detrás dos bastidores científico, sendo suas trajetórias construídas em um ambiente baseado em valores e padrões masculinos, leva a uma análise da participação das mulheres na história das ciências no Brasil no século XX. Utiliza como aporte metodológico a abordagem qualitativa com procedimentos teóricos bibliográfico e documental. Desse modo, destaca-se o papel das mulheres na luta para serem reconhecidas independente de gênero, evidenciando a atuação da antropóloga Heloísa Alberto Torres (1895-1977) na disseminação, promoção e divulgação das ciências no Brasil por meio de seu trabalho no Museu Nacional, consolidando a atuação feminina na história das ciências no Brasil e na renomada instituição científica que, ao longo do século XX, inovou ao registrarmos a participação das mulheres na promoção, disseminação e divulgação das ciências. Dessa forma, salientamos a primeira diretora feminina no Museu Nacional/UFRJ, naturalizando o fazer ciência, apontando o lugar da mulher na sociedade no século XX, por fim, constatando que as cientistas femininas brasileiras não faltam na história das ciências do país. Este período representou uma nova fase de existência do Museu, ao ter pela primeira vez uma mulher como sua diretora, o que se constituiu em um marco importante ao demonstrar que as instituições começavam a conceder espaços e possibilidades para as cientistas mulheres.

Palavras-chave: Heloisa Alberto Torres. Museu Nacional UFRJ. Gênero nas ciências. Disseminação da informação.

ABSTRACT

SILVA, Maria do Perpétuo Socorro Lopes de Sousa da. **A contribution to the History of Women in Science in Brazil**: Heloísa Alberto Torres, the first director of the National Museum /UFRJ. Rio de Janeiro, 2018. Dissertation (Masters in History of Sciences and Techniques and Epistemology) - Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

The issue of doing science for women in a markedly masculine world, behind the scenes scientific, and its trajectories built in an environment based on male values and standards, leads to an analysis of women's participation in the history of science in Brazil in the twentieth century. It uses as methodological input the qualitative approach with theoretical bibliographic and documentary procedures. Thus, the role of women in the struggle to be recognized independently of gender is highlighted, evidencing the work of the anthropologist Heloísa Alberto Torres (1895-1977) in the dissemination, promotion and dissemination of the sciences in Brazil through her work in the National Museum, consolidating the role of women in the history of science in Brazil and the renowned scientific institution that, throughout the 20th century, innovated by registering the participation of women in the promotion, dissemination and dissemination of science. Thus, we point out the first female director in the National Museum / UFRJ, naturalizing the science, pointing the place of women in society in the twentieth century, finally, stating that Brazilian female scientists are not lacking in the history of the sciences of the country. This period represented a new phase of existence of the Museum, having for the first time a woman as its director, which was an important milestone in demonstrating that the institutions began to grant spaces and possibilities for female scientists.

Keywords: Heloisa Alberto Torres. National Museum UFRJ. Gender in science. Dissemination of information.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Heloísa Alberto Torres (1895-1977) 30
Figura 2 - Foto da fachada do Museu Nacional e seu entorno/Roberto da Silva 40
Figura 3- Heloisa e pesquisadores 67
Figura 4- Heloísa Alberto Torres, Arte indígena da Amazônia (1974) 73
Figura 5 - Capa da Revista do IPHAN nº 1, 1937 77

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABA - Associação Brasileira de Antropologia

CCHAT - Casa de Cultura Heloísa Alberto Torres

CFEACB - Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil

CNPI - Conselho Nacional de Proteção ao Índio

FUNAI - Fundação Nacional de Apoio ao Índio

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MAST - Museu de Astronomia e Ciências Afins

SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SPI - Serviço de Proteção ao Índio

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13

1.1 SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NAS CIÊNCIAS 16

2 SOBRE HELOÍSA ALBERTO TORRES 29

2.1 ALGUMAS OBRAS SOBRE HELOÍSA ALBERTO TORRES 29

2.2 ABORDAGENS SOBRE HELOÍSA ALBERTO TORRES 35

3 A RELAÇÃO ENTRE O MUSEU NACIONAL E HELOISA ALBERTO TORRES 38

3.1 O MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO COMO DISSEMINADOR DAS CIÊNCIAS NO BRASIL 38

3.2 HELOISA ALBERTO TORRES E SUA TRAJETÓRIA NO MUSEU NACIONAL 44

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 79

REFERÊNCIAS 81

APÊNDICE A - Produção científica do trabalho 91

APÊNDICE B - APÊNDICE B - A CIÊNCIA PERDIDA NO INCÊNDIO DO MUSEU NACIONAL 92

ANEXO A - Fotografias do Centro Cultural Heloísa Alberto Torres/CCHAT 94

ANEXO B - Documentos do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil 95

1 INTRODUÇÃO

A escolha de um tema de estudo para dissertação de mestrado implica em um exigente trabalho de preparação, que nos vai revelando a natureza do tema que gostaríamos de abordar.
Como mestranda do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE-UFRJ, ao participar das disciplinas "História das Ciências no Brasil" e "História das Instituições Científicas" e ao buscar novos desafios na vida acadêmica, deparamo-nos com a temática da invisibilidade das mulheres nas ciências feita pela historiografia e o senso comum, reproduzindo a ideia de que não havia mulheres praticando ciências nos séculos anteriores.

Teve-se a impressão de que no decorrer do século XIX até a passagem para XX, a ciência caminhou cada vez mais para dentro do laboratório e de instituições fechadas que dificultaram a participação das mulheres, que aparecem para a história como esposas de, como apêndices de alguém, apesar de estarem em campo com seus maridos e serem inestimáveis para a pesquisa, dedicando-se aos trabalhos inerentes da pesquisa científica, tais como, cuidar das coleções, ilustrar e/ou traduzir os experimentos e textos, fazendo ciência junto com o marido cientista que no final do processo era agraciado com prêmios, reconhecimento e honra, tendo seus nomes à sombra do renome masculino.

Atuando como Bibliotecária desde 2011 na gestão e disseminação da informação na Central Brasileira de Polímeros do Instituto de Macromoléculas da UFRJ, onde desenvolve-se um trabalho de produção e disseminação do conhecimento entre outros, foi desenvolvida curiosidade a questão do **fazer ciência** pelas mulheres num mundo marcadamente masculino, por detrás dos bastidores científico, sendo suas trajetórias construídas em um ambiente baseado em valores e padrões masculinos, que restringem, dificultam e direcionam a participação das mulheres nas ciências.

Até o século XIX, identifica-se poucos registros de mulheres no relato histórico, o qual na verdade, ainda está sendo constituído. As poucas citações da presença feminina em relatos dos cronistas são, na maioria das vezes, enaltecendo sua beleza, virtude, heroísmo ou pelo contrário por suas intervenções tenebrosas e nocivas, suas vidas escandalosas afirma Perrot (1995).

Diante do exposto, a pesquisa que deu origem a esta dissertação foi motivada pelo documento do Museu Nacional intitulado "Diretores do Museu Nacional/UFRJ" organizado pela Seção de Museologia em 2007/2008, que pretendia descrever as principais realizações de todos os ex-diretores do Museu Nacional ressaltando a importância dessas personalidades no progresso da ciência, pesquisa e ensino na instituição e no país.

Na ocasião, constatou-se que não houve diretora mulher na instituição em todo o século XIX (instituição criada em 1818) e identificou-se que, ao longo do século XX, o Museu contou com três diretoras: Heloisa Alberto Torres (gestão 1937-1955), Leda Dau (gestão 1980-1982 e pró-tempore 1986-1989) e Janira Martins Costa (gestão 1994-1998), evidenciando assim a participação das mulheres nas ciências[1].

Inevitavelmente, deparou-se com a seguinte questão: seria possível apresentar a atuação administrativa da primeira diretora do Museu Nacional, cientista, enfatizando o espaço marcadamente masculino?

Nessa perspectiva, foi criada a proposta de destacar a primeira diretora do Museu Nacional na dupla função de administradora e cientista à frente de renomada instituição científica. Diante deste questionamento, foi elaborada a pesquisa com o objetivo geral de contribuir para a participação das mulheres na história das ciências no Brasil no século XX, evidenciando a atuação da antropóloga Heloísa Alberto Torres (1895-1977) como primeira mulher a dirigir o Museu Nacional/UFRJ.

Visando o desenvolvimento da pesquisa, os objetivos específicos seriam: introduzir o assunto por meio de breve apresentação sobre as mulheres nas ciências; realizar uma revisão bibliográfica sobre Heloísa Alberto Torres e proporcionar a apresentação das principais atuações administrativas e científicas de Torres no Museu Nacional.

A presente pesquisa justifica-se por contribuir com os registros da participação feminina para o desenvolvimento científico, destacando o papel das mulheres na luta para serem reconhecidas independente de gênero. A escolha da cientista Heloísa Alberto Torres e seu trabalho no Museu deve-se ao propósito de apresentar a participação feminina na promoção e divulgação das ciências no século XX. Ciente de que no ano da conclusão da dissertação estava prevista as comemorações dos 200 anos do Museu Nacional, dissertar sobre a primeira mulher a frente da Instituição, representa uma homenagem ao primeiro museu de ciências naturais e antropológicas do Brasil.

Para entender melhor a relevância das questões, diante de minha formação, optou-se por uma abordagem qualitativa com procedimentos de caráter teórico bibliográfico e documental. A análise documental foi realizada por meio de visitas à arquivos, museus e bibliotecas com vista à compreensão de ser Heloísa Alberto Torres muito mais que a zelosa diretora do Museu Nacional, tratando de interesses da instituição nos labirintos burocráticos.

A investigação fez uso de diferentes fontes as quais apresento a seguir: Arquivo da SEMEAR/ Museu Nacional, onde encontram-se todo tipo de material, correspondências, projetos institucionais e arquivo de Heloísa Alberto Torres; Fundação Getúlio Vargas; Bibliotecas do IFCS/UFRJ e

[1] Destaco que serão utilizadas as palavras ciência e ciências (singular e plural) ao longo da apresentação da investigação. A diferenciação cabe, pois a ciência nos remete às áreas da ciência moderna. A ciência no plural caracterizará a inserção das ciências humanas. Esta pluralidade é a marca das ciências no Brasil.

OR/UFRJ; artigos da Internet; bibliotecas e arquivo da Academia Brasileira de Letras; Biblioteca Central da UFRJ; MAST, onde o arquivo da Casa de Cultura Heloísa Alberto Torres/CCHAT está sendo digitalizado e na própria CCHAT, em Itaboraí, onde estivemos em maio de 2016, tendo sido recebidos pela funcionária Aurora Ribeiro Machado, responsável pelo acervo da referida antropóloga e que se prontificou a nos atender de imediato.

Neste local, deparamo-nos com um forte obstáculo para o desenvolvimento da pesquisa: todo o acervo da cientista estava embalado para ser encaminhado à digitalização no Museu de Astronomia e Ciências Afins/MAST. Em uma segunda visita ao CCHAT no início de 2017, constatamos que seria impossível acessar o conteúdo, pois ainda por questões burocráticas, o acervo continuaria à espera do início do processo de digitalização.

Em outubro de 2017, Maria Carolina Araujo, arquivista bolsista do MAST, nos informou que o processo de tratamento arquivístico e a organização do Arquivo denominado *fundo Heloísa Alberto Torres* abrangia mais de 25 mil documentos, sendo que este fundo também incluía documentação de sua irmã Maria Alberto Torres (1892-1985) e a documentação do seu pai, Alberto Torres (1865-1917).

Como nos foi informado pela funcionária Aurora Ribeiro Machado, o Arquivo estava em condições de guarda, porém os documentos não estavam apropriadas para sua conservação e segurança, por isso o envio ao MAST. Segundo Maria Carolina, os documentos não chegaram ao MAST inventariados e ordenados, o que facilitaria a dissociação do conjunto documental, além disso houve perdas dos documentos, como também a degradação do suporte, visto que a documentação é muito antiga e apresentava papéis frágeis e quebradiços. Atualmente, parte dele está na higienização e outra parte direcionada para restauração.

Durante a finalização da escrita da dissertação, Maria Carolina disse-nos que não havia previsão para o início do processo de digitalização do fundo. Por este motivo só tivemos acesso a algumas fotografias e aos objetos pessoais da cientista e sua irmã, já que ambas residiram neste solar, transformado em casa de cultura após seus falecimentos.

De propriedade do IPHAN, o prédio da CCHAT foi adquirido em 1963 pelas irmãs Heloísa e Maria Alberto Torres com o objetivo de prestar homenagem ao seu ilustre pai Alberto Torres, transformando-o em um berço para o acervo documental e bibliográfico do ilustre itaboraiense. Atualmente é administrada pela Fundação de Arte e Cultura de Itaboraí em parceria com IPHAN através de um termo de Cooperação Técnica, que prevê diversos trabalhos em conjunto.

Com o propósito de atingir os objetivos da presente dissertação, além do Primeiro Capítulo ter início por meio dos objetivos, justificativa, metodologia e fontes utilizadas, será apresentado o

resultado de um breve levantamento da participação das mulheres nas ciências, visando introduzir o tema.

O Segundo Capítulo irá destacar os principais estudos realizados sobre a antropóloga Heloísa Alberto Torres e será apresentada abordagens sobre sua vida, auxiliadas por meio de conceitos, tais como: de Pierre Bourdieu, de Dominique Pestre e de Joan Scott .

O Terceiro Capítulo versará sobre a conexão entre o Museu Nacional e a Heloísa Alberto Torres, por meio da apresentação dos aspectos e características das práticas científicas dentro do Museu Nacional e a esperada discussão sobre a inserção da cientista à frente da instituição. Na ocasião, autoras tais como Maria Margaret Lopes e Regina Dantas auxiliarão sobre a história da instituição e as atuações administrativas, enquanto Adriana Keuller e Heloísa Maria Bertol Domingues darão suporte na apresentarão das atividades científicas da antropóloga.

1.1 SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NAS CIÊNCIAS

As mulheres estiveram presentes na produção das ciências, ainda que nem sempre de modo formal, de acordo com os padrões vigentes de cada época. Identificamos que, na maioria das vezes, a participação feminina foi menos reconhecida em função das relações de gênero. Divulgar suas histórias, cria debates, estimula olhares e mostra caminhos abertos por elas. As mulheres cientistas participaram e contribuíram de forma relevante para o desenvolvimento científico e a importância disso está em atribuir visibilidade às mulheres e suas contribuições para determinada área do conhecimento.

Compreender como as mulheres se inseriram e se inserem nas ciências significa entender como as características associadas ao feminino influenciaram a estrutura das ciências. A trajetória de mulheres que se aventuraram pelas ciências poderá trazer a tona suas histórias, ampliar a noção estabelecida da popular expressão “fazer ciência” e demonstrar a profundidade dos mecanismos em que o gênero influenciou a produção do conhecimento. Não há dúvida de que muitas mulheres tiveram um papel crucial na produção da ciência no Brasil e por trás das pesquisas científicas comandadas por homens, mulheres trabalhavam nos bastidores, ampliando seu espaço e conquistando vitórias.

Os estudos sobre história das mulheres se desenvolveram sob a influência da história social, que buscava resgatar a história de grupos até então excluídos da grande narrativa da civilização ocidental e sob muitas críticas das teorias feministas, que desde o final dos anos 1970 já se ocupavam em criticar diversos âmbitos sociais, como as ciências.

Resgatar as realizações de grandes mulheres cientistas tornou-se uma tarefa central na década de 1970 onde dois fortes desafios foram impostos: o primeiro era a necessidade de encontrar mulheres que haviam de fato criado ciência para se opor à noção de que as mulheres simplesmente não podem fazer ciência, que algo na constituição de seus cérebros ou corpos impede progresso neste campo; o segundo, era o desejo de criar modelos de papéis para mulheres jovens ingressando na ciência -"Einstein femininos", para contrabalançar estereótipos masculinos segundo a historiadora da ciência Londa Schiebinger (2001).

Os historiadores buscaram encontrar todas as evidências possíveis da experiência feminina, construindo a história das mulheres quase como um suplemento da História Geral. (SOMBRIO 2007, p. 12).

Para Scott (1999) a busca e o registro dessas experiências foi útil ao tornar visível a participação feminina, ao gerar informações sobre o trabalho das mulheres e ao alterar os padrões de significância histórica. O objetivo dos historiadores das mulheres, mesmo quando estabeleceram a identidade separada das mulheres, era integrar as mulheres à história e essa integração presumia não somente que as mulheres poderiam ser acomodadas nas histórias estabelecidas, mas sua presença era requerida para corrigir a história (SCOTT, 1992, p. 85).

A historiadora francesa Michelle Perrot (2008, p. 17), diz que durante muito tempo, as mulheres foram objeto de um relato histórico que as relegou ao silêncio e à invisibilidade:

> São invisíveis, pois sua atuação se passa quase que exclusivamente no ambiente privado da família e do lar. O espaço público pertence aos homens e poucas mulheres se aventuram neles. São invisíveis, pelo silêncio das fontes, porque como são pouco vistas nesses locais públicos, pouco se fala dela.

Perrot (2008) ao pesquisar a história das mulheres por mais de três décadas, ressalta o papel atuante das mulheres como atrizes e agentes sociais de sua própria história, em seus estudos ela tenta compreender, elucidar as brechas deixadas pela violência, ou pela invisibilidade, afinal são apenas mulheres, cuja vida não conta muito.

Schiebinger (2001), realizou um estudo pormenorizado acerca da participação das mulheres em "O feminismo mudou a Ciência" e observou que a ciência passa por etapas de sofisticação diferenciada e também estatutos diferenciados, produzindo como resultado a exclusão das mulheres a partir da organização do fazer científico em sociedades. A primeira questão foi descobrir se e como a ciência teve contribuição de mulheres.

Portanto, Schiebinger (2001) sugere que a institucionalização da ciência é feita sistematicamente com o processo de exclusão do feminismo e da mulher e apesar deste processo de

exclusão, até mesmo pelos processos construídos de invisibilização das cientistas na historiografia, elas em maior ou menor número estiveram presentes na história das ciências.

Segundo Maffia (2002) na Inglaterra em 1869 aconteceu algo interessante com relação à inserção das mulheres na academia, pois com a criação do primeiro colégio, de Virton College, as mulheres podiam estudar, mas não recebiam o título; faziam prova, mas não estavam nas atas, então elas não podiam trabalhar. Somente após doze anos, em 1897 é que seus títulos foram entregues, mesmo assim este fato gerou manifestações, uma vez que as mulheres que estudavam eram consideradas um perigo social.

Este episódio para Souza (2002) cria condições para pensarmos nos espaços sociais que os sujeitos devem ocupar de acordo com seu sexo. Neste contexto que o gênero se impõe: os homens são "naturalmente" dotados de habilidades e características exigidas pelas ciências conhecidas como *hard*, enquanto que as mulheres exatamente porque são desprovidas, também na sua essência, dessas mesmas habilidades, são "naturalmente" destinadas às ciências consideradas *soft*.

Duas grandes academias, a *Royal Society* de Londres, fundada em 1640 e a *Académie Royale des Sciences* em Paris, em 1666, só passaram a admitir mulheres a partir de 1945 e 1979 respectivamente, sendo necessário que se passassem mais de trezentos anos para que as mesmas recebessem mulheres, sendo que a *Académie Royale des Sciences* em Paris, recusou-se a admitir por duas vezes a premiada física Marie Curie, confirmando a secular exclusão das mulheres do mundo da ciência (MAFFIA, 2002), além da premiada matemática Sophie Germain (1776-1831).

Tampouco a *Societas Regia Scientiarum* em Berlim admitiu a conhecida astrônoma Maria Winkelman (1670-1720), que trabalhou no observatório da academia, primeiro com seu marido e mais tarde com seu filho. Essas pioneiras, mesmo enfrentando preconceitos e discriminações, produziram contribuições à ciência, porém pelo simples fato de serem mulheres, ficaram na invisibilidade.

Em seu relato sobre as lutas femininas por educação, igualdade e cidadania Almeida (2000) nos conta que as mulheres sempre lutaram por direitos que lhe foram negados num mundo construído sob a autoridade masculina, os vários movimentos feministas mostraram que nestas lutas, além do direito político ao voto, as mulheres reivindicaram educação, instrução, igualdade e cidadania, o que possibilitariam o trânsito da esfera doméstica para o público.

Na década de 60, a história da mulher surge associada ao campo político e a intenção era retratar a opressão às mulheres retirando-as do esquecimento, mostrando que elas fizeram parte do processo histórico; resgatando principalmente as que estavam inseridas nos meios públicos para ratificar essa história. A chamada primeira onda desse movimento no século XIX, lutou por melhores posições das mulheres na ciência e um dos desafios do movimento feminista da década de

1970 foi a questão do lugar das mulheres nas ciências: encontrar mulheres que realmente tivessem produzido em ciências e torná-las modelos femininos de cientistas para atrair mulheres jovens contrabalançando estereótipos masculino (ALMEIDA, 2000).

Jerôme de Lalande, astrônomo francês do século XVII, citado por Schiebinger (2001), publicou em sua *Astronomy for Ladies* (1786) histórias de conquistas especialmente nas ciências naturais, onde inclui uma breve história das mulheres na astronomia. Entre 1650 e 1710 cerca de quatorze por cento de todos os astrônomos alemães eram mulheres, pois nos observatórios familiares homens e mulheres trabalhavam como uma equipe sobre problemas comuns e não havia uma dedicação exclusiva às tarefas domésticas.

Christine de Pizon (1363-1430)[2], historiadora de mulheres, defendia o papel vital das mulheres na sociedade, criticava a misoginia presente no meio literário da época predominantemente masculino, foi a primeira mulher francesa de letras a viver do seu trabalho e assegurava que muitas ciências e artes grandes e dignas de notas foram descobertas através do entendimento e sutileza de mulheres, tanto na especulação cognitiva, demonstrada em escritos, como nas artes, manifestadas em obras de trabalho manual.

A obra de Christine de Pizan foi precedida e seguida por diversas enciclopédias de mulheres famosas. A primeira foi a de Giovanni Boccaccio que em sua enciclopédia *De mulieribus claris* (1361) (SCHIEBINGER, 2001 p. 55) escreveu 106 biografias de rainhas reais ou mitológicas, notabilizando-as por meio de biografias curtas, no intuito de provar que as mulheres eram capazes de grandes realizações e por isso deveriam ser aceitas nas instituições científicas. Boccaccio alega ter escrito as biografias para a posteridade de mulheres que eram renomadas, tanto bem quanto mal. Ele acreditou que recontando as ações de certas mulheres que haviam sido más serviria de compensação para a exortação das virtudes das ações das mulheres boas.

O formato enciclopédico, o tipo mais comum de história das mulheres na ciência do século XIV até o XIX, foi desenvolvido por aqueles que queriam argumentar em defesa de maior participação das mulheres na ciência. Segundo Schiebinger os enciclopedistas reuniam nomes de mulheres renomadas no sentido de provar que as mulheres eram capazes de grandes realizações e deveriam ser admitidas nas instituições científicas.

O homem de letras francês, Gilles Ménage publicou em 1690, uma enciclopédia[3] de mulheres destacadas na filosofia antiga e moderna como parte de uma proposta para admissão de mulheres na

---

[2] Christine cresceu na brilhante atmosfera da corte e seu pai Thomas Pizon grande humanista italiano, partidário da educação das mulheres lhe dispensou todos os saberes. Ao ser recomendada como biógrafa oficial de Carlos V, teve reconhecimento institucional que nenhuma mulher tinha atingido até aquele momento.

[3] Historia mulierum philosopharum (1690) de Gilles Ménage, tradução da língua francesa como : Histoire des femmes philosophes, Gilles Ménage, 2006, Paris, citado por Schiebinger (2001).

Académie Française. Este trabalho foi mais do que uma compilação acadêmica de 65 mulheres filósofos, sua pretensão foi criar uma história para essas mulheres. A *Académie Française* foi a primeira academia no grande sistema da França, fundada trinta e um anos antes da prestigiosa *Académie Royale des Sciences* em Paris.

Marília Gomes de Carvalho, pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações de Gênero e Tecnologia (Getec) do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná-UTFPR, num debate sobre a participação das mulheres na carreira científica no CNPQ, em 2010, diz que em função da representação da mulher como passiva, frágil, doméstica e mãe "a mulher em todas as instâncias tem que provar sempre que tem competência, o que não é igualmente cobrado dos homens". Por causa dessa visão, segundo Marília, a mulher enfrenta mais dificuldades que os homens, que já possuem historicamente o *ethos* de serem vistos sempre como os mais fortes, os líderes e os mais competentes.

Neste contexto, diversas(os) autoras (es) têm se dedicado a compreender a ausência ou a suposta invisibilidade das mulheres na história da ciência e segundo Eulalia Pérez Sedeño (2003) esta invisibilização é uma distorção histórica, pois os historiadores representam maioria expressiva e por isso em certo sentido a história é masculina e as mulheres não aparecem como protagonistas na história da produção de conhecimento científico.

Ana Collin destaca que a história das mulheres é uma história recente, porque desde o século XIX, quando a História se transforma em disciplina científica, o lugar da mulher dependeu das representações dos homens, que foram por muito tempo os únicos historiadores apresentando a história dos homens como universal e a história das mulheres desenvolveu-se a sua margem.

Na década de 60, as mulheres quiseram contar sua história, olharam para trás e viram que não tinha nenhuma, não existiam, eram somente uma representação do olhar masculino, os homens a contavam. (Collin, 2004, p. 31).

Collin (2004) afirma que:

> os historiadores fizeram a historiografia do silêncio, a história transformou-se em relato que esqueceu as mulheres, como se por serem destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estivessem fora do tempo, fora do acontecimento, a universalidade do "eles" mascarou o privilégio masculino, aparecendo como uma neutralidade sexual dos sujeitos.

Sobre a influência de diversos autores como por exemplo Michel Foucault, a história passou a incluir em seus estudos o modo como certas ideias ou temas são excluídos de um sistema intelectual de acordo com preferências políticas, dando importância às práticas e representações e também aos

diferentes espaços, como público e privado, masculino, feminino, pessoal e impessoal e assim por diante.

Mariana Sombrio (2007) nos relata ao falar da história das mulheres pensada a partir do conceito de gênero que se desenvolveu sob a influência da Nova História Cultural (porque ela era mais eclética, tanto no plano coletivo como no individual), que através da escolha de novos objetos de estudos, tornou-se possível encontrar a participação das mulheres e escrever suas histórias.

Em História da Sexualidade, Michel Foucault afirma que para compreender a história das mulheres deve-se levar em conta que esta "história também tem sua história, e portanto pode ser mudada a cada instante". A análise foucaultiana considera o homem e a mulher como criações e consequências de uma determinada estrutura do poder que é adequada à pesquisa sobre as mulheres e às relações entre os sexos.[4]

No início dos anos 80, a pesquisadora da História da Ciência Margaret W. Rossiter, apresentou dois conceitos que ajudavam a entender o porquê da pequena presença feminina na ciência, bem como as desvantagens que as mulheres continuam a sofrer ao longo dos tempos. Rossiter cunhou os termos "segregação hierárquica"[5] e "segregação territorial[6]". O primeiro diz que quanto mais se sobe ao topo da cadeia de comando em um campo de conhecimento, menor a presença de mulheres, o último por sua vez descreve o fenômeno em que as mulheres "se agrupam em disciplinas científicas". Rossiter explica que as descobertas e contribuições científicas feitas por mulheres durante muito tempo foram atribuídas aos homens, sendo a verdadeira autora colocada em segundo plano ou até mesmo apagada por completo.

O exemplo mais elucidativo de territorialidade ocupacional costumava ser o de que mulheres ficavam em casa[7] e os homens saiam para trabalhar. Com as conquistas femininas, essa prática deixou de ser socialmente aceita, porém mesmo nas ciências, os cargos de chefia ainda são espaços nebulosos onde a presença feminina ainda é rara.

---

[4] C.f.; FOUCAULT, 2010, v.1.

[5] Refere-se à exclusão das mulheres ao topo da carreira, dos postos de decisão e de reconhecimento, produzindo o fenômeno denominado "teto de vidro". Neste sentido, a expressão "teto de vidro" é utilizado como metáfora que significa a invisibilidade dos obstáculos que limitam e dificultam a ascensão das mulheres na carreira profissional, uma vez que não existe barreiras que justifiquem o fato das mulheres não conseguirem ascender profissionalmente na mesma proporção que os homens. As mulheres têm a ilusão de que elas podem subir, mas em determinado momento alguma coisa impede", afirma. Isso faz com que os cargos de diretoria, de chefia e de representação continuem sendo ocupados por homens.

[6] Segregação territorial refere-se à divisão sexual nas áreas de conhecimento, ou seja as mulheres estão mais presentes em alguns setores e atividades do que em outros, caracterizando determinadas áreas como femininas ou masculinas na ciência (Schiebinger, 2001).

[7] Ocultar as mulheres da História é como se a humanidade tivesse caminhado somente com os passos masculinos. A capacidade de reprodução da mulher a transforma em signo de inferioridade, para os gregos a maternidade tem se convertido em signo de desigualdade e menoridade, transformando-se no real impedimento feminino ao poder, ao trabalho à cidadania.

Chassot (2004, 2006), nos relata que na historiografia da ciência, Hipátia, matemática e filósofa em Alexandria foi a primeira mulher a ser reconhecida como cientista da época, ela é considerada uma figura emblemática, símbolo da ciência e da sabedoria da Antiguidade e durante 15 séculos foi a única cientista do sexo feminino. Fazia palestras sobre Matemática, Filosofia, Física e Astronomia, vítima da intolerância cristã, foi brutalmente assassinada.

Quando se fala de mulher e ciência, outro nome que surge é da física polonesa Marie Curie (1867-1934) que recebeu dois Prêmios Nobel de Ciência, O Nobel de Física em 1903 junto com seu marido Pierre Curie e Henri Becquerel e o Nobel de Química em 1911 pela descoberta do Polônio e do Rádio e pela contribuição no avanço da Química, entretanto o seu acesso a academia de Ciências de Paris foi negado duas vezes, provavelmente por ser mulher, e o trabalho dela sobre a descoberta da radioatividade foi ignorado na Academia de Ciências até que o marido assumiu a coautoria.

A sociedade sempre leu a mulher a partir de seu corpo, fechando-a na reprodução e na afetividade. A natureza (menstruação, gravidez e parto), destinava às mulheres ao silêncio e à obscuridade, impossibilitando-as de outras formas de criação. Entretanto, Marie Curie contribuiu com uma autobiografia fornecendo relatos de primeira mão de sua luta para deixar uma marca na ciência. (SCHIEBINGER, 2001, p. 59).

Eliane Volchan, neurocientista e docente da UFRJ, debateu através de diversos experimentos como a forma da construção e apreensão do mundo pelas pessoas influenciam suas decisões. Em um dos estudos mostrados no Simpósio Mulher e Ciência organizado pelo Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho (IBCCF) em 2014 o mesmo currículo foi disponibilizado a examinadores somente com o nome trocado, um nome no gênero masculino e outro no gênero feminino. Os currículos com nome de homem tiveram uma aceitação maior[8]. Preconceitos sociais referentes a gênero, origem étnica e condição financeira com sentido são reproduzidos no que Robert Merton (1968) chama de "efeito Matheus" nas ciências: diz que a contribuição de certos cientistas eminentes frequentemente é valorizada mais do que o pesquisador comparativamente desconhecido (fenômeno conhecido como vantagem acumulada). Para as mulheres ocorre um efeito distinto: suas descobertas e contribuições científicas são negadas e atribuídas aos homens pesquisadores com sua participação diminuída ou completamente negada. A historiadora Margaret W. Rossiter (1998, 2003), destaca ironicamente o 'efeito Matilda'[9]. Isso acontece pelo fato de que a Ciência é um campo que foi, por muito tempo dominado por homens, desde os antigos mosteiros e academias até

[8] C.f.; LISBOA, 2014.

[9] O Efeito Matilda foi cunhado em 1993 pela pesquisadora da Ciência Margaret W. Rossiter em homenagem a ativista dos direitos das mulheres do século XIX Matilda Josly Gage.C.f.. http://www.momentumsaga.com/2014/01/o-efeito-matilda.html. Rossiter cunhou o termo Efeito Matilda para a repressão e negação sistemática das contribuições de mulheres cientistas em pesquisas, cujo trabalho comumente é atribuído aos seus colegas homens.

nos grandes laboratórios modernos nos dias de hoje. Com a democratização do ensino e com a popularização das ciências, temos áreas que são cada vez mais populares atraindo mais e mais moças e mulheres para a ciência:

> Mas ainda assim somos vistas como "Marias Diplomas", em alusão a outros títulos machistas como "Marias Chuteiras" e afins. É uma maneira de diminuir a capacidade intelectual de uma pessoa baseada em seu gênero, achando que ela tem menor ou nenhuma capacidade do que seus colegas do sexo masculino. (SYBYLLA, 2014)

No Brasil as pesquisadoras Hildete Pereira de Melo e Ligia Maria C.S. Rodrigues lançaram em 2013 a primeira edição de Pioneiras da Ciência no Brasil com o objetivo principal de mostrar as histórias das mulheres pesquisadoras que contribuíram de forma relevante para o avanço do conhecimento científico e para a formação e ampliação do sistema científico e tecnológico do país, relatando suas trajetórias pessoais e acadêmicas, observando não somente os resultados dos seus sucessos, como também os obstáculos enfrentados no seu caminho.

A produção da ciência no Brasil ainda é vista como uma produção masculina, contudo não só no Brasil como no mundo, evidentemente houve avanços e por trás das pesquisas científicas que são feitas há mulheres trabalhando nestes laboratórios, portanto torna-se necessário pontuar o momento do aumento da participação feminina nas ciências.

As mudanças econômicas e sociais do começo do século XX proporcionaram novas oportunidades para as mulheres nas ciências em muitos lugares do mundo, e nisso inclui-se o Brasil[10]. Foi nesse período que as primeiras cientistas ingressaram em instituições públicas de pesquisa, locais em que anteriormente não eram aceitas e adquiriram direitos como o acesso ao ensino superior e o ingresso em escolas antes exclusivamente masculinas.

A necessidade crescente de recursos humanos para atividades estratégicas como a ciência, o movimento de liberação feminina e a luta pela igualdade entre homens e mulheres permitiram a elas acesso, cada vez maior, à educação científica e à carreiras tradicionalmente ocupadas por homem.[11]

Apesar das dificuldades e desafios que as mulheres enfrentaram para poderem produzir ciência em um meio que foi construído de acordo com os parâmetros masculinos, elas ainda assim o fizeram, e apesar dos mecanismos de exclusão, seja pelos processos formais que impediam por leis ou regulamentos o acesso das mulheres às universidades, seja pelos discursos científicos que ao "naturalizarem" as diferenças entre homens e mulheres, determinavam os lugares sociais que os sujeitos deveriam ocupar de acordo com suas características biológicas.

---

[10]As décadas de 60 e 70 do século 20 assistiram à quebra de antigos preconceitos, num movimento que se originou nos Estados Unidos e tomou contornos mais nítidos nos anos 70, acompanhando as reivindicações pelo fim da Guerra do Vietnã e alinhando-se com os protestos das minorias marginalizadas (Almeida, 2000).
O apogeu do movimento feminista, na Europa e Estados Unidos nas décadas de 60 e 70 influenciaram a produção da História da Mulher. (Nota da autora).

[11] Nos anos 70 as mulheres tiveram possibilidades de exercer profissões e o acesso às universidades foi consolidado.

Apesar dos processos culturais de invisibilização de mulheres cientistas ao longo da história, as mulheres em maior ou menor representatividade estiveram presentes e atuantes na história das ciências, apesar de não aparecerem como protagonistas na história da produção do conhecimento científico.

Segundo Corrêa (2003, p. 190) era um implícito comum no âmbito das pesquisas feitas por casais de pesquisadores em geral estrangeiros, no Brasil nas décadas de 30 a 50 a designação de "esposas de' para as pesquisadoras que acompanhavam seus maridos[12]. Além de trabalhar ao lado de seus maridos, as mulheres desempenharam o que a historiadora Rossiter (1982)[13] chama de "trabalho de mulheres na ciência". As mulheres estrangeiras que vinham ao Brasil estavam majoritariamente enquadradas em duas situações principais: "ou elas faziam parte de um time profissional com seus maridos, ou corriam o risco de serem mal vistas pelos pesquisadores locais, em sua maioria homens". Corrêa (2003, p. 24).

Inúmeras mulheres anônimas serviram como equipes e técnicas invisíveis apoiando o homem no centro do palco, a exceção foi a antropóloga Ruth Landes, que veio ao Brasil para fazer uma pesquisa por conta própria e foi acusada de ter publicado um trabalho "num estilo popular."[14] Sally Cole, biógrafa de Ruth diz que o livro sobre as mulheres ojibwa "iniciou a vida pública de controvérsias de Landes na antropologia." Peter Fry diz que: … "interessa, e como, reconhecer que Ruth Landes tocou em pelo menos três feridas antropológicas da época: o status das mulheres na sociedade brasileira, o lugar da África na interpretação da 'cultura negra' no Novo Mundo e a relação entre homossexualidade masculina e religiosidade afro-brasileira".

Do ponto de vista histórico, Chassot não tem dúvida de que foi um processo cultural, no qual as mulheres não tiveram espaço e liberdade de expressão, especialmente no que se refere à Ciência. Em um texto que foi usado dentro do Programa de Pós-Graduação Unisinos em 2004 Chassot faz os seguintes questionamentos:

> Sobre a quase ausência de mulheres na História da Ciência não deixa de ser significativo que, ainda nas primeiras décadas do século 20, a Ciência estava culturalmente definida, como uma carreira imprópria para a mulher, da mesma maneira que, ainda na segunda metade do século 20, se dizia quais as de mulheres. Porque, na aurora do terceiro milênio, há mais alunas em cursos de Pedagogia? Ou
> mais alunos de Geologia? Não continuamos demarcando quais são os espaços
> públicos ou quais as profissões dos homens e das mulheres?[15] (Chassot 2004, p.13).

[12] Se nem todas eram profissionais, todas acompanharam os maridos ao campo e mereceram agradecimentos quando da publicação de seus trabalhos.
[13] C.f.; ROSSITER, 1940.
[14] Sobre o assunto ver Ruth Landes. **A cidade das mulheres.** Tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva. 2.ed. rev. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
[15] C.f.; CHASSOT, 2004.

A participação de mulheres na história das ciências foi marcada por ausências e presenças. Nos anos iniciais da Revolução Científica, muitas mulheres envolveram-se com atividades ditas científicas, tais como observando os céus por meio de telescópios, olhando através de microscópios, analisando plantas, insetos ou outros animais, juntamente com seus pais, irmãos, maridos ou filhos cientistas (SCHIEBINGER, 2001).

Em seus primórdios a ciência moderna permitia a participação de mulheres, nos salões organizados e dirigidos por mulheres, elas eram incentivadas a buscar conhecimento científico, apesar do cunho literário, pois ciência estava na moda. Ao instituir-se como sociedade nas Academias a Ciência excluiu as mulheres que ficaram restritas ao âmbito do fazer doméstico. Entretanto as mulheres ainda participaram ativamente do fazer científico, sendo responsáveis pela escrituração científica, filhas e esposas organizaram e catalogaram, assim como redigiram e reescreveram manuscritos científicos de pais e esposos, respeitando a concepção dos papéis a desempenhar.

A trajetória das mulheres na ciência é constituída numa cultura baseada no "modelo masculino" de carreira (VELHO, 2006), que envolve compromissos de tempo integral para o trabalho, produtividade em pesquisa, relações academicamente competitivas e a valorização de características masculinas que em certa medida, dificultam, restringem e direcionam a participação das mulheres no mundo da ciência.

A ciência se institucionalizou, houve a separação entre o público e o privado, desenvolveu-se o capitalismo, e a participação das mulheres ficou mais restrita, com exceções[16], as mulheres não puderam desenvolver pesquisas nem mesmo como auxiliares, pois a elas estavam destinado assumir o lar, os filhos e o marido[17] e somente no final do século XIX e início do século XX as universidades passaram a admitir efetivamente mulheres em seus quadros, embora as mesmas tenham sido criadas no século XII.

Assim o mundo da ciência se estruturou em bases quase exclusivamente masculinas, ora excluindo as mulheres, ora negando suas produções científicas, por meio de discursos e práticas nada neutros (SILVA, 2012). Nesse cenário elas desenvolveram novas estratégias com o objetivo de se inserirem nas pesquisas mesmo de forma silenciosa por meio de colaboração com seus companheiros.

No panorama brasileiro, por um longo período, a educação feminina esteve restrita ao ensino elementar, pois a educação superior era eminentemente masculina, e visava essencialmente a

[16] Ibid., p.69.

[17] seria a questão da disponibilidade que a carreira exige tanto de homens quanto de mulheres, filhos e maridos seriam obstáculos. A maneira como a sociedade se organizou faz com que a obrigação de socializar os filhos seja feminina.

formação de profissionais (oficiais militares, engenheiros, médicos e advogados), sendo que as mulheres foram excluídas das primeiras faculdades brasileiras (Medicina, Engenharia e Direito) estabelecidas no século XIX, marcado pela profissionalização da ciência.

A restrita presença de mulheres nos cursos secundários e a formação diferenciada para mulheres e homens, durante o século XIX, marcado pela profissionalização da ciência e a primeira metade do século XX, inviabilizaram e restringiram a entrada das mulheres nos cursos superiores (BELTRÃO; ALVES, 2009). Este cenário permaneceu por todo o século[18].

Segundo Lopes (2012) no Brasil as mulheres só tiveram acesso ao ensino superior a partir de 1879. Por conta da reforma Leôncio de Carvalho o governo brasileiro permitiu que mulheres ingressassem em instituições nacionais de ensino superior. O Decreto 7.247, de 19 de abril de 1879 em seu artigo 24, garantia a liberdade e o direito da mulher frequentar as faculdades e obter um título acadêmico, porém não de forma efetiva, havia restrições a sua presença, além dos altos custos da educação secundária que dificultavam seu acesso à formação acadêmica.

Uma mudança considerável acontece em meados do século XX com a luta das mulheres por espaço público, pela publicização do privado e pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, e por conta destes fatos já não eram poucas as mulheres que exerciam alguma atividade científica no país, visto que dentre suas reivindicações estava o acesso à educação científica e às carreiras tradicionalmente ocupadas pelos homens.

Sob a ótica feminina na Ciência, estudiosos de gênero analisaram a participação das mulheres nas transformações sociais sob diferentes pontos de vista. Em "O feminismo mudou a Ciência?". Londa Schiebinger (2001), esmiuçando o fazer das mulheres em diferentes ciências e sob vários ângulos mostra que a presença da mulher no fazer científico é importante não apenas para dirimir a segregação por sexo. Para Schiebinger (2001, p. 14) o sentido da palavra gênero esteve por um exageradamente longo tempo associado em sua essência ao conceito de sexo e a ideologias que prescreviam as características e comportamentos aceitáveis para homens e mulheres. Para ela, gênero deve ser entendido como a compreensão multidimensional e dinâmica do que significa ser homem e mulher dentro de contextos sociais específicos.

Nas décadas de 1920 e 1930, o governo brasileiro começou a incentivar fortemente a consolidação das ciências básicas e das atividades de pesquisa no país, sendo criadas nesse período as primeiras universidades brasileiras e a Academia Brasileira de Ciência, entre outros órgãos que visavam promover o desenvolvimento da pesquisa científica.

Para as mulheres, educar-se e instruir-se mais do que nunca era uma forma de quebrar grilhões domésticos e de sair para o espaço público, adequando-se às normas sociais e às exigências

[18] C.f.; SCHWARTZMAN, (Org.) 1982.

da vida pessoal. A educação das mulheres, que a princípio foi negada tendo como justificativa sua frágil constituição física e emocional, acabou-se por revelar-se uma necessidade, notadamente no período pós-republicano. Nesse novo cenário às mulheres possuidoras dos saberes privados sobre o mundo dos homens passaram a reivindicar o saber público, mesmo derivado do masculino e referendado com seu selo oficial. Este saber público foi de certa maneira, a via de acesso ao poder. (ALMEIDA, 2000).

Hildete Pereira Melo (2014) em entrevista sobre desafios e avanços das mulheres no campo científico nos diz:

> Certamente o século XX é o século em que as mulheres avançaram, não só no Brasil, mas também no mundo, enquanto pessoa humana e ser social, com a educação. A educação, a partir do século XX foi mais franqueada às mulheres. E elas foram em massa para as escolas, já no século XX. A escolarização foi provavelmente o maior avanço que nós fazemos ao longo do século passado.

Desta forma, a escolaridade foi um enorme avanço, como também a entrada nos laboratórios e nas salas de aulas das universidades brasileiras ao longo dos anos 1950 e 1960, concomitantemente a isso, o mercado de trabalho também se abriu com mais este avanço da escolaridade. As mulheres viam no acesso ao letramento e ao conhecimento o caminho mais direto para a liberação feminina das limitações a que estavam sujeitas, considerando que a educação e instrução promoveriam avanços significativos na existência feminina.

Assim sendo, na primeira metade do século XX homens e mulheres trabalharam em prol do desenvolvimento das ciências no Brasil, embora a participação das mulheres seja pouco lembrada pelo historiografia brasileira e "quando pensamos em invenção, a sociedade nunca atribui suas descobertas a um gênio feminino, sempre tem um homem por trás, o que as pessoas não sabem é que os gênios precisam trabalhar com outras pessoas, que são gênios também, ou podem ser pessoas normais, mas que dão suporte às atividades científicas e nas pesquisas científicas que são feitas não encontramos nenhum avanço científico que não tenha mulheres por trás, trabalhando nestes laboratórios", diz a professora e economista Hildete Pereira Melo em entrevista concedida ao jornalista Edmar Braga Filho (2014).

As análises de gênero na ciência têm mostrado que a quantidade de mulheres que optam por carreiras científicas tem aumentado consideravelmente, de tal forma que a participação de mulheres e homens em algumas áreas é equivalente, bem como em outras as mulheres superam o número de homens. Para exemplificar, cabe destacar os trabalhos de autoras como Fanny Tabak (2002), Jacqueline Leta (2003), Hildete Pereira de Melo e Helena Lastres (2006), Léa Velho e Vivianna

Prochazka (2003), María Elina Estébanez et al (2003), entre outras, que a partir de dados estatísticos discutem sob diversos aspectos a participação das mulheres na ciência moderna. (SILVA; RIBEIRO, 2011).

Atualmente é significativo o número de mulheres em muitas universidades do país, são docentes e discentes, entretanto ainda se evidencia uma participação de modo dicotomizado ou que está aquém da presença masculina. A exclusão das mulheres ao topo da carreira dos postos de decisão e de reconhecimento produz o fenômeno denominado "teto de vidro"[19] onde a existência de barreiras ao acesso a níveis de maior hierarquia e prestígio compromete, geralmente, as mulheres na construção de sua carreira na ciência, uma vez que não existem barreiras que justifiquem o fato das mulheres não conseguirem ascender profissionalmente na mesma proporção que os homens.

Garcia e Sedeño (2006) ao desvelar o feminino na construção do conhecimento, diz que a participação das mulheres nas ciências se encontra mundialmente em torno de 30%, já em altos postos estima-se que em torno de 5 a 10%, embora nas áreas consideradas masculinas como a Física essa taxa seja ainda menor. Neste contexto Tabak (2002) argumenta sobre a necessidade de ações que motivem a inserção das mulheres na ciência, sobretudo em determinados campos da ciência. Para a autora, é fundamental modificar currículos da Educação Básica e da Universidade, principalmente os métodos pedagógicos, de modo a estimular as mulheres a integrarem o campo da ciência. Não é só difícil crescer na carreira política como atuar neste meio em que o feminismo é estruturalmente subjugado.

A Ciência foi construída em pilares androcêntricos, seu fim pretende-se objetivo, não prevê interação, sua relação é de controle e domínio, pretende a decomposição das partes, transforma o que estuda em objeto. Sua prática é competitiva e hierárquica. Os valores masculinos não apenas são os mais prestigiados como há uma constante tentativa de exclusão do que são considerados valores e saberes historicamente associados ao feminino (LIMA, 2008).

No Brasil segundo Leta (2003, p.274) a expansão da comunidade científica e da ciência faz parte da história recente do país e até o século XX, o número de instituições voltadas para a ciência era muito limitado e foi no final dos anos 1960, com a edição do Plano Estratégico de Desenvolvimento Nacional, que a questão científica tecnológica surgiu como presença constante no planejamento nacional.

O que me instigou a investigar a vida de uma dessas mulheres foi justamente o ambiente científico dominado por homens, pelo fato de ser sua trajetória no cenário antropológico brasileiro marcante, onde por meio de seu trabalho, disseminou, promoveu e divulgou a Antropologia no

[19] A exclusão das mulheres é discutida em Schiebinger (2001) a respeito do fenômeno denominado "teto de vidro". Teto de vidro: os homens têm sempre a possibilidade de progredir na carreira e as mulheres param num patamar (nota da autora).

Brasil, consolidando a atuação feminina na história das ciências no Brasil e no Museu Nacional, instituição científica brasileira criada no início do século XIX e que durante o século XX, abriu as portas às mulheres nos espaços formais da ciência ainda que de forma restrita e lentamente. (LOPES, 2009, p. 40).

2 SOBRE HELOÍSA ALBERTO TORRES

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, apresentaremos um levantamento do que existe a respeito de Heloísa Alberto Torres.[20]

Figura 1 - Heloísa Alberto Torres (1895-1977)

Fonte: FARIA (1978)

2.1 ALGUMAS OBRAS SOBRE HELOÍSA ALBERTO TORRES

O relatório do Museu Nacional intitulado Diretores do Museu Nacional/UFRJ organizado pela Seção de Museologia em 2007/2008, descreve as principais realizações de todos os diretores do

[20] Filha de Alberto Torres Seixas Martins (1865-1917), Heloísa deve à figura do pai o modelo intelectual e de homem público em que espelharia sua trajetória profissional. Tornou-se Ministro da Justiça aos 30 anos, no Governo de Prudente de Moraes entre 1896 e 1898.

Museu Nacional ressaltando a importância dessas personalidades no progresso da ciência, pesquisa e ensino na instituição e no país, evidenciando a participação das mulheres na ciência. A primeira instituição museológica e de pesquisa do Brasil, o Museu Nacional/UFRJ, segue seu pioneirismo com estudos de ponta e amplo acervo enriquecido constantemente é uma instituição viva, atuante e alinhada ao século XXI.

A partir deste documento, condições foram criadas para problematizarmos a forma como a cientista Heloísa Alberto Torres, naturalizou o fazer ciência num mundo marcadamente masculino, designando o lugar da mulher na sociedade no século XX e dentro do primeiro museu de ciências naturais e antropológicas do país. Alguns materiais foram sendo identificados em artigos, teses, livros, relatórios, cartas, jornais, monografias, ofícios, que descreviam o desafio e as conquistas da antropóloga Heloísa Alberto Torres, dentre os quais, passo a enunciar abaixo:

Corrêa (1997) em seu artigo intitulado Dona Heloísa[21] e a pesquisa de campo, ressaltou a importância do incentivo dado por Heloísa Alberto Torres ao desenvolvimento das práticas de campo na pesquisa antropológica brasileira no início do século XX. Heloísa empenhava-se em orientar jovens pesquisadores a guiarem suas pesquisas focados no trabalho de campo, e investindo no estabelecimento de laços com pesquisadores estrangeiros. O próprio trabalho antropológico de Heloísa Alberto Torres foi realizado essencialmente no campo, já que ela não costumava publicar artigos sobre suas expedições, entretanto ela investia uma enorme energia nos bastidores da pesquisa de campo (SOMBRIO, 2016).

Em ofício[22] do Museu Nacional datado de 10 de julho de 1921 encontrado no acervo de Roquete Pinto na ABL, o diretor Bruno Lobo, autoriza Heloísa juntamente com outras mulheres a realizar um estudo sobre as determinações das características antropológicas em indivíduos do sexo feminino, tais como mensurações, que consistia em importante campo da ciência antropológica da época.

As medições deveriam ser feitas como atenta Lobo, em diversos pontos, com associações femininas, escolas, ateliês etc, sendo transferidas mais tarde para outros pontos desde que tenham esgotado os elementos a serem medidos em um referido local.

> "Tornando-se necessário a fim de que as mensurações antropométricas destinadas à determinação das características antropológicas da população brasileira sejam verdadeiramente representadas, completar as mensurações feitas por homens, por outras feitas em indivíduos do sexo feminino, apresento-vos as Sras. Laura Fonseca da Silva, Emilie Saldanha da Gama, Heloísa Alberto Torres e Noêmia Salles, as quais deverão encarrega-se das mensurações em mulheres".

[21] Como era carinhosamente conhecida.

[22] Of.n.730. Bruno Lobo, Diretor a Exmo Sr. Professor Roquete-Pinto. 18/07/1921. (Arquivo Roquette-Pinto, Pasta 27-6-25).

Segundo Edgard Roquette-Pinto elas eram "habilitadas e dignas de confiança" e que antes de iniciar o respectivo serviço praticaram sob sua direção", tendo demonstrado dedicação para que os estudos pudessem contar com material obtido sobre a mulher brasileira e que felizmente elas encontraram boa vontade por parte da população feminina natural do País, que de certa forma compreendia a importância deste estudo para o país[23]. Nesta narrativa percebemos a importância dada ao trabalho feito pelas mulheres. Em um ano de trabalho, foram coletadas 600 fichas antropométricas femininas pelas auxiliares de pesquisa, tendo à frente das turmas a então estagiária do Museu Nacional Heloísa Alberto Torres.

Ribeiro (2000), em sua Tese de Doutorado intitulada "Heloísa Alberto Torres e Marina São Paulo de Vasconcelos: entrelaçamento de círculos das ciências sociais na cidade do Rio de Janeiro" apresenta que Heloísa Alberto Torres obteve muito cedo reconhecimento de sua autoridade para realizar projetos, selecionar e formar pesquisadores no campo da Antropologia. Soube impor sua vontade no sentido de fazer de sua disciplina um instrumento científico para a preservação da cultura brasileira.

Corrêa (2003, p.143), trazendo o melhor da reflexão acadêmica sobre antropologia, relações de gênero e a história das ciências num texto de grande eloquência, percorrendo as primeiras décadas do século 20 nos apresenta Heloísa Alberto Torres, preocupada com o pós segunda guerra, sugerindo ao presidente da República que seja criada a carreira de antropologista-auxiliar, já que alguns antropólogos certamente voltariam os olhos para o nosso país, entre eles Charles Wagley com quem ela já mantinha uma intensa correspondência e que "usando seu prestígio e ampla rede de amizades" dona Heloísa guiava os pesquisadores visitantes "através da intrincada burocracia, que exigia o registro de estrangeiros e uma permissão especial para realizar expedições científicas no país, além de vários outros documentos oficiais."

Lopes, Sousa, Sombrio (2004) no artigo sobre a construção da invisibilidade das mulheres nas ciências, diz que Heloísa Alberto Torres no contexto das comemorações do Centenário de Adolpho

[23] MN DR. P.91 D. 872 1922.

Lutz, autorizou Bertha Lutz[24] a trabalhar na coleção de Anfíbios Anuros do falecido pai, revelando assim uma cumplicidade e solidariedade feminista entre elas.[25]

Em sua Tese intitulada Traços da participação feminina na institucionalização de práticas científicas no Brasil, SOMBRIO (2007 p.80), diz que Bertha Lutz e Heloísa Alberto Torres desempenharam a função de representante do Museu Nacional no Conselho de Fiscalização com diferentes interesses e ao mesmo tempo, de formas parecidas:

> As duas pareciam estar preocupadas com o rumo que o desenvolvimento científico brasileiro tomaria, importando-se em abrir caminho para a cooperação científica internacional entre as instituições brasileiras e os pesquisadores licenciados pelo Conselho de Fiscalização. Ajudavam pessoalmente os expedicionários a conseguir autorizações necessárias para excursionar no país, com claros interesses nas coleções e estudos feitos por eles.

Possuíam personalidades e objetivos diferentes, mas ingressaram em instituições públicas contemporaneamente e se destacaram em suas carreiras científicas nas primeiras décadas do século XX, compartilhando o mesmo ambiente de trabalho por muitos anos, estabeleceram uma relação de cumplicidade que contribuiu para o trabalho de ambas.[26]

Heloísa e Berta trocaram correspondências ao longo dos anos em que trabalhavam no Museu demonstrando que se apoiavam dentro e fora da instituição, consolidando carreiras científicas estáveis na qual foram as duas primeiras cientistas mulheres a ingressarem oficialmente, via concurso público, concretizando uma participação nas ciências que contribuiu para o desenvolvimento do trabalho de todas as mulheres

Sombrio (2007) ainda relata que Heloísa Alberto Torres como diretora do Museu Nacional e membro influente do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil[27] "pode criar e executar um programa institucional, largamente documentado, que visava entre outros aspectos, o treinamento de antropólogos em áreas e temas de pesquisas específicos com especial

---

[24] Bertha Lutz (1894-1976) era a única mulher cientista no Museu Nacional contemporânea de Heloísa Alberto Torres, tendo ingressado no Museu, por meio de concurso, em 1919, como zoóloga. Ao visitar 58 museus em 20 cidades nos Estados Unidos em 1932, Bertha enviou ao diretor do Museu Nacional, Roquette-Pinto, um relatório intitulado "O papel educativo dos museus americanos", onde referenciou os trabalhos clássicos das mais influentes personalidades de museus de então, os primeiros estudos de público do fim da década de 1920, a importância da propaganda científica pelo rádio, pelo cinema e pela imprensa e como não poderia faltar, suas observações sobre a "mulher no museu", onde ela verificou como é grande o número de mulheres que nele exercia atividades, desempenhando diversos misteres, desde os mais humildes até os mais exaltados, desde aqueles que não dependiam se não de assiduidade e noção de dever até aquele que exigem elevado grau de cultura e preparo técnico superior.

[25] As cópias das correspondências trocada entre Bertha Lutz e Heloísa Alberto Torres, encontra-se nos Arquivos da Casa de Cultura Heloísa Alberto Torres e no momento da pesquisa empacotados e encaminhados ao MAST para digitalização.

[26] Ibid., p.72.

[27] CFEACB. No que se referia às ciências naturais, a principal instituição com quem o Conselho relacionava-se era o Museu Nacional do Rio de Janeiro, para onde era enviada a maior parte do material apreendido e adquirido por ele.

valorização da etologia. É possível perceber o constante empenho de Heloísa Alberto Torres em beneficiar o Museu Nacional.

Mariza Corrêa e Januária Mello (2008) abordam a contribuição de Heloísa Alberto Torres enquanto diretora do Museu Nacional para a institucionalização da disciplina Antropologia, através de correspondências recebidas pela antropóloga e expedicionários em campo, entre eles Buell Quain, Charles Wagley e Eduardo Galvão.

Aspectos da atuação de Heloísa Alberto Torres que ao menos de um ano assumira o cargo de professor substituto da Seção titulada por Edgar Roquette-Pinto no Museu Nacional são citados por Sousa (2009, p. 124), em sua dissertação de mestrado intitulada Educação e profissionalização de mulheres: trajetória científica e feminista de Bertha Lutz no Museu Nacional do Rio de Janeiro (1919-1937).

Algumas cartas demonstram a experiência de Heloísa, assim como sua relação com Edgar Roquette Pinto e também com Cândido Rondon[28] que chefiava as expedições pelos sertões brasileiros empreendidas pelo Museu Nacional:

> "o tal sambaqui é um caso sério… um buraco"- seus planos, realizações e frustações de trabalho: "conto voltar para Iguape no dia 13 e estar em Santos a 20. Não posso me demorar mais por causa do tal curso do Backheuser (...) Fiquei radiante por saber que faço falta. Já vimos 9 sambaquis e algumas coisinhas. Fiquei desgostosíssima de estar esmagado o crânio do esqueleto que encontramos"

A carta[29] detalha suas atividades, os materiais encontrados, a recepção local com as alterações modernas da região e o trabalho com Roquete Pinto. Deixa transparecer as condições de comunicações existentes e finaliza a carta se dizendo maravilhada com as transformações que vão ocorrer em Registro, centro japonês por conta do mais novo meio comunicativo a Rádio Sociedade do qual participava.

Ribeiro (2010), relata em seu artigo cujo título é: Uma mulher intelectual em tempos pioneiros: Heloísa Alberto Torres, nação e formação das ciências sociais brasileiras, que Heloísa foi personagem de um romance cujo autor Bastos de Ávila, intelectual, médico e professor de Antropologia do Museu Nacional no Rio de Janeiro, com liberdade poética narra um significativo

[28]A prática adquirida no trato com os indígenas devido ao tempo em que conviveu com esses povos, quando à frente da construção das linhas telegráficas do Mato Grosso ao Amazonas, fez do Marechal, o homem ideal para dar conta do plano de expansão do interior, do governo Affonso Penna. Com a intenção de ampliar ainda mais o alcance das linhas telegráficas federais, Affonso Penna, Presidente da República entre os anos de 1906 e 1909, criou a Comissão de Linhas Telegráficas estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas, também conhecida como "Comissão Rondon."

[29] Helô a Dr. Roquette (ABL RP Pasta 28-2-12).

fragmento da história da ciência, protagonizado por uma jovem cientista, um misto de arqueóloga e antropóloga que vivenciava o ritual de passagem dos estudos de gabinete para a pesquisa de campo.

Ao visitar o acervo pessoal de Heloísa Alberto Torres, Adélia Maria Miglievich Ribeiro encontrou o caderno de campo da viagem à Marajó, onde encontram-se desenhos e mapas feitos a mão, pela autora de arquipélagos e logradouros a serem visitados, além de mapas, ilustrações, uma relação de expressões idiomáticas regionais diferentes a animais, comidas, peixes, bem como observações acerca da cultura local, Heloísa registrava também a data de início das escavações, o horário, o início e o término dos trabalhos diários.[30]

Domingues (2010, p. 625) diz em seu artigo sobre Heloísa Alberto Torres e o Inquérito Nacional sobre Ciências Naturais, que o documento enviado por Heloísa enquanto diretora do Museu Nacional a Pedro Calmon (1902-1985), reitor da Universidade do Brasil pode ser tomado como um manifesto em favor das ciências naturais e da antropologia no Brasil e que o inquérito seria histórico pois:

> É da análise histórica desses fatos que ressaltará o quadro dos nossos pensadores espontâneos pela natureza e da medida em que essa inclinação encontrou apoio; de como teria surgido qualquer manifestação sua, se a sombra de um estímulo despertado por naturalistas nacionais ou estrangeiros ou pela ação do próprio Governo.

A originalidade das ideias contidas no documento que Heloísa Alberto Torres enviou ao reitor da Unb consistia na associação científica da natureza e cultura, onde a preservação da natureza, tradição e desenvolvimento foram as palavras chaves que definiram a prática das ciências as quais Heloísa Alberto Torres, buscava manter no Museu Nacional que fora criado com o objetivo de: estudar e propagar os conhecimentos das ciências naturais no reino do Brasil, que encerra em si milhares de objetos dignos de observação e exame, e que podem ser empregados em benefício do comércio, da indústria e das Artes (...)[31].

Ribeiro, (2015, p. 98) nos diz que Heloísa entendeu que o Brasil se tornaria para as comunidades científicas estrangeiras um valioso e inigualável campo de estudos de pesquisas, razão pela qual os centros brasileiros formadores de antropólogos deveriam acelerar a implantação e formação de seus profissionais.

Ribeiro (2015) em seu livro sobre Heloísa Alberto Torres e Marina de Vasconcelos vistas como pioneiras na formação das ciências sociais no Rio de Janeiro, relata que Heloísa exerceu muitas funções em muitas instituições, mas agiu sobretudo no Museu Nacional e que seu

[30] Id 2000, p.57.
[31] Ibid, p.627.

protagonismo vai além de suas histórias particulares, colocando-a no seio de um esforço coletivo de formação e consolidação das ciências sociais no Rio de Janeiro.

> Heloísa encontrava-se na interface entre os círculos político e científico-intelectual, como única mulher do Conselho de Fiscalização a participar do debate que definia os problemas da nacionalidade e do patrimônio histórico e cultural brasileiro incorporando a problemática indígena.

Ribeiro (2000, p. 91) descreve: "O devotamento de Heloísa na causa da preservação indígena liga-se à sua própria história na Antropologia. Em 1937, Heloísa publicou um artigo "Contribuição para o Estudo da Proteção ao Material Arqueológico e Etnográfico do Brasil" no qual afirmava que o problema da proteção do índio comportava considerações generalizadas que deveriam ser tratadas com especial cuidado. No artigo ela observava ainda a necessidade urgente da existência de serviços públicos que reconhecessem e fizessem reconhecer, por parte dos *civilizados* em primeiro lugar, o direito dos índios à terra que habitavam". (TORRES, 1937, p. 19).[32]

2.2 ABORDAGENS SOBRE HELOÍSA ALBERTO TORRES

Para a tão decantada ausência e invisibilidade das mulheres ao longo das ciências na história, nunca é demais lembrar que é uma construção historiográfica contra a qual pelo menos ao final do século XIX e para o século XX, a existência de uma série de indicadores de produtividade cumpre um papel nada desprezível. Rossiter (1982, 1995) entre outras teóricas nos alerta para o caso da participação das mulheres americanas neste período, sem contar que nos anos 1980 na historiografia das ciências, as séries de perfis monográficos, as mulheres ganhadores de Nobel, as herdeiras de Hipatia contribuíram para desmistificar a invisibilidade das mulheres nas ciências.

Lopes (2012) relata que é pequeno o número de mulheres nas posições de poder e prestígio. A história das mulheres cientistas no Brasil no século XX, destaca o papel das mulheres e seu trabalho no Museu Nacional na promoção e divulgação da ciência no Brasil, apesar dos preconceitos, cujas conquistas negam qualquer discurso que desmereça a capacidade feminina e prova que mulheres cientistas não faltam na História. Apesar dos mitos e discriminações, algumas mulheres alcançam status e destaque nacional e internacional, tal como foi Heloísa Alberto Torres, uma unanimidade no meio da Antropologia.

Muitas informações levantadas para reconstruir a história da cientista Heloísa Alberto Torres foram encontradas, nos arquivos, museu, jornais, bibliotecas e na bibliografia primária que se

[32] Ibid, 2000, p.91.

refere a ela; sua vida em Itaboraí, sua estadia na Inglaterra durante o período que esteve estudando naquele país, sua experiência como estagiária do Professor Roquette-Pinto no Museu Nacional, onde iniciou um ciclo de trabalho profícuo, que culminou com sua nomeação ao mais alto cargo na direção do referido museu.

Este período, em especial, representou uma nova fase de existência do Museu, ao ter pela primeira vez uma mulher como diretora, o que se constituiu em um marco importante ao identificarmos que uma emblemática instituição científica começava a conceder espaço e possibilidades para o feminino e a partir disso, podemos elaborar reflexões sobre a participação das mulheres nas ciências com o objetivo de contribuir com a construção da história das mulheres nas ciências no Brasil.

Bourdieu (1998) em sua noção de trajetória nos auxilia a pensar a trajetória acadêmica e profissional desta cientista não como uma narrativa coerente de uma sequência de acontecimentos lineares, que tem começo, meio e fim, mas sim, como uma narrativa que constrói e ressignifica percursos, acontecimentos, experiências, representações de si e dos outros, que se desviam e se deslocam a todo momento a partir dos lugares sociais e culturais ocupados pelos sujeitos.

Não podemos compreender a trajetória da cientista Heloísa Alberto Torres, protagonista no desenvolvimento da Antropologia brasileira e no fortalecimento de instituições científicas e de cultura, cujo círculo de influência era muito amplo e majoritariamente masculino, sem ilustrar seu desempenho e centralidade que emanava tanto de sua posição institucional quanto de seu poder de acionar uma ampla rede social formada por antropólogos do mundo todo através da correspondência que mantinha com colegas ou agências de financiamento de pesquisa.

Cumpriu papel fundamental na construção desta disciplina, por meio de projetos e relatórios de pesquisa ou em orientações que dava aos jovens pesquisadores, fruto da vivência em um ambiente de atividade intelectual intensa, vibrante, refinada, numa casa em cuja sala de visitas se reuniam escritores de nomes consagrados.

O resgate de sua trajetória contribui com a desconstrução de ideias tradicionais que consideram as ciências como uma prática exclusivamente masculina. Seu desempenho no mundo público contribuiu para rotinização e normatização das atividades do campo das ciências sociais, sua trajetória a partir dos diferentes círculos sociais a que pertenceu evidencia o modo como colaborou para a manutenção e crescimento do círculo intelectual responsável ao longo do tempo pela formação das ciências sociais na cidade do Rio de Janeiro, juntamente com outras pioneiras.

Para Bourdieu (2001, p. 112), jamais a autonomia científica é total, o que significa dizer que as estratégias dos agentes engajados no campo científico são inseparavelmente científicas e sociais. Bourdieu (2001, p. 113) diz que o campo de relações simbólicas das ciências comporta duas

espécies de capital: um capital de autoridade propriamente científica, preferencialmente internacional. e um capital de poder sobre o mundo científico, que pode ser acumulado por vias não puramente científicas, mas que está no princípio burocrático de poderes temporais sobre o campo, como os dos administradores de ciência, notadamente nacionais.

Domingues (2010) nos relata que Heloísa Alberto Torres naquela segunda metade dos anos 1940, era detentora das duas espécies de capital. Ao mesmo tempo em que detinha uma autoridade no seu campo de conhecimento, detinha um alto grau de capital social.

Dominique Pestre (1996:16) coloca que devemos ter claro que todo aquele que pratica ciência: […] é alguém que adquiriu uma cultura, que foi formado, modelado por um certo meio, que foi fabricado no contato com um grupo e com ele compartilhou as atividades e não uma consciência crítica operante, um puro sujeito conhecedor. Aculturado num conjunto de práticas, de técnicas, de habilidades manuais, de conhecimentos materiais e sociais, ele é parte intrínseca de uma comunidade de um grupo, de uma tradição, de um país, de uma época.

Heloísa Alberto Torres fez da Antropologia um instrumento de luta em defesa da cultura brasileira, trabalhando em projetos e instituições como o Museu Nacional, O Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil, O Conselho Nacional de Proteção aos Índios e o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Scott (1999, p. 27) nos diz que os sujeitos são construídos através da experiência e a presença de Heloísa Alberto Torres no cenário antropológico brasileiro foi marcante não apenas pelos atos administrativos que realizou, ou pelos trabalhos acadêmicos que deixou de realizar, mas pelo seu empenho na formação de jovens pesquisadores através da experiência da pesquisa de campo e no desenvolvimento da etnologia.

Ao historicizarmos as experiências vividas por Heloísa Alberto Torres, procuramos romper com argumentos universalizantes, deterministas e essencialistas das identidades femininas, já que Heloísa Alberto Torres mesmo com a exclusão das mulheres discutida em Schiebinger a respeito do fenômeno denominado “teto de vidro”, Heloísa rompeu com paradigmas em sua época, quebrando barreiras e provou que não havia justificativa para a não participação das mulheres nas Ciências. Fazia parte de sua personalidade a sensibilidade e a habilidade para lidar com as pessoas, para estabelecer relacionamentos com os subordinados assim como a sua criatividade que foram aspectos relevantes para sua ascensão profissional.

3 A RELAÇÃO ENTRE O MUSEU NACIONAL E HELOISA ALBERTO TORRES

Um breve histórico sobre a instituição Museu Nacional torna-se necessário para o entendimento da relevância da atuação de Dona Heloísa como sua primeira diretora mulher.

3.1 O MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO COMO DISSEMINADOR DAS CIÊNCIAS NO BRASIL

Com a vinda da Corte portuguesa para a Colônia, em 1808 ocorreram medidas mais concretas para a institucionalização da atividade científica no Brasil seguindo o espírito iluminista da época e a cidade do Rio de Janeiro como capital do império, foi aparelhada com instituições necessárias estimulando de certo modo, o interesse pela cultura científica, houve uma valorização dos estudos de história natural enfatizando o seu caráter prático. Neste ambiente, foi criada a primeira instituição brasileira dedicada exclusivamente ao estudo das ciências naturais.

O Museu Real de História Natural foi criado conforme uma concepção iluminista de ciência, e o decreto de D. João VI em 1818 explicitava:

Decreto-6 de junho de 1818

> Crêa um Museu nesta Côrte e manda que ele seja estabelecido em um prédio do Campo de Sant'Anna que manda comprar e incorporar aos proprios da Corôa."Querendo propagar os conhecimentos e os estudos da Sciencias naturaes no Reino do Brazil, que encerra em sí milhares de objetos dignos de observação e exame, e, que podem ser empregados em benefício do Commércio, da Indústria e das Artes, que muito desejo favorecer, com grandes mananciaes de riqueza: Hei por bem que nesta Côrte se estabeleça um Musêu Real para onde passem, quanto antes, os instrumentos, machinas e gabinetes que já existem dispersos por outros logares, ficando tudo à cargo das pessôas que Eu para o futuro nomear. E sendo-Me presente que a morada de cazas que no Campo de S. Anna occcupa o seu proprietario, João Rodrigues Pereira d! Almeida, reune as proporções e commodos convenientes ao dito estabelecimento, e que o mencionado proprietario voluntariamente se presta à vende-la pela quantia de trinta e dous contos, por Me fazer serviço: Sou servido acceitar a referida offerta, e que, procedendo-se à competente escriptura de compra para depois enviada ao Concelho da Fazenda, e encorporar-se a mesma caza aos proprios da corôa, se entregue pelo Real Erario, com toda a brevidade, ao sobredito João Rodrigues,a mencionada importância de trinta e dous contos de réis.. Thomaz Antonio de Villanova Portugal, do meu Conselho de Estado,, Ministro e Secretario d' Estado dos Negocios do Reino, encarregado da presidencia do meu Real Erário, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessários, sem embargo de quaquer leis ou ordens em contrario. Palácio do Rio de Janeiro em 6 de junho de 1818.
> Com a rubrica de Sua Magestade[33]

[33] Decreto de criação do Museu Real. BR MN MN AO, pasta 1, doc.2, 6.06.1818.

Figura 2 - Foto da fachada do Museu Nacional e seu entorno/Roberto da Silva

Fonte: http://museunacional.ufrj.br/dir/omuseu/omuseu.html

Criado como um depositório de coleções representativas dos diversos reinos naturais, desenvolveu, também trabalhos de análise mineralógica além de receber os naturalistas vindos de outros países. Lopes (1997 p.41) considera também que um dos motivos frequentemente apontados para a criação do Museu Real do Rio de Janeiro em 1818, foi o interesse pelas Ciências Naturais da futura Imperatriz, D. Leopoldina no contexto da iniciativa de apoio à missão dos naturalistas que aqui chegaram, em 1817, com a arquiduquesa[34]. Foi nomeado como seu primeiro diretor Frei José Batista da Costa Azevedo, franciscano e professor de botânica e zoologia da Academia Real Militar. (SÁ, DOMINGUES, 1996).

Segundo investigação de Dantas (2012, p. 65) a história do Museu Nacional vem sendo analisada por pesquisadores que apresentam a relevância da instituição desde a constituição da cultura científica no Brasil joanino, e ao longo do século XIX. As pesquisas que abordam o Museu vêm contribuindo com estudos sobre a institucionalização das ciências naturais no Brasil e com análises sobre a história das instituições científicas brasileiras.

Para sua instalação, foi adquirida a residência de João Rodrigues Pereira de Almeida, futuro Barão de Ubá, localizada entre as antigas ruas Nova do Conde e dos Ciganos, atuais Visconde do Rio Branco e da Constituição, na região conhecida como Campo de Santana. Efetuadas as modificações necessárias, a instituição permaneceu neste prédio até 1892, quando foi transferido

[34] Além dos naturalistas vieram o botânico e entomólogo Johann Sebastian Mikan, o assistente da Coleção Imperial Zoológica Johan Natterer, o mineralogista e botânico natural Johann Emmanuel Pohl, o paisagista Thomaz Ender, o pintor de plantas e flores João Buchberger, o botânico e jardineiro Heinrich Wilhelm Scott, o caçador imperial e taxidermista Dominik Sochor. (LOPES, 1997).

para a Quinta da Boa Vista e a instituição passou a utilizar a ex-residência imperial, sofrendo algumas ampliações ao longo dos anos[35].

O patrimônio inicial do Museu Real ficou constituído pelo acervo organizado pelo mineralogista alemão Abraham Gottlob Werner (1749-1817), adquirido do Barão Tabst von Oheim pelo governo, e conhecido como "Coleção Werner", que estava sendo usada nas aulas práticas da Academia Militar; além de objetos artísticos de madeira, mármore, prata, marfim e coral; uma coleção de pinturas a óleo doadas pelo Rei Dom João VI; artefatos indígenas e outras coleções de objetos naturais dispersos por várias instituições do Rio de Janeiro; e animais empalhados de uma velha coleção iniciada na época da colônia e conhecida como a Casa dos Pássaros (NETTO, 1870; LOPES, 1997; DANTAS, 2007).

Constituiu também parte deste acervo inicial os diamantes do Distrito Diamantino, que haviam sido remetidos, anteriormente, pelo intendente Ferreira da Câmara à Academia Real Militar. Além disso, houve muitas doações particulares. A administração original incluía um diretor, um contínuo, um assistente zoológico, um escriturário e um guarda-livros, Um total de 2.880 mil réis o equivalente a aproximadamente 580 libras inglesas foi orçado para a compra de material. (SCHWARTZMAN, 2001, p.67).

A medida que o século avançou o Museu Nacional se tornou um centro científico, onde os naturalistas europeus se reuniam ao chegar ao Brasil. Em 1820 veio Ludwig Riedel para juntar-se a expedição científica de G.I.Langsdorff, Friedrich Sellow, Fritz Müller, Hermann von Ihering, que tornou-se o fundador e primeiro diretor do Museu Paulista em 1894 e Émile Göldi, que mais tarde foi convidado a organizar o Museu do Pará, que hoje traz seu nome.

Em 1876, a Comissão Geológica do Império forneceu ao Museu uma importante coleção geológica organizada por Charles F. Hartt, onde constam ouro, prata, ferro, cobre, chumbo, zinco e gemas preciosas, com mostras do México, dos Estados Unidos, da Rússia, da Áustria e de outros países (SCHWARTZMAN, 2001, p. 68-69).

Segundo Silvia F. M. Figueirôa (1997) o Museu, objetivando o adequado aparelhamento da instituição, procurou cuidar também dos procedimentos de coleta e remessa de objetos, traduzindo (do original francês, 1818) e reimprimindo em 1819, a "Instrução para os Viajantes e Empregados nas Colônias sobre a maneira de Colher, Conservar e Remeter os objetos de História Natural". Esta Instrução expressava o “ideal de funcionamento do Museu Real, depois Imperial e Nacional do Rio de Janeiro, em seus primeiros vinte e cinco anos de existência" (LOPES, 1997, p.44).

As solicitações feitas pelo Governo ao Museu para realização de análises com fins de verificar solicitações a utilidade prática de produtos, foram inúmeras. O Museu devia identificar os produtos

[35]C.f.; http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/musnac.htm

naturais únicos da colônia para o proveito das ciências e das artes e deles prover os demais museus, e assumir um caráter universal, metropolitano, almejando ser completo de coleções que representassem o mundo todo. Foi totalmente construído em moldes europeus, ou seja, tal qual os museus das então reconhecidas como "nações civilizadas".[36]

Na ocasião do Centenário do Museu Real (1818), festejado em 6 de junho de 1918, em sessão solene com a presença do Presidente da República Wenceslau Brás e outras autoridades, diversos preparativos foram realizados para a comemoração, destacando-se a elaboração de um número especial dos Archivos do Museu Nacional (XXII) dedicado ao Centenário,onde foram publicados trabalhos de Bruno Lobo, Roquette-Pinto, Alberto Betim Paes Lemes, Alberto José de Sampaio, Alípio Miranda Ribeiro e Bertha Maria J. Lutz funcionários do Museu Nacional (KEULLER, 2008, p.152).

O discurso do Professor Bruno Lobo realçava os feitos dos nossos antepassados para implantar um centro scientifico que de algum modo reflecte toda a nossa nacionalidade, riqueza de solo, flora e fauna:

> Fundado o Museu Nacional, os governantes do Brasil demonstrando alta comprehensão patriotica, por elle têm manifestado muita dedicação, perfeitamente justificavel tendo em vista os fins a que se destina e os serviços que vem prestando. Foi o Vice-Rei D. Luiz de Vasconcellos e Souza quem primeiro teve a idéa e fundar no Brasil um Museu de História Natural. Quem frequetemente pecorre as alamedas da Quinta da Boa Vista e visita o nosso Palacio verifica que em nenhum local da cidade do Rio de Janeiro poderiam as colleções do Museu Nacional ficar melhor installadas e os vegetaes em estudos mais bem cultivados. Demais esta casa, estas alamedas e jardins constituem a formosa Quinta da Boa Vista. A atual Directoria do Museu Nacional dedica sincera admiração aos scientistas que têm prestado o que de melhor possuem ao progresso deste Instituto, nossa gratidão a D.João VI, D. Pedro I, D. Pedro II e aos Presidentes da Republica. O Museu Nacional era “um centro científico que de algum modo reflete toda nossa nacionalidade, a riqueza do solo, flora e fauna”, e sublinhava que o resultado do trabalho dos cientistas do Museu “formava os recursos a serem utilizados por agricultores e industriais (LOBO, 1919, p.15-26).

O periódico *Archivos do Museu Nacional* desde seu início em 1876 até o centenário do museu, tinha como objetivo não só compreender as tendências em que se concentravam os trabalhos do museu ao longo do período, como também estabelecer parâmetros de comparação quanto às atividades desenvolvidas pelos demais museus, já que tanto o Museu Paraense Emílio Goeldi como o Museu Paulista também editaram e intercambiaram suas revistas nesse período segundo Lopes (1997, p. 240.).

[36] C.f.; Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930).

A revista trimestral foi criada na gestão do diretor Ladislau de Souza Mello Netto (1838-1894), destinada "a inventariar e patentear as çolleçoes do mundo, já bastante importantes, e a publicar de preferência estudos e trabalhos originaes concernentes aos varios ramos das sciencias naturaes". Cabe destacar que a revista foi agraciada com medalha de ouro na Exposição Universal de Paris em 1889 (DANTAS, 2012).

Em seu primeiro número, além de homenagens a naturalistas estrangeiros, apareciam listados vários colaboradores da revista. O periódico foi marcado por sua preferência em empregar cientistas nacionais, seja em cargos de direção, seja na seleção dos artigos a serem publicados. Outra importante característica da revista foi o predomínio de artigos de ciências naturais, embora o próprio estabelecimento adotasse o estigma de museu etnológico.

Durante a direção de Baptista Lacerda, quando as coleções do Museu Nacional se elevaram a cerca de 200.00 exemplares, que os intercâmbios internacionais foram incrementados, intensificando-se a publicação dos Archivos do Museu Nacional que tinham grande importância na comunicação com outros museus pelo mundo. A revista teve sua publicação interrompida e só reapareceu em 1895 com o novo nome de Revista do Museu Nacional e segundo FIGUEIRÔA (1997, p. 139) seu prefácio trazia estampadas as queixas da instituição. O evento também foi noticiado pelo periódico o Careta, que destacou o discurso do diretor Bruno Lobo salientando no final da sua fala "os objetivos daquela instituição e a sua inapreciável utilidade na divulgação e conhecimento das riquezas do Brasil e sua história, conservada pitorescamente nos seus mostruários" (KEULLER, 2008 p. 153).

O festejo exibia uma moderna coleção montada desde 1914 em salas cujos nomes designam cientistas importantes à prática científica de cada seção segundo Keuller (2008). O material da 4ª seção foi colocado nas seguintes salas: Broca, Virchow, Simão de Vasconcellos, Fernão Cardin, Baptista Caetano, Gabriel Soares, F. Varnhagen, Castelnau, Gonçalves Dias, Ferreira Penna e Euclides da Cunha, médicos, antropólogos, historiadores, naturalistas-viajantes (KEULLER, 2008, p.153) tendo o periódico Revista da Semana[37] destacado a sala Euclides da Cunha inaugurada na festa do Centenário[38].

O embrião das coleções foi implantado pela família real portuguesa, e atualmente é o maior museu de História Natural e Antropologia da América Latina. Para o final da década de 1830[39] o museu já apresentava suas coleções consideravelmente ampliadas, distribuindo-se por sete ou oito salas e era grande o número de pessoas que o visitavam.

---

[37]MN da Etnografia. Cx.13, p.1 "O centenário do Museu Nacional". In: Revista da Semana. 19/06/1918.
[38] Id., p.153.
[39] Ibid, p. 55.

Em seu livro “Investigações históricas e scientíficas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro” datado de 1870, Ladislau Netto descreve em um relatório do diretor Fr. Custodio ao Ministro do Império a doação que fez a família de José Bonifácio Andrade da Silva ao Museu Nacional enriquecendo o acervo.

> É nosso dever todavia,não deixar em silencio o presente que me fez mo mez de Maio, a família do fallecido José Bonifacio Andrade e Silva ao Museu Nacional; este presente, o mais rico que até hoje tem elle recebido de particulares, constou do bello gabinete mineralogico do illustre finado e de grande porção de modelos de machinas, medalhas antigas, quadros, estampas de sciencias naturaes, insetos e plantas seccas, passaros, etc., etc.

Para Ladislau Netto “os museus como as bibliotecas resumem o mundo material e seus exemplares, atestando-lhe as modificações, servem como de medalhas da natureza para revelar a história e revoluções do globo”.

Incorporado à Universidade do Brasil em 1946 pelo Decreto-Lei 8.689 de 16 de janeiro, com responsabilidade pela preservação de um patrimônio representado pelas coleções de materiais e dados concernentes ao conhecimento dos reinos mineral, vegetal e animal, bem como do homem, integra o Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na época Universidade do Brasil, está vinculado ao Ministério da Educação, sua localização carrega em si pura história.

O Paço de São Cristóvão na Quinta da Boa Vista, sede do Museu desde 1892, foi a primeira residência da família real portuguesa, onde a Princesa Isabel nasceu, pertenceu às famílias real e imperial e abrigou a primeira Assembleia Constituinte da República. O primeiro museu e casa de ciências do Brasil completa 200 anos de existência em 2018 e reúne pesquisadores que vêm se dedicando a explorar a historiografia do Museu Nacional em suas diferentes temáticas e perspectivas (DANTAS, 2018).

O Museu Nacional era um dos principais locais de difusão das atividades educacionais e de divulgação científica do Brasil, sendo precursor de inúmeras iniciativas referentes às práticas educativas e comunicativas do museu. As práticas científicas do Museu Nacional eram desenvolvidas, em sua maioria a partir das excursões visando a coleta, a classificação e análise de diferentes materiais.

Lopes (2003, p.77) enfatiza que no século XIX os museus participaram do movimento educacional da época e eram reconhecidos como “agentes” desse movimento, juntamente com as universidades e as sociedades acadêmicas. O Museu Nacional é um exemplo do movimento dos museus em prol da consolidação das ciências no Brasil.

3.2 HELOISA ALBERTO TORRES E SUA TRAJETÓRIA NO MUSEU NACIONAL

Diante das considerações apontadas, torna-se necessário apresentar a trajetória de Heloisa Alberto Torres no Museu Nacional, sua percepção como cientista antropóloga no mundo de cientistas masculinos. A constelação de pessoas e projetos institucionais tecida em uma rede por Heloísa a levaram a fóruns onde iniciava-se a formação de uma rotina de trabalho intelectual e científico, no qual se incluía a prática da antropologia como conhecimento que aos poucos se definia como distintos das demais ciências naturais.

Segundo Ribeiro (2000) a cada instante fios são tecidos, desatados, retomados, substituídos por outros, entrelaçados a outros, e é nesta perspectiva que ganha sentido especial as interações entre Heloísa e seu pai Alberto Torres, entre este e Roquette Pinto, entre|Heloísa e Roquete, entre Roquete e Cândido Rondon, entre Heloísa e Cândido Rondon, entre Heloísa e Getúlio Vargas, entre Heloísa e Gustavo Capanema, entre Heloísa e Rodrigo Melo Franco , entre Heloísa e Paulo Carneiro, entre Heloísa e Pedro Calmon, entre Heloísa e os jovens discípulos, Castro Faria e Eduardo Galvão de forma que um elemento tornava-se sempre causa de outro ao mesmo tempo em que o outro irradiava sobre o primeiro o seu efeito.

Essa infinitude do círculo implicava também a infinitude da investigação de histórias de vida tomadas a partir da noção de círculos sociais. Para Bourdieu (1998) uma trajetória de vida torna-se inverossímil ou simplesmente irrelevante quando se despreza o conjunto de relações objetivas que uniram o agente considerado ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis.

Naturalistas, sertanistas e diretores do museu são personagens muito conhecidos em suas versões masculinas na história da Antropologia, o mesmo não acontecendo com suas versões femininas segundo Mariza Corrêa (2003)[40], embora as décadas de 1930, 1940 e 1950 no Rio de Janeiro nos ofereçam um cenário claro dos círculos sociais em que mulheres poderiam pertencer e participar de atividades específicas desempenhando funções públicas naquele mundo marcadamente masculino, reconstituindo a história pouco contada: a entrada de mulheres num mundo intelectual predominantemente masculino.

Durante todo o século XIX e no século XX, o Museu Nacional cumpriu o seu papel político, fazendo ciência estando engajado no processo de consolidação da base econômica, agrícola e

[40] Compreender como certas figuras tão proeminentes na nossa tradição e no nosso imaginário foram apreendidas quando conjugadas no feminino. Elas, elogiadas ou detratadas, passaram à história como personagens menores, figuras de corredor e através de inúmeras anedotas pareciam ser o único modo aceitável de incluí-las em nossa história. Ibid., p.17.

industrial do país. As pesquisas que sobrevieram serviram para desvendar conhecimentos sobre a natureza, cujas riquezas foram cantadas e decantadas em prosa e verso, consideradas símbolo da nação.

O Brasil era representado pela opulência das suas riquezas naturais em cuja exploração científica resultou no colecionismo de objetos da natureza que fizeram a grandeza dos museus de história natural no século XIX, entre eles o Museu Nacional do Rio de Janeiro, que foi logo inserido na rede internacional das ciências naturais, estabelecendo relações de trocas sistemáticas de material e de bibliografia congêneres do mundo inteiro. (DOMINGUES, 2010).

Na gestão de Ladislau Netto, iniciou-se o registro em livros de aquisições das coleções trazidas para o Museu. Deu-se a reorganização das seções de Zoologia, Anatomia, Embriologia Comparada; Botânica; Mineralogia; Geologia e Paleontologia; Antropologia, Etnologia e Arqueologia. A reorganização, entre outros aspectos, tornava a Antropologia uma seção separada da Zoologia de maneira que o Diretor da Casa inaugurou, no Museu, a progressiva tendência de especialização das ciências.[41]

Sua direção destacou-se por grandes obras de infraestrutura em todo o prédio, melhorando-se as acomodações para o acervo e tornando-o mais adequado para a concepção científica de museus da época. Na época, houve implementação de cursos, que logo foram substituídos por conferências realizadas de acordo com a disponibilidade do Museu, que participou de exposições internacionais, conferindo-lhe visibilidade.

Em relação às pesquisas científicas, o Museu tinha há anos como norteadora a exploração do interior com cientistas estrangeiros, embora existissem expedições compostas só por brasileiros e uma das quais o próprio Ladislau antes de ser diretor, havia participado, na região do rio São Francisco.

Na gestão de Ladislau, destacamos a fundação do laboratório de Fisiologia Experimental, anexo ao Museu e sob a chefia do cientista Louis Couty (1880); a realização da Exposição Antropológica Brasileira (1882) e o traslado do meteorito Bendegó para o Museu em 15 de junho de 1888. Os últimos anos de sua gestão coincidiram com o período de apogeu das Exposições Universais (DANTAS, 2012).

Para Ladislau Netto o Museu tinha como missão:

> colecionar todas as riquezas do Brasil, fauna, flora, constituição geognóstica e história primitiva de seus aborígenes e, sobretudo, instruir o povo inoculando no espírito da mocidade estudiosa o gosto pelas pesquisas científicas, alentando ou guiando a indústria nacional e tornando-se finalmente o árbitro de todas as questões relativas aos tesouros contidos em nosso vasto território[42]

[41] Ibid., p.37.
[42] LOPES, 2009, passim.

Na década de 1930, já soube a direção de Edgard Roquette-Pinto, o Museu Nacional do Rio de Janeiro inovou também em termos das atividades de educação/divulgação. Para Roquette-Pinto:

> O Museu não podia ser apenas uma vitrine de produtos naturais, mas deveria funcionar como difusor do conhecimento da natureza para que as riquezas pudessem ser bem aproveitadas.

Com uma perspectiva ampliada da missão política do Museu Nacional, Edgar Roquette-Pinto dava ao Museu uma dupla função: científica e educacional. Pesquisa científica e educação marcaram o mundo dos museus de ciências desde o fim do século XIX, acompanhando o boom da divulgação científica também no Brasil, sendo uma das principais funções dos museus.

> Para ele os museus de história natural já não são mais simples depósitos de material ou centros de elevadas investigações para uma meia dúzia de eleitos: entram em comunhão com a mocidade, mostram novos horizontes aos jovens, facilitam o ensino, divulgam as ciências naturais como verdadeiras escolas ou faculdades.

As atividades inauguradas e desenvolvidas no Museu Nacional, desde 1877, por Batista Lacerda e outros, foram então logo no princípio deste século, retomadas por Edgard Roquette Pinto, que além de seus estudos sobre os sambaquis[43], acrescentou os estudos sobre os índios que evidenciaram por muito tempo a predileção dos centros científicos do país. Roquette Pinto desfrutava do prestígio gerado no meio científico pela publicação de seus estudos. A avaliação de Azevedo[44] (1994) acerca da obra do mestre diz que seu trabalho impressionava pelo duplo interesse geográfico e etnológico, sendo acolhido como um modelo de monografia antropológica.

Luiz de Castro Faria (1913-2004), diretor do Museu Nacional no período de 1964-1967, relata que Heloísa Alberto Torres nasceu no Rio de Janeiro no dia 17 de setembro de 1895. Após estudar em Petrópolis e na Inglaterra, resolveu se dedicar à Antropologia tendo iniciado sua vida acadêmica em 1918 ao ingressar no Museu Nacional como estagiária de Roquette-Pinto, antropólogo, pesquisador, diretor da instituição e que juntamente com o Marechal Cândido Rondon inspiraram sua carreira acadêmica e administrativa.

Numa entrevista concedia em 1952 e citada por Mariza Corrêa (1997a), Dona Heloísa recorda que saindo do Colégio de Sion, ela Marieta, sua irmã, duas filhas de João Baptista Lacerda, ex-diretor do Museu Nacional e uma sobrinha de Pacheco Leão pediram a Roquette-Pinto que organizasse um curso para elas versando sobre História Natural, interessadas na ampliação de seus conhecimentos.

---

[43] No segundo quartel do século XIX, as investigações sobre os sambaquis, como eram conhecidos os grandes depósitos conchíferos, já haviam começado, juntamente com os estudos e o ensino da antropologia física.

[44] C.f.; AZEVEDO,1994.

Fernando Azevedo, que era sociólogo, participou da organização da Universidade de São Paulo e editou uma coleção de artigos que constitui a melhor exposição sobre o desenvolvimento da ciência no Brasil.(Nota da autora).

Edgard Roquette-Pinto foi seu patrono científico, tendo atuado na expansão das fronteiras sociais das ciências naturais, trabalhando pela sua divulgação. Atuou decisivamente na implantação da radiofonia e do cinema educativo brasileiro.

Dantes (1988) diz que neste período a comunidade científica brasileira estava centralizada no Rio de Janeiro, onde se encontravam as mais importantes instituições científicas e as mais antigas escolas profissionais. Bertha Lutz, Roquete Pinto, Alberto Sampaio foram algumas das figuras importantes para a história das ciências brasileiras contemporâneos de Heloísa Alberto Torres no Museu Nacional.

Seu pai Alberto Torres[45], foi um dos mais sólidos e argutos pensadores brasileiros, suas obras se tornaram clássicas, de referência obrigatória e nelas procuravam inspiração políticos, administradores, cientistas sociais e reformadores de todos os matizes, sendo sua influência vivaz, contagiosa e fecunda, sendo este ambiente de atividade intelectual intensa, vibrante e refinada, numa casa em cuja sala de visitas se reuniram escritores de nomes consagrados, que Heloísa Alberto Torres formaria sua personalidade.

Heloisa habituou-se, certamente, desde então a esse tipo de convivência intelectual, seu círculo de amizades incluía Rui Barbosa, Afonso Pena e Nilo Peçanha. Preparou-se na verdade para viver assim como parte de uma elite de pensamento. Falava francês e inglês de maneira fluente, conhecia literatura, arte, história, etnografia e tinha algo pessoal indispensável, o efeito de presença que ela soube usar com maestria. A sua figura serena, altiva, bela, tornava-a inconfundível. Era notada, observada, mesmo antes que o seu nome fosse mencionado.

As pessoas expressavam admiração também com a aparência física de Heloísa, sua figura destacava-se sobretudo num cenário majoritariamente masculino. Sua feminilidade combinava com sua autoridade e fina educação. Era discreta em sua vida pessoal o que reforçava a imagem de lady que lhe era atribuída. (FARIA, 1977, p. 330).

Durante muito tempo questionou-se se a mulher teria capacidade para desenvolver ciência, porém há de se convir que "sem formação apropriada e acesso a bibliotecas, instrumentos e redes de comunicação é difícil para qualquer um homem ou mulher, fazer contribuições significativas ao conhecimento" (SCHIEBINGER, 2001, p. 59).

---

[45] O maior exemplo da "presença" de Alberto Torres nos anos 30 foi a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, fundada no Rio de Janeiro em 1932, tendo funcionado até 1945, sendo seus sócios fundadores: Edgar Teixeira Leite, Alberto Sampaio, Fernandes Távora, Juarez Távora, Sabóia Lima, Ildefonso Simões Lopes, Lourenço Baeta Neves, Edgar Roquette-Pinto, Heloísa Alberto Torres entre outros. O que se percebe é que a SAAT contava com intelectuais, cientistas, diplomatas e políticos importantes. Vários membros da SAAT eram ligados ao Museu Nacional, como Alberto Sampaio, Heloísa Alberto Torres etc. A, Revista Nacional de Educação (RNE), publicada pelo Museu Nacional de 1932 a 1934, quando esta instituição era presidida por Roquette Pinto, frequentemente publicava pequenas notinhas sobre as atividades da SAAT.

Portanto, a leitura era uma constante na vida de Heloísa e muito cedo através da biblioteca do pai, ela entrou em contato com os livros que mais tarde foram de grande valia. O acervo pessoal do pai tinha muitas obras de Antropologia, ela tinha na figura do pai o modelo intelectual e homem público que lhe inspiraria sua vida profissional.

Para compreender efetivamente quem são os atores que fazem Ciência, concordamos com Bruno Latour (2011), que em sua obra "Ciência e Ação" adota uma perspectiva construtivista para entender o processo de produção da Ciência, processo esse que envolve sujeitos diversos, além de uma intrincada rede de elementos humanos (cientistas, engenheiros, colaboradores, alados, discordantes, financiadores, burocratas, o cidadão comum etc) e não humanos (máquinas, literatura especializada, laboratórios etc), neste ponto, a atividade científica não se resume aos trabalhos realizados dentro dos laboratórios, mas amplia-se para fora deles.

Ao ingressar como estagiária no Museu Nacional, Heloísa já conhecia a história da instituição e sua ênfase nos estudos científicos. Edgard Roquette-Pinto fazia parte do círculo de amizades de Alberto Torres e não havia razões para não atender o pedido da filha de seu amigo. Heloísa demonstra um entusiasmo pelas atividades do Museu, além de reconhecer que a instituição era um centro de excelência para a formação que buscava.

O trabalho entre mestre e discípula se estreitaram ao ponto de Heloísa se dedicar ao Museu Nacional a maior parte de sua carreira. Edgard Roquette-Pinto permaneceu como modelo de dedicação à ciência e amigo solidário, mesmo depois de seu afastamento da casa para ingressar no novo projeto da Rádio e Educação. A influência intelectual de Edgard Roquette-Pinto sobre Heloísa Alberto Torres é fundamental para o entendimento de sua formação na Antropologia com preocupação na temática indígena, devoção à causa do Museu Nacional e da preservação da cultura.

Heloísa Alberto Torres colaborou no levantamento antropométrico da população brasileira, quando foi incumbida da antropometria feminina, realizando a mensuração de 184 moças, entre 19 e 24 anos, trabalhadoras da Companhia Telefônica, de fábricas e escolas do Rio de Janeiro.

Acompanhou com zelo os demais trabalhos desenvolvidos pelo mestre, além de traduzir para o inglês o estudo dele sobre os tecidos indígenas do Paraguai. Sua percepção da Antropologia permitiu-lhe assumir a responsabilidade pela tradução para o francês da dissertação elaborada por Roquette-Pinto juntamente com Benjamin Baptista (Faculdade de Medicina), acerca da primeira experiência de dissecação completa de um indivíduo da etnia indígena chamada "Dissecação de uma índia do Brasil".

Heloísa Alberto Torres é considerada uma das personagens femininas mais influentes do século XX com grande ligação a diversas outras instituições do campo científico e cultural brasileiro e internacional, é uma das grandes responsáveis pela criação e autonomização da

Antropologia no Brasil, contribuiu em muito com as instituições para gestão de população indígenas, assim como para a história dos museus de história natural, sendo ainda grande incentivadora e mentora com outros ilustres brasileiros na criação do antigo SPHAN, atual IPHAN, que proporcionou a salvaguarda de Patrimônio Nacional. Foi defensora ardorosa dos direitos da mulher, tendo participado ativamente na mobilização nacional pelo voto feminino em 1923.

Um ano após Edgard Roquette-Pinto receber o cargo de professor-chefe da Divisão de Antropologia e Etnografia, foi aberto concurso para a função de professor substituto da seção de Antropologia e Etnografia do Museu Nacional e de acordo com o edital[46] publicado, em 1925, Heloísa Alberto Torres foi a única mulher inscrita, concorrendo com mais quatro candidatos homens, sendo todos avaliados por uma banca examinadora formada por H. Borguy de Mendonça, Edgard Roquette-Pinto e Alípio Miranda Ribeiro, professores da casa em três exames distintos: o oral, o escrito e o prático.

Heloísa Alberto Torres realizou todas as operações dos exames com completo conhecimento das técnicas antropométrica, microscópica, micrográfica e craniométrica descrevendo metodicamente os dois objetos, caracterizando e definindo suas espécies[47], alcançando a primeira colocação, tornou-se a primeira mulher a ingressar como professora da Divisão de Antropologia e uma das primeiras mulheres funcionárias do Museu Nacional.

A jovem professora se tornou alvo de comentários públicos dos mais elogiosos segundo Ribeiro:[48]

> Heloisa Alberto Torres, outra expressão fulgurante da mentalidade, conquistou, em concurso notável, a cátedra de antropologia e etnografia do Museu Nacional. O êxito do talento e da cultura dessa moça veio revelar a herdeira legítima das virtudes intelectuais de Alberto Torres.

Vale ressaltar que Heloísa Alberto Torres foi treinada pelo próprio Edgard Roquette-Pinto, sendo uma das auxiliares da pesquisa "Tipos Antropológicos do Brasil"[49] e como professora substituta concursada realizou vários estudos de etnografia sertaneja e de cerâmicas no Brasil, especialmente a arte indígena marajoara, tendo escrito um folheto sobre o assunto.

Um destaque de Edgard fortalece nossa análise sobre ressaltar o profissional que a partir de sua formação acadêmica desempenha ações administrativas, pois em um de seus escritos, em

[46] Ribeiro localizou no Arquivo Histórico do Museu Nacional o edital do concurso, a carta de convocação dos inscritos para realização da prova escrita, seguida da comunicação de seu adiamento (29/7/1925) e carta de convocação para o sorteio da prova prática (8/8/1925 a ocorrer em 10/8/1925; e carta convocando para a leitura da prova escrita em 14/8, além da carta-relato com o resultado final do concurso (C.f.; Miglievich, 2015. p.51).
[47] Id., 2008, p. 153.
[48] op.cit.;p.51.
[49] MN DR P.89 D.65 Relatório da seção. 15/1/1922

nenhum Museu (Londres, Paris, Berlin, Viena etc) os cargos de administração são independentes da parte técnica, são ou foram todos cientistas que sempre juntaram suas atividades administrativas interna à maior atividade técnica.[50].

Heloísa usufruiu de boas relações e responde também pelo crescimento surpreendente das ciências sociais hoje verificado no país segundo Ribeiro (2000, p. 250). Aos 30 anos alcançou um posto raro para a mulher de seu tempo e nesse sentido teve seu nome relacionado a conquista pela mulher de espaços públicos, exemplo para gerações seguintes.

A trajetória que começa a percorrer segue padrões já consagrados, trabalhos de campo, que devem confirmar a sua capacidade como pesquisadora, capaz de levar adiante o conhecimento acumulado de descobrir novos fatos, de colecionar peças, de propor explicações mais consistentes para as questões postas em dúvida.

Penso que o modo como Heloísa iniciou sua pesquisa de campo na Ilha de Marajó foi fundamental para estabelecer uma estratégia de pesquisa que ela seguiria. A expedição à Ilha de Marajó marcou sua entrada ritualizada no mundo da Antropologia através do estudo da cerâmica brasílica e marajoara. A ida a campo permitia a Heloísa cumprir um importante rito de passagem em sua condição de professora do Museu Nacional, e antes de sua ida a ilha de Marajó, ela dedicou-se intensamente à pesquisa do tema na própria instituição proferindo em 1927 na Escola Nacional de Belas Artes a conferência "Cerâmica de Marajó" que teve grande repercussão e cujo texto, publicado em folheto[51] foi durante muitos anos referência obrigatória, e que também lhe rendeu um prestígio no meio científico, encaminhado por ela mesma a inúmeros museus e instituições científicas. Todos os homens ocupantes de postos de prestígio nas respectivas instituições a parabenizam pelo seu excelente trabalho. Gilberto Freyre na condição de secretário do governo do estado de Pernambuco Estácio Cunha, além de agradecer o envio de seu interessante trabalho, ainda se coloca como admirador de seus trabalhos e do espírito científico de seus estudos brasileiros. Na obra Casa Grande e Senzala, o escritor Gilberto Freyre[52] faz menção ao trabalho de Heloísa no capítulo segundo, O Indígena na formação da família brasileira, a respeito da divisão do trabalho entre os sexos que destinava à mulher índia o manuseio do barro na confecção das cerâmicas confirmado pela cientista ao término do seu trabalho no estudo da arte marajoara.

KEULLER (2008, p. 163-64) define as viagens exploratórias como práticas culturais e científicas de grande importância para o cientista e para a ciência, cada cientista constrói em seu texto científico sua imagem e visão do país, um retrato com os problemas e as propostas para os

[50] Acervo Roquette Pinto (ABL) MN 02/1915.
[51] C.f.; TORRES, 1940.
[52] C.f.; FREYRE, 2006.

rumos da nação e a construção da identidade nacional. A experiência de tal incursão, o contato e a observação com outras realidades com outro transforma a si mesmo, a sua visão de mundo e sua compreensão da própria disciplina. Com este propósito Heloísa viaja em 1926 para o litoral de São Paulo, a fim de verificar em que estado se encontravam os sambaquis de Iguape, descritos por Krone[53]. Em 1927 viaja para Minas Gerais e em Vespasiano examina sítios arqueológicos. Em 1928 inicia uma série de visitas regulares a sítios arqueológicos do Rio Iriri, em Magé, ricos em cerâmica pintada, de tradição Tupi-Guarani. Ao mesmo tempo efetua levantamentos de fontes bibliográficas, organiza as coleções de arqueologia e etnografia, restaura peças, identifica materiais com base em documentos do arquivo histórico geral do Museu, recicla seus conhecimentos de etnografia e arqueologia através da leitura de obras recentes em francês, inglês e até alemão que aprende com essa finalidade[54]. Em 1929 publicou resultados de suas pesquisas pela primeira vez em matéria para o Jornal intitulada
"A cerâmica entre os indígenas" sendo revista e reeditada na revista Kosmos de julho de 1930.

Em 1930 Heloísa Alberto Torres finalmente realiza o que teria sido seu grande sonho, ao se submeter ao concurso de incorporação ao grupo de pesquisadores do Museu Nacional recebendo autorização ministerial e auxílio financeiro para fazer uma excursão de estudos à ilha de Marajó no Pará por seis meses, permitindo a Heloísa Alberto Torres realizar escavações arqueológicas nos sítios de onde provinham as famosas peças de cerâmica a cujo estudo se dedicara tornando-se referência internacional no conhecimento de cerâmica indígena, e marcando em definitivo toda sua trajetória, cujo resultado repercutiu no meio científico e na imprensa de então. Ela descreve os indígenas como jovens oleiros, velhos artistas trançadores, os marajoaras teriam transportado para o elemento plástico os desenhos desenvolvidos na matéria rígida das talas entrelaçadas dos seus cestos. O trabalho de Heloísa trazia à comunidade científica o exame rigoroso dos ricos artefatos de cerâmica marajoara, completamente inexplorados até 1870 (RIBEIRO, 2011, p. 56).

Por ocasião do 50ª Aniversário da Exposição Antropológica Brasileira, (1932) um extenso programa foi elaborado e Heloísa Alberto Torres e sua equipe investigaram os trabalhos realizados no Museu no século XIX, destacando as atividades desenvolvidas pelos etnógrafos da Exposição Antropológica Brasileira de 1882, com o objetivo de resgatar a história da Antropologia, e em seu relatório ela afirma que 'antes da exposição o Museu possuía material antropológico e etnográfico bastante pobre e graças a iniciativa do então diretor geral do Museu, dr. Ladislau de Souza Mello

[53] Ricardo Krone, um dos pioneiros nos estudos dos sambaquis brasileiros. Suas pesquisas arqueológicas foram desenvolvidas no começo do século e publicadas em revistas de grandes respaldo acadêmico da época como a Revista do Museu Paulista e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e os Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro.
[54] Ibid., p.330.

Neto, foram reunidas e, na maioria conservados, no Museu as coleções particulares mais ricas do Império, podendo ser considerada como facto capital na vida da seção.' Foi realizado um histórico da seção, uma biografia de Ladislau Neto, além da identificação de objetos de proveniência ignorada segundo KEULLER (2008, p. 229). O resultado foram as conferências intituladas "Os etnógrafos da Exposição Antropológicas e " Ladislau Netto: as diretrizes modernas dos estudos etnológicos.

Segundo Ribeiro (2000) o caderno de campo de Heloísa Alberto Torres encontrado no arquivo CCHAT[55], é um importante registro da viagem a Marajó, pois com objetivos claros e definidos ela registra no caderno escrito a lápis, a data de início das escavações, o horário de início de trabalho, além de notícias tais como a despedida da turma que não quis trabalhar ou a chegada de novos trabalhadores, onde observa que três deles eram ladrões. As cartas escritas para sua mãe além de registrarem sua viagem e seu trabalho em campo, detalhavam a experiência de ir acompanhada por alguém muito próximo da família, o que corrobora com a ideia de que Heloísa não se fez acompanhar de nenhum colega ou assistente do Museu Nacional, provavelmente por conta da escassez de verbas que tornava a saída de um grupo do Rio de Janeiro praticamente inviável.

Tal empreendimento na época sem dúvida tinha um caráter inusitado, por isso talvez, tenha sido romanceada por Bastos de Ávila[56] , que associou um personagem de romance à verdadeira cientista Heloísa Alberto Torres, uma mulher real, ousada que não media esforços para realizar seu trabalho.

Por Decreto de 31 de abril de 1931 foi nomeada professora chefe da 4ª seção de Antropologia e Etnografia[57]. Neste posto Heloísa promoveu e ministrou cursos de extensão universitária entre os quais Estudos Nacionais de Etnografia do Brasil (1932), Evolução das Teorias Etnográficas (1933) e A Mulher entre os Índios do Brasil (1934)[58].

De 1935 a 1937 foi vice-diretora, eleita pela congregação, na forma do Regulamento, sendo diretor Alberto Betim Paes Leme, sendo reeleita por dois períodos e finalmente Heloísa Alberto Torres tornou-se diretora do Museu Nacional, em 1938, por Decreto lei do Presidente da República Getúlio Vargas, permanecendo no cargo até 1955, quando foi substituída por José Cândido de Melo Carvalho. O Museu Nacional só teria outra mulher na direção vinte e cinco anos depois, em 1980 - a botânica Leda Dau.

---

[55] O caderno de campo encontra-se no Arquivo CCHAT, no MAST para digitalização.

[56] C.f.;ÁVILA, 1932.

[57] Ofício datado de 23/03/31, Roquette-Pinto comunica a posse a Heitor de Farias, Ministro da Educação e Saúde Pública. Arquivo Academia Brasileira de Letras.

[58] Atividades descritas no Relatório de Atividades do Museu Nacional. Arquivo Histórico do Museu Nacional citado por Ribeiro (2000).

O fato de Heloísa Alberto Torres ser nomeada pelo governo Vargas, o conteúdo da correspondência trocada entre eles, demonstra que ela teve um forte prestígio junto ao Presidente e sugere que este reconhecimento direcionou suas pesquisas não havendo limites impostos às suas investigações.

Heloísa empreendeu suas pesquisas pelo interior do Brasil entre os anos de 1926 e 1930, começando pela região de São Paulo, mas estendeu-se a Minas, enfrentando segundo suas próprias narrativas, lugares inóspitos, ermos de difícil acesso, enfim desabitados e desconhecidos sertões, sem estradas, muitas vezes sem caminhos, tendo que abrir picadas à sua passagem e à de sua comitiva. O objetivo principal de seus trabalhos era a pesquisa.

Cartas[59] e ofícios encontrados no arquivo Roquette-Pinto da Academia Brasileira de Letras, descrevem a competência de Heloísa quando muitas vezes é mencionada em diversas correspondências como grande incentivadora dos trabalhos de campo como no estudo dos índios do Rio Grande do Norte assinada por Luís Câmara Cascudo, sem falar de Max Schmidt impedido de trabalhar no país há pelo menos dois anos porque não tinha licença para fazer seus estudos etnográficos que, delegou a Heloísa a guarda de suas chapas fotográficas e seus livros, quando de sua mudança para o Paraguai.

Durante o período que esteve na direção do Museu Nacional Heloísa Alberto Torres, implementou vários atos que visavam à institucionalização da disciplina antropológica, criando a carreira de antropólogo, atribuindo-lhe caráter prático, direcionado para pesquisas em trabalhos de campo e coleta de objetos de cultura material sobretudo nas regiões indígenas.

Os textos (memorandos, cartas e demais documentos) de Heloísa, descrevem não só seu trabalho, como proporcionam importantes reflexões teóricas, discutem temas que a colocam em sintonia com as grandes questões que se apresentavam à sua ciência naquele período. Heloísa buscava sempre que possível mostrar que a Antropologia era bem diferente daquilo que afirmava seus detratores. Heloísa proporcionou uma renovação e foi questionada a respeito do seu caráter.[60]

Uma das primeiras iniciativas de Heloísa, ao assumir a direção do Museu, foi liderar um movimento político em favor da proteção de sítios arqueológicos do Brasil junto ao Instituto do Patrimônio Histórico, apesar das contestações frente ao seu desempenho na função de diretora.

No primeiro ano de gestão à frente do Museu Nacional, Heloísa enfrentou um dos muitos desafios enquanto diretora, que foi reverter o êxodo brusco e quase total de seus professores por causa das medidas políticas do Estado Novo que impedia a acumulação de cargos públicos para

---

[59] Arquivo Roquette-Pinto.(ABL). Correspondências datadas de 1930/1931.

[60] Arquivo Roquette-Pinto (ABL). Dr. A. Carneiro Leão. Série: Museu Nacional. Subsérie: Administração. Dossiê Adm. Geral.

magistério e técnicos científicos segundo o artigo 159 da Constituição de 1937, regulamentado pelo decreto-lei n. 284, de 29 de novembro do mesmo ano[61].

Por conta dessa legislação, o Museu Nacional perdeu quadros técnicos relevantes em um curto espaço de tempo e restou à Heloísa convocar jovens estagiários que iniciavam carreira de pesquisa nos domínios da Antropologia, Botânica, Geologia e Zoologia para ocupar interinamente as vagas deixadas pela evasão dos pesquisadores.

Em 1944, em virtude do seu desempenho, conseguiu vagas para concurso junto ao Departamento Nacional do Serviço Público (DASP) para as grandes divisões do Museu Nacional: Zoologia, Geologia e Paleontologia, Botânica, e Antropologia**,** tendo ingressado nesta ocasião os jovens pesquisadores Luiz de Castro Faria, Eduardo Galvão e Luiz Emygdio de Mello Filho.

Essa decisão deu prestígio a Heloísa como a responsável por continuar a luta por um quadro administrativo voltado para a pesquisa, tornando-se personalidade-chave na própria sobrevivência das iniciativas tomadas por Ladislau Netto que em 1876 foi responsável pela nova fisionomia da casa, estabelecendo intercâmbios com institutos nacionais e internacionais, estabelecendo a criação de uma seção especial para os estudos de Arqueologia, Etnografia e Numismática[62].

A aparente invisibilidade das mulheres nas ciências, sua posição inferior ou a falta de aptidão para o trabalho científico podem ser desmistificados a partir do relatório do Museu de 1939 que registrava os rendimentos pagos a cada cientista, ressaltando que entre os dezessete cientistas, quinze eram homens e duas eram mulheres, Bertha Lutz[63] (1894-1976) e Heloísa Alberto Torres.

Heloísa como diretora recebia um salário maior o que demonstra que mesmo em 1939 apesar da desigualdade de condições entre homens e mulheres, existiam mulheres cientistas que trabalhavam tanto quanto os homens e assumiram posições de grande prestígio na ciência, refletidas em seus vencimentos. Luiz de Castro Faria afirma que assim como Roquette-Pinto, ela acreditava transformar em ações seus projetos reformuladores e como diretora do Museu Nacional, assumiu a posição de construtora da política cultural.

Heloísa e Berta trocaram correspondências ao longo dos anos em que trabalhavam no Museu demonstrando que se apoiavam dentro e fora da instituição, consolidando carreiras científicas estáveis na qual foram as duas primeiras cientistas mulheres a ingressarem oficialmente, via

---

[61] Em 1937, foi criado o Departamento Nacional do Serviço Público (DASP), sob a chefia de Luís Simões Lopes que era um conselheiro muito ouvido por Getúlio Vargas, com a missão de exercer o controle sobre a administração pública do Brasil e uma das primeiras medidas tomadas pelo novo departamento consistiu na decisão de que os servidores públicos não mais poderiam ocupar mais de um cargo público. Este decreto, conhecido como a "lei da desacumulação" teve consequências imediatas sobre as áreas ligadas ao ensino e à pesquisa.

[62] Memorial de Heloísa Alberto Torres, 21 de dezembro de 1945. Pasta 18 Arquivo MN HAT.

[63] Sobre Bertha Lutz, ver a dissertação: (SOUZA, 2009).

concurso público, concretizando uma participação nas ciências que contribuiu para o desenvolvimento do trabalho de todas as mulheres.

No contexto das comemorações do Centenário de Adolpho Lutz, Heloísa e Berta trocaram longas e inúmeras cartas onde Berta explicitava não só seu total envolvimento com o projeto do Centenário como fundamentalmente a cumplicidade e solidariedade feminista entre elas em diversas ocasiões.

Este período representou uma nova fase de existência do Museu, ao ter pela primeira vez uma mulher como sua diretora, o que se constituiu em um marco importante ao demonstrar que as instituições começavam a conceder espaços e possibilidades para as cientistas mulheres.

Heloísa propôs enquanto diretora do Museu Nacional[64] um plano político para as ciências naturais e antropológicas no Brasil num documento dirigido ao reitor da Universidade do Brasil[65] (UB), intitulado "Promoção de um Inquérito Nacional sobre as Ciências Naturais e Antropológicas" onde ela avalia a situação da pesquisa no museu e em seguida aponta problemas do campo científico em relação à sociedade. Para fundamentar ela explica que o Museu Nacional era a única instituição do país a reunir o leque de ciências naturais (Geologia, Botânica, Zoologia e Antropologia).

O documento segundo Domingues (2010, p. 626) pode ser tomado como um manifesto em favor das ciências naturais e da Antropologia no Brasil; Heloísa assinalou que a instituição com tal responsabilidade científica, atuava com um número mínimo de naturalistas e técnicos para pesquisar todo o país e ainda se dedicava à organização das exposições. O estabelecimento de uma política segura no terreno de ciências naturais e antropológicas promovida através de um inquérito "levado a efeito em toda a extensão do território nacional sobre as condições desses ramos do saber no que diz respeito ao ensino e a pesquisa e através de todos os tempos desde que Brasil é Brasil", seria histórico.

Paschoal Lemme (1904-1997), um dos signatários do famoso "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova", pôde, à sua experiência de professor, unir a de administrador, cargo que exerceu nos períodos mais inovadores da educação brasileira, atuando ao lado de renomados personagens, tais como, Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho, ensinando ou participando da formulação de políticas educacionais.

---

[64] O Museu Nacional foi incorporado à Universidade do Brasil, na qualidade de Instituição nacional, em 16 de janeiro de 1946, Decreto-Lei n. 8.689.

[65] Atual Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ.

Destacamos sua grande preocupação em lutar por oportunidades iguais para todos, e se sobressaiu ao colaborar com Heloísa Alberto Torres[66] ao assumir a direção da Seção de Extensão Cultural do Museu, com a incumbência de reorganizá-la de acordo com o novo regulamento que lhe conferia funções complexas, tais como manter as exposições para o público, dar cursos de aperfeiçoamento para professores de ciências naturais e antropológicas, editar as publicações científicas e de divulgação entre outras. Ele a descreve como uma antropóloga de renome, conhecida especialmente pelos estudos que realizou sobre a civilização marajoara.

Em carta dirigida ao Globo em 03/03/77 Leme (2004, p. 171) descreve os problemas que o museu atravessava, seu fechamento para obras e a coragem da diretora ao enfrentar tantos obstáculos:

> Essa notável instituição científica, a mais antiga e conceituada do país, atravessa uma grave crise. A desacumulação demagógica de cargos públicos, sem reparadora remuneração determinada pela carta constitucional do novo Estado, resultara em que opinadamente o Museu Nacional e todas as outras instituições da mesma importância, se vissem privadas da atividade de seus maiores valores, no caso de um Roquete Pinto, um Melo Leitão, entre tantos outros. Havia ainda a precariedade das instalações, já de si, impróprias para uma casa dedicada à pesquisa em ciências naturais e antropológicas.

Para Lemme só mesmo a coragem dessa mulher extraordinária poderia enfrentar uma situação dessa natureza. Assim, Heloisa assumiu a responsabilidade de fechar o Museu à visitação pública e com energia invulgar, lançou-se a tarefa de reorganização.

Durante este período longo e difícil enfrentou inúmeras dificuldades, mas conseguiu sem dúvida conduzir com êxito uma série de iniciativas, que marcaram de maneira positiva a feição moderna do Museu Nacional.

Com a ajuda de Rodrigo Melo Franco, então diretor do SPHAN, pois o prédio era tombado, atacou a obra imensa de restaurar o velho e enorme edifício imperial, cujo estado era um dos mais precários, ameaçando a integridade dos visitantes que se acumulavam nos salões das exposições, especialmente aos domingos, pois o madeiramento secular ameaçava cair:

---

[66] Em 1942, trabalhava no Inep, quando o Roquette-Pinto deixou a direção do Museu Nacional por força da lei de desacumulação. Heloísa Alberto Torres, que o sucedeu, chamou-o, por sugestão de Venâncio Filho (grande amigo, como um pai para todos os educadores), para desenvolver a seção de Extensão Cultural. Assim, foi transferido do Inep para o Museu Nacional. Levou para o museu o Vítor Straviasky, professor de ciências naturais do Instituto de Educação, com a finalidade de desenvolver contatos com o magistério secundário. Ele teve a ideia de dar cursos para professores e foi então que surgiu a ideia da *Revista do Museu Nacional* com o propósito de levar a mensagem às escolas. A revista teve grande sucesso. Começou com cinco mil exemplares e chegou a trinta mil. Deixou o museu em 1947 para trabalhar no Instituto Nacional do Cinema Educativo. O espírito da revista era o de elevar o nível do ensino das ciências. Era oferecido aos professores secundários um rico material por conta do acervo do museu e da colaboração dos naturalistas de suas quatro divisões.

> As obras se arrastavam com a lentidão característica, dados os conhecidos estrangulamentos dos canais burocráticos e a tradicional exiguidade das verbas, quando se trata de problemas culturais e científicos. (LEMME, 2004, p. 172)

E a reabertura do Museu Nacional era assim protelada de ano para ano, apesar dos esforços ingentes da diretora. Chegou- se assim ao fim do Estado Novo (1945) e aí tentou-se literalmente, responsabilizar a direção da instituição, acusando-a até de incompetência e incapacidade. Tratava-se, porém apenas de um jogo de ambições recalcadas num momento de confusão. (LEMME, 2004, p. 172).

Heloísa começou a receber críticas em tom pessoal e ofensivo, incluindo telefonemas e telegramas anônimos, advindas de seus adversários do Museu: Haroldo Pereira Travassos, Othon Leonardos, Emannoel de Azevedo Martins, Carlos de Paula Couto, Newton Dias dos Santos, Valter da Silva Curvelo, Dalci de Oliveira Albuquerque, Romualdo Ferreira de Almeida, Baldomiro Barcia Gonzales, Joaquim Pereira Machado Filho, Alceu Lemos de Castro, Candido Simões Ferreira e José Oiticica Filho, segundo Ribeiro (2000, p. 74).

Os ataques eram pessoais a ponto de Heloísa ser identificada com o regime autoritário de governo, do qual fazia parte. Nos documentos reunidos num envelope do Arquivo Heloísa Alberto Torres do Museu Nacional o conflito está narrado em detalhes, além de constar um memorial de defesa escrito por Heloísa com cerca de 100 páginas.[67]

Entretanto no Museu havia um grupo favorável a gestão de Heloísa no Museu e via nos ataques uma luta para excluí-la da direção. A Comissão formada por José Lacerda de Araújo Feio, Luiz Emygidio de Mello Filho, Berta Lutz, Antenor Leitão de Carvalho, Eduardo May, Luiz de Castro Faria, Eduardo Galvão, Tarcísio Messias, Pedro de Lima, Mário Rosa, Roberto Silveira e a bibliotecária chefe Helena Maria da Costa, solicitou a Roquette Pinto serem ouvidos em depoimento a respeito da administração de Heloísa em face de atitudes assumidas por um grupo de jovens naturalistas.

Nesse ínterim, Heloísa recebeu do Ministro da Educação, Souza Campos ordem para proceder às eleições para Diretor do Museu o que acarretou outro conflito que extrapolou os limites do Museu Nacional com a imprensa publicando entrevista onde Newton Dias acusava a diretora de desleixo com a reforma, perdas de peças do megatério, descuido com os sarcófagos, sendo que no dia da eleição a matéria foi fixada nas paredes do Museu como uma forma de provocação, além da briga corporal entre os candidatos Newton Dias dos Santos e José Cândido de Carvalho.

---

[67] HAT MN envelope 18.

Ao final do pleito eleitoral, Othon Leonardos saiu vencedor, mais diante do resultado das eleições, lideranças e intelectuais tomaram partido e em carta dirigida ao Presidente da República José Linhares, seus aliados diziam "estar certos de que agiam em benefícios dos mais legítimos interesses da cultura nacional":

> pedimos vênia para trazer à Vossa Excelência nosso depoimento a respeito da obra que, na direção do Museu Nacional, vem realizando a cientista patrícia professora Heloísa Alberto Torres. Elogiavam as administrações de Roquette-Pinto e Alberto Betim Paes Leme e também a de sua digna sucessora, Heloísa Alberto Torres. Atentavam para seu esforço na reorganização da instituição e na remodelação do prédio, cujas características e condições de conservação eram as mais precárias e inadequadas à missão científica da Casa.[68]

Nomes expressivos[69] da cultura brasileira articulados por Artur Mosés, ex-Presidente da Academia Brasileira de Ciência, assinavam a carta ao Presidente José Linhares em defesa da permanência de Heloísa Torres na direção do Museu e as pressões foram eficazes, tornando a nomeação de Othon Leonardos sem efeito, pois do ponto de vista legal, a data da eleição havia sido posterior ao decreto que reintegrava o Museu à Universidade do Brasil, não sendo portanto considerada válida. Othon Leonardos retirou-se do Museu, tornando-se assessor da Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional até 1956.

Heloísa em um relatório de 14 (quatorze) páginas, defende-se das acusações feitas pelo naturalista Othon Leonardos[70] quanto à sua gestão desde que assumira o cargo de diretora, entretanto seus adversários voltaram a falar com a imprensa que questionaram as transformações feitas na administração dela.

Um grupo encabeçado por Carlos de Paula Couto criticou severamente a administração de Heloísa, que em uma consulta ao reitor sobre ação disciplinar[71] pediu orientação para lidar com a situação, entretanto, em 27 de junho de 1946 Heloísa assinou dez portarias de número 17 a 27 onde punia mediante advertência os técnicos Carlos de Paula Couto, Othon Leonardos, Dalcy de Oliveira Albuquerque, José Oiticica Filho,Newton Dias dos Santos, Romualdo Ferreira de Almeida, Joaquim Pereira Machado Filho, Alceu Lemos de Castro, Haroldo Pereira Travassos, Emannuel Azevedo Martins, Válter da Silva Curvelo, Amaro Barcia e Andrade, Baldomero Barcia Gonzales, Cândido Simões Ferreira , Álvaro Xavier Moreira[72].

[68] MN HAT pasta 18.

[69] Mário de Brito (Academia Brasileira de Ciências); Guilherme Guinle (Sociedade dos Amigos do Museu); Cândido Rondon (Presidente do CNPI); Ana Amélia Queiroz de Mendonça (Presidente da C.E.B.); Carlos Drummond de Andrade (Chefe do gabinete do ex-ministro Gustavo Capanema); Gilberto Freyre e outros.

[70] Em 1946, irrompeu um movimento no Museu Nacional por um grupo de cientistas da casa, entre os quais Othon Leonardos que queria destituir Heloísa do cargo de diretora. C.f. Fundo Heloísa Alberto Torres, caixas 4 e 7) MN.

[71] Doc. 422/19/6/1946/2. Arquivo Histórico do Museu Nacional.

[72] Doc. 477/8/7/1926/2. Arquivo Histórico do Museu Nacional.

Ribeiro (2000, p. 80) diz que em meio à guerra, os adversários de Heloísa entregaram, em 18 de julho de 1946, um memorial de três volumes contendo acusações a Heloísa e críticas a sua gestão; implementação do regimento, retirada dos títulos de professor, extinção da Congregação, indicações de chefias, desmontagem de exposições, desmembramento do Museu, mau encaminhamento da eleição para provimento do cargo de diretor. Tal memorial deu origem a um processo a ser julgado por Comissão eleita no Conselho Universitário da Universidade do Brasil presidida por Pedro Calmon[73].

Ribeiro (2000, p. 80) aponta que através do memorial resposta que reproduz passagens literais das acusações à Heloísa, então rebatidas por esta de forma pontual, é possível reconstruir os ataques a sua gestão[74]. Ela provou que encaminhara ofícios-circular a respeito do novo Regimento, sendo que o anteprojeto se encontrava em fase quase final de elaboração e por conta da ordem ministerial para que se procedesse a eleição para a escolha do novo Diretor, um grupo de naturalistas deliberou abandonar o ultimar do Regimento para lutar pelo afastamento do Diretor[75].

Heloísa a tudo resistiu e apoiada pelos colegas da Divisão de Antropologia, conseguiu reabrir as exposições das vinte salas dessa especialidade, em moldes modernos, dentro dos recursos existentes. Nesta ocasião Castro Faria pronunciou a conferência que abriu a exposição.

> Senhoras - Senhores: Quis a ilustre colega que dirige esta casa confiar-me a tarefa, aparentemente simples, de apresentar as novas exposições de antropologia e arqueologia do Museu Nacional. Singelo na aparência, o tema envolve, contudo, dificuldades sem conta. Posso afirmar que para vencê-las não poupei esforços, mas seguro não estou de ter atingido a finalidade proposta. Aquêles que me ouvem julgarão com justeza e acerto o pouco que pude fazer. A reabertura das novas exposições de antropologia oferece-nos o ensejo de reviver, num debuxo de mão pouco segura, o que foi o passado; de expor a verdade sobre o presente e até mesmo, num estudo, digamos subjetivista, de revelar como se nos afigura o futuro…(FARIA,1949, p.3).

Em seguida, as outras divisões (Zoologia, Botânica, Mineralogia e Geologia) seguiram o exemplo. O Museu Nacional reabre bastante melhorado e a missão da diretora estava cumprida. Por meio de concursos públicos procurou recrutar um grupo de jovens que viesse, no futuro preencher os claros deixados pelos velhos mestres.

O processo contra Heloísa não teve maiores consequências, mais os episódios de 1945/46 marcaram-na profundamente segundo Ribeiro ao entrevistar seus aliados. Depois da crise, Heloísa Alberto Torres deu início a novo projeto de pesquisa em Arraial do Cabo, projeto esse que acenava como mais uma possibilidade de treinar futuros antropólogos.

---

[73] Processo 50008/46.

[74] Memorial resposta. MN HAT Pasta 18. Arquivo HAT.

[75] Ibid., p. 81.

Em um documento datado de janeiro de 1952, Heloísa Alberto Torres solicita auxílio técnico para uma pesquisa ecológica e antropológica, visto como o primeiro estudo de impacto ambiental do país. Classifica a "pesquisa ecológica com caráter regional" como inédita no Brasil, justifica o trabalho e o local, faz referências a fotografias, latitude, longitude, número de habitantes e de residências, atividades econômicas, políticas e culturais. Tece comentários dos desdobramentos da pesquisa, incluindo o interesse internacional sobre tensões raciais e migratórias[76]: Na descrição do projeto além de solicitar auxílio técnico ela diz que:

> Uma pesquisa ecológica com caráter regional ainda não foi feita no Brasil. O alcance científico de estudos dessa espécie não carece de justificativa; sua repercussão no domínio da aplicação é conhecida. Tendo em consideração a complexidade biológica nas regiões tropicais, começou-se por estabelecer condições básicas que assegurassem a execução eficiente do primeiro trabalho a ser realizado. A área escolhida foi delimitada de marcante, o revestimento florístico e faunístico fossem simples quanto possível, a região fosse habitada por uma pequena comunidade humana que, pela sua longa radicação no local e por um curto isolamento de vida, apresentasse características tradicionais ponderáveis.

Os técnicos do Museu que participaram desses trabalhos iniciais tiveram a oportunidade de verificar que as condições para a pesquisa antropológica eram promissoras, o Museu Nacional possuía instalações adequadas (tais como salas de trabalho, gabinetes, laboratórios, salas de preparação etc) para a realização dos trabalhos de gabinete que se fizessem necessários, uma biblioteca bastante rica, sobretudo no setor antropológico e de fácil acesso e consulta.

Além de Heloísa Alberto Torres, participaram Luis de Castro Faria, Eduardo Galvão, Tarcísio T. Messias, Pedro E. Lima, Alfredo Azevedo da Divisão de Antropologia e outros técnicos da Divisão de Botânica. A pesquisa deveria durar 8 meses de residência na comunidade, porém a delimitação exata do período de pesquisa de campo dependia dos recursos financeiros à disposição do projeto e das condições de desenvolvimento da pesquisa.

O trabalho requer a participação de vários pesquisadores e de técnicos especializados, o que significava grande movimento de viagens entre o Rio de Janeiro, o Arraial do Cabo, vilas e cidades do Estado do Rio, além de visitas de especialistas estrangeiros e de outros pontos do país. O estudo abrangia a história do Arraial do Cabo com as oscilações da sua população através dos tempos, levantada por meio de buscas em arquivos e bibliotecas nacionais estrangeiras, relatos tradicionais, locais, de biografia de cabistas e de intensa pesquisa genealógica.

O documento também detalha os custos para os cientistas e técnicos, bem como dos auxiliares de pesquisa, enfatizando que a verba fosse entregue adiantada. Antes há que acrescentar um período de 2 a 3 meses necessários à preparação da pesquisa (pesquisas bibliográficas e seminários de

[76] MN HAT cx.04 Doc.8g.

análises regional). Recomenda-se também após o primeiro trimestre de estadia no campo, a realização de um seminário, em local fora da comunidade para a preparação de um relatório e reorientação da pesquisa se necessário para conseguir uma boa condição do trabalho da equipe.

A pesquisa ecológica em curso teve origem nas divisões de Botânica e Antropologia do Museu Nacional e o que interessava particularmente era fixar as características socioculturais de uma das povoações mais antigas do Brasil se não a mais antiga, que viveu durante séculos em condições apreciáveis de isolamento, desenvolveu uma economia rudimentar de pesca e subitamente defronta condições de vida decorrentes da instalação de uma grande indústria, em pleno coração de seu Arraial. Heloísa Alberto Torres faz o seguinte comentário:

> É a observação da mudança de cultura que nos preocupa, desejamos registrá-la em todos os detalhes de processamento tendo em vista, não somente o que possa inspirar, no terreno da antropologia teórica, como no domínio da população.

Em outro relatório[77] sobre a pesquisa antropológica em curso em Arraial do Cabo Heloísa diz que a quantidade de funcionários do Museu nunca é suficiente para os seus próprios trabalhos e que vai aproveitar a oportunidade do projeto para treinar estudantes:

> O Museu Nacional, sendo o único instituto federal em que se faz pesquisa antropológica desde o século passado, e que arrecada coleções científicas sôbre a especialidade, não tinha um corpo de técnicos bastante número para o desempenho de seu campo de atividades e pela sua posição no quadro de serviços públicos, frequentemente era solicitado a prestar colaboração em pesquisas antropológicas de outras entidades governamentais, procurando sempre atender, mas nunca porém o podendo fazer sem que os seus próprios trabalhos se ressintam da colaboração prestada, por isso o Museu Nacional pretendia aproveitar a oportunidade para treinamento de estudantes que desejassem fazer da Antropologia sua profissão[78].

A reforma de 1941, que ampliou consideravelmente as responsabilidades do Museu, não foi adequado, quer técnico, quer administrativo. No tocante a verbas, que subiram consideravelmente , no período de 1938-1946, não houve acréscimos a partir dessa data, que marca também a inclusão do Museu como membro da Universidade do Brasil[79].

A CAPES e o Conselho Nacional de Pesquisas conjuntamente subvencionaram a vinda ao Brasil do antropólogo norte-americano, o doutor Carl Withers[80] em maio de 1953 e durante três meses ele prestou assistência ao Museu Nacional e a CAPES. Ao visitar detidamente o Arraial do Cabo para exames das condições gerais do trabalho, o doutor Withers e Heloísa Alberto Torres selecionaram também o estudante Luis Fernando Raposo Fontenelle como estagiário do Museu, juntando-se a Luiz Castro Faria e Edison Chaves (Faculdade Fluminense de Filosofia). Depois o

[77] Relatório do Diretor do Museu Nacional sôbre a pesquisa antropológica em curso no Arraial do Cabo, Município do Cabo Frio, Estado do Rio de Janeiro, maio de 1953 a 3 de março de 1954.

[78] MN HAT cx.4 Doc 8g.

[79] Relatório do Diretor do Museu Nacional sôbre a pesquisa antropológica em curso no Arraial do Cabo, Município do Cabo Frio, Estado do Rio de Janeiro, maio de 1953 a 3 de março de 1954 et seq.;

[80] Professor visitante do Museu.

doutor Withers renovou o contrato com a CAPES por seis meses com dedicação exclusiva ao Museu Nacional como chefe da pesquisa do Arraial do Cabo.

O correio da Manhã de 02/08/1955, numa espécie de crônica sobre o trabalho em Arraial do Cabo, descreve que as pessoas que vivem em Arraial "são pescadores que conservam traços culturais característicos", ora estudados por uma equipe de etnólogos do Museu Nacional, e Dona Heloísa descrita por C.D.A[81] autor da crônica como uma ilustre amiga, conduz esse inquérito com aquele "senso do humano", que segundo Métraux, deve assinalar o bom etnógrafo, espécie de cientista que finge não ter ciência, para surpreender a limpidez das manifestações primitivas do homem. Convivendo com aquela gente simples "os museus" como lhes chamam os nativos do Cabo procedem a um inquérito sobre o comportamento social dos pescadores antes que o funcionamento de uma fábrica de álcalis determine ali transformação profunda dos costumes.

E uma das suas alegrias, é o convívio com as crianças que entre outras coisas, lhe ministram noções de "etiqueta do Cabo". Ela diz que a etiqueta não é privilégio de camadas altamente civilizadas, que na realidade a partilham com os povos mais primitivos; há apenas diversidade formal dos ritos, como assinalam os manuais da antropologia cultural:

> Encontro por acaso d. Heloísa e essa ilustre amiga me diz apressadamente: "Estou de passagem no Rio, e quero voltar logo para a minha aldeia do Cabo, onde o trabalho é uma delícia"

Ao finalizar o trabalho realizado em Arraial do Cabo em um documento datado de 1 de março de 1953[82] Heloísa Alberto Torres expressa-se desta maneira: "Trata-se do término de uma pesquisa sobre a história social dos habitantes de uma das povoações mais antigas do
Brasil, se não a mais antiga: O Arraial do Cabo, município de Cabo Frio, Estado do Rio de Janeiro".

> É finalidade especial registrar o quadro de vida de uma gente que, radicada no local há séculos, ali permaneceu em apreciável estado de isolamento da cidades e vilas vizinhas, desenvolveu aspectos particulares de cultura e, subitamente defronta perspectivas de progresso brusco, pelas instalações de grandes indústrias em pleno centro da sua vida.

Heloísa Alberto Torres conquistou uma respeitabilidade na comunidade científica em função do rigor de seus estudos. Ela era admirada por homens intelectuais e destacava-se no cenário alargando seus círculos sociais. A partir do estudo da cerâmica marajoara e da publicação de seus resultados Heloísa deixou de ser a filha de Alberto Torres e se tornou a disciplinada pesquisadora que ganhava credibilidade no circuito dos cientistas da época, concomitante representava o Museu

[81] MN Antropologia HAT, cx.4 Doc. 8b "Meninos do Cabo" -Correio da Manhã. 02./08/1955.
[82] MN Antropologia. HAT cx.4 Doc. 8t. Plano de Análise Econômica de Arraial do Cabo.

Nacional, instituição chave dos maiores acervos em História Natural e Antropologia no Brasil (RIBEIRO, 2000, p. 65).

Ela não se envolveu diretamente no movimento feminista, mais alguns registros segundo Lopes (2008b) apontam que se envolveu em debates. Ao responder a um questionamento da União Universitária Feminina[83] que questionavam os motivos do menor envolvimento das mulheres que trabalhavam no Museu nas atividades de campo, Heloísa exemplificou alguns empecilhos que as mulheres enfrentavam para manterem profissões nas áreas científicas, muitas delas abriam mão de partes fundamentais do trabalho em ciências por assumirem sozinhas as responsabilidades de âmbito doméstico que colocavam as mulheres em uma posição de desvantagem para a realização do trabalho de campo. (CORRÊA, 1997).

Ribeiro (2000, p.41) afirma que Heloísa Alberto Torres reconhecidamente não se envolveu com a luta feminina, sua experiência esteve sempre associada a uma cumplicidade com homens notáveis de sua época, manteve-se distanciada das principais lutas pela emancipação feminina, dedicando-se ao mundo da Ciência, entretanto há notícias de sua participação na reunião da União Federal Feminia (1936) em solidariedade ao movimento em que se fizeram presentes 40 mulheres e 20 homens, onde foi apresentado um relatório ao delegado do DASP com uma expressa manifestação contra a II Guerra Mundial e o fascismo.

Heloísa Alberto Torres sempre apoiou o ingresso de mulheres na instituição, visto que na época em que assumiu a direção do Museu contava com seis mulheres como funcionárias e naquele momento já possuía trinta e oito, fruto de sua iniciativa direta. Sua atuação destacada no Museu, suas relações com outras cientistas, contrariam a ideia de que Heloísa tivesse qualquer problema com o ingresso de mulheres no Museu. (CORRÊA, 1997, p. 12).

No outono de 1938 chegavam ao Brasil os primeiros pesquisadores norte-americanos de uma longa série a vir para cá, inaugurando uma cooperação entre instituições universitárias brasileiras e norte-americanas que se mostrou duradoura. Com uma particularidade: os primeiros a chegar graças a uma colaboração estabelecida entre o Museu Nacional e a Columbia University, eram antropólogos.

Em 1938 chegavam William Lipkind e sua esposa, Buell Quain, definido na documentação da época como seu assistente e Ruth Landes. No ano seguinte Charles Wagley, que casou com uma moça brasileira e nos anos seguintes James e Virginia Watson e Robert e Yolanda Murphy. Wagley afirma que foi por iniciativa da então diretora do Museu Nacional, Heloísa Alberto Torres, em carta

[83] A União Universitária Feminina foi fundada em 1929 por um grupo de feministas, entre elas Bertha Lutz, com o objetivo de incentivar o ingresso e ajudar mulheres que se formavam no ensino superior.

dirigida a Franz Boas sugerindo a vinda de jovens antropólogos no País que a cooperação teve início.

Através deste intercâmbio inicia-se então as redes de pesquisadores e as redes políticas, com o objetivo de implantar o estudo da antropologia no país em bases mais científicas. Todos eram estudantes e ao Museu coube a tarefa de propiciar-lhes meios para a realização de suas pesquisas, guiando-os nos labirintos da burocracia de forma que pudessem obter a licença do Conselho de Fiscalização, a colaboração do Museu não era apenas formal, representava verdadeiro passaporte de idoneidade para os pesquisadores estrangeiros. Reconhecidamente Heloísa Alberto Torres era uma referência institucional, que se potencializava com sua forte presença no Conselho de Fiscalização. (GRUPIONI, 1988, p.109).

As cartas de campo de Heloísa tiveram grande repercussão no início da institucionalização da Antropologia no Brasil e o que emerge dessas cartas de campo enviadas a ela, e economicamente respondidas, é um trabalho cotidiano que os historiadores da ciência costumam chamar de "construção da ciência normal", isto é, todos os detalhes trabalhosos que fazem a diferença entre fazer e não fazer pesquisa. (CORREA, MELLO,2008). Nessas cartas Heloísa deixa claro seu projeto de formação prática de seus estudantes. "Durante o período de permanência no Museu, cada um de seus pesquisadores se ocuparia uma hora por dia de um grupo de cinco pessoas para instrução etnológica de caráter essencialmente prático e faria os seus estudos pessoais e redação de pesquisas, durante o resto do tempo" (CORRÊA, 1997).

A ação contínua da antropóloga como gestora atrai ainda para o Brasil pesquisadores tais como Ralph Linton, Alfred Métraux, Paul Rivet, Claude Lévi-Strauss[84], estimulando o intercâmbio com centros de pesquisa, além dos brasileiros Eduardo Galvão, Luiz de Castro Faria, Nelson Teixeira e Rubens Meanda entre outros.

Seja como for, todos os jovens antropólogos que trabalharam sob a tutela de Heloísa Alberto Torres, que não só como diretora do Museu Nacional, mas principalmente como integrante do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil em 1933, tinha um papel preeminente na antropologia brasileira, vieram para o País com o objetivo de estudar as populações indígenas[85], com exceção de Ruth Landes.

---

[84] É considerado o fundador da antropologia estruturalista, em meados da década de 1950, e um dos grandes intelectuais do século XX; Dedicou uma tetralogia, as *Mitológicas*, ao estudo dos mitos, mas publicou também obras que escapam do enquadramento estrito dos estudos acadêmicos - dentre as quais o famoso *Tristes Trópicos*, publicado em 1955, que o tornou conhecido e apreciado por um vasto círculo de leitores.

[85] C.f.; GRUPIONI, 1998. Sobre a vinda dos primeiros antropólogos, suas trajetórias e a importância do Conselho e de Heloísa nas pesquisas da época,

Figura 3- Heloisa e pesquisadores

Da esquerda para direitra: Lévi-Strauss, Ruth Landes, Charles Wagley, D. Heloisa, Castro Farias, Raimundo Lopes e Edison Carneiro

Fonte: http://www.museunacional.ufrj.br/semear/Galeria_de_Fotos/Personalidades/foto1.html

Heloísa Alberto Torres está entre as mulheres que se destacavam nos ambientes intelectuais, por meio de sua atuação multifacetada, além do Museu Nacional (30 a 50), atuou em várias instituições do campo científico e cultural brasileiro, a exemplo do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil (1930), Conselho Nacional de Proteção aos Índios (50 a 70), o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (30 a 70) entre outros.

Quando de sua participação no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil entre os anos de 1934 e 1939, dentre as pesquisas e trabalho de campo aprovados pelo Conselho neste período estão as duas expedições de Dina[86] e Claude Lévi Strauss ao Centro Oeste do Brasil em 1935 e 1938, a última com a participação do então jovem pesquisador Luiz de Castro Faria.

Grupioni (1988) relata que a permanência de Lévi-Strauss no Brasil teria sido decisiva para sua iniciação como etnólogo, isto porque o pesquisador não tinha formação na área, sua especialidade era a filosofia e suas duas experiências no campo teriam lhe aberto o círculo ainda restrito de etnólogos e americanistas franceses, entretanto criado num ambiente apaixonado por antiguidades, Lévi desde criança "era apaixonado por curiosidades exóticas" gastando suas "pequenas economias" nos bricabraques que encontrava, a pintura, a música e a arte rondavam seu ambiente familiar pois seu bisavô negociava com antiguidades judaicas segundo Grupioni.

CORRÊA (1990) relata que Dina teve um papel importante na programação e na execução das expedições, atuando de maneira marcante, não se resumindo apenas aos conhecidos filmes etnográficos sobre os Bororo e Kadiwéu assim como teria tido certo destaque no contingente

[86]Considerada como etnógrafa, coordenou várias atividades desenvolvidas na Sociedade de Etnografia e Folclore, fundada por Mário de Andrade em São Paulo. Na quarta reunião da Sociedade em 20/05/37, Mário de Andrade foi eleito presidente e Dina Lévis-Strauss primeira secretária.

intelectual paulistano dos anos trinta, secretariando as atividades da Sociedade de Etnologia e Folclore.

Dina ministrou um curso sobre folclore que durou um ano, com a intenção de formar folcloristas para trabalhos de campo; desse curso originou-se o manual: Instruções práticas para as pesquisas de antropologia física e cultural publicado na Coleção do Departamento de Cultura em 1936, além de transmitir as observações colhidas na viagem que acabara de realizar aos sertões mato-grossenses conforme Grupioni.

Nesse mesmo ano, ela foi convidada a fazer parte de um júri de um concurso para incentivar pesquisas etnológicas juntamente com Arthur Ramos, Plínio Ayrosa, Samuel Lowrie e Mário de Andrade, tendo assim seu reconhecimento pelo círculo intelectual da época. O Conselho foi criado por Vargas pelo Decreto 22.698 em 11 de maio de 1933, no contexto nacionalista de se proteger os bens da nação, como por exemplo os patrimônios natural e histórico. Como não havia nenhuma legislação que controlasse a entrada de estrangeiros no país, este Conselho passou a registrar e avaliar os pedidos de licença para expedições sob a exigência de que os cientistas deixassem duplicatas das amostras que coletassem, plantas, animais, peças de artesanato indígena para instituições nacionais (SOMBRIO,2014, p. 14).

O Conselho foi palco de muitas disputas, envolvendo órgãos do governo, instituições acadêmicas e figuras importantes do campo intelectual brasileiro. Seu campo de ação ia desde as expedições que entravam na secretaria do Conselho, com um pedido formal de licença, até as expedições que, desavisadas quanto a legislação existente e tendo sido noticiadas pela imprensa da Capital Federal, eram interpretadas pelo Conselho ou por outros órgãos acionados por ele, e as obrigadas a interromper suas atividades até que a situação fosse regularizada. (GRUPIONI, 1988, p.45).

A criação do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil, em 1933, inovou ao criar uma legislação que exigia a presença de pelo menos um representante brasileiro acompanhando todas as expedições estrangeiras e também a entrega de duplicatas dos objetos e espécimes coletados às instituições científicas nacionais, figura que o próprio Lévi Strauss definiu como “inspetor fiscal”.

Essa expedição foi o batismo como etnólogo para Luiz de Castro Faria então com 24 anos. Ele foi o representante do Museu Nacional e que de certa forma era o representante oficial do governo brasileiro, numa das expedições mais famosas do século XX, liderada por Lévi Strauss que a registra em “Tristes Trópicos”. Sua atuação nesse Conselho proporcionou um incremento significativo das coleções etnográficas do Museu Nacional.

Ao investigar a documentação do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil, Sombrio (2016) relata uma presença significativa de mulheres pois frequentemente a historiografia e o senso comum reproduzem a ideia de que não havia mulheres praticando ciências no passado. A partir do levantamento realizado foi possível analisar as trajetórias de algumas dessas cientistas e compreender o contexto em que desenvolviam seus estudos, a interação que mantinham com comunidades científicas no Brasil, as relações sociais e estratégias que possibilitaram o desenvolvimento de seus trabalhos em um ambiente ainda bastante hostil à presença feminina.

Esta pesquisa possibilitou encontrar um grupo variado de cientistas em termos de nacionalidade, áreas de pesquisa, objetivos profissionais e formas de inserção em seus campos de estudos. Existiam aquelas que trabalhavam sozinhas, outras como colaboradoras de seus maridos cientistas, com ou sem vínculos institucionais, em diversas regiões do país, entre outras particularidades, a maioria das mulheres registradas pelo CFEACB[87] veio dos EUA e em segundo lugar aparecem as brasileiras que precisavam pedir licença ao CFEACB somente quando não fossem vinculadas a nenhuma instituição científica nacional ou para exportar materiais científicos e artísticos. Algumas delas eram cientistas de renome em seus países e outras praticamente anônimas. Muitas vinham acompanhando seus maridos e trabalhavam como suas assistentes, enquanto outras vieram coordenando suas próprias expedições.

O Conselho foi extinto por Decreto em 1968 e criaram uma nova legislação designando ao CNPq, criado em 1951 a responsabilidade pela autorização e fiscalização das expedições científicas brasileiras surgindo assim novas formas de pensar a cooperação internacional.

Em notas sobre o material etnográfico adquirido pelo Museu Nacional por intermédio do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil, em 1936, Heloísa descreve que "o material etnográfico que deu entrada no Museu Nacional em consequência de dispositivos da lei que regula a fiscalização de expedições artísticas e scientificas no Brasil:"

> representa um repositório do mais elevado valor scientifico. Consta de especimens provenientes de tres origens diversas: duplicatas de uma coleção feita pelo Sr. E.H. Snethlage na margem brasileira do Guaporé e em alguns de seus afluentes; de uma coleção completa de elementos utilizados na vida material do Canelas no Maranhão, organizada pelo Sr. Curt Nimuendajú e de numerosas peças de índios karajás do Araguaia, aprendidas ao expedicionário não licenciado, Sr. Basillly Sampieri.

[87] Trinta e oito nomes de mulheres foram levantadas neste estudo.

As duplicatas da coleção Snethlage, cerca de duzentos e cincoenta espécimes doados ao Museu Nacional, constituem preciosa documentação que vem estender a terras brasileiras do vale Guaporé a significação de pesquisas levadas a efeito na Bolívia por Nordenskjöld e ampliam de modo considerável os estudos brasileiros realizados em Mato Grosso pela Comissão Rondon e pelo Museu Nacional (Roquette-Pinto).

Para esta instituição o referido material significa mais do que o comprovante de estudos novos que foram posteriormente publicados pelo Museu de Berlim: vem permitir a identificação de espécimes já incorporados às suas coleções pelo Serviço de Proteção aos Índios, pela Comissão Rondon e pelo Serviço de Inspeção de Fronteiras nas suas primeiras penetrações naquelas terras e dos quais alguns exemplares obtidos nos primeiros contatos com os silvícolas, traziam a lacônica indicação "índios não identificados de tal ou qual região".

Em um documento datado de 5 de janeiro de 1936, Heloísa Alberto Torres diz:

> A coleta preciosa dos serviços referidos não pode ser completada em vista do colapso que eles sofreram há alguns anos e, como consequência, a glória das pesquisas, em certos afluentes do Guaporé, caberá ao Museu de Berlin, mas ainda assim a Comissão de Fiscalização pode assegurar ao Museu Nacional propriedade de alguma documentação original sobre o que vai publicar o sr. Snethlage. Dizer do valor material de coleções científicas é quase impossível. Sua importância é de natureza estimativa principalmente. Há entretanto uma circunstancia que encare entre nós cada dia a significação das coleções etnográficas: a rapidez com que vão desaparecendo as populações indígenas, dado o desamparo completo em que se encontram e expostos como se acham à sanha pervetente ou exploradora que em torno delas desempenham os civilizados. Muitas das peças agora colecionadas, certamente nunca mais poderão ser encontradas.[88]

Para Heloísa de certo modo era impossível atribuir um determinado valor monetário a essas coleções, mais alguma coisa se podia dizer com segurança: "um etnógrafo, trabalhando embora nas condições extremamente modestas em que viajam e trabalham os naturalistas nacionais, poderia dificilmente recolher material equivalente, dispondo de 40:00$". Nesta avaliação tomam-se em conta apenas as despesas para realização das viagens, manutenção dos naturalistas e aquisição aos índios das coleções aludidas. Segundo Heloísa o valor estimativo é incalculável.

A coleção organizada pelo sr. Curt Nimuendajú entre os índios Canelas do Maranhão constitui representação completa da cultura material daqueles índios. Curt só colecionou depois de ter estudado durante quatro anos os Canelas, isto é, quando já se achava senhor da quase totalidade dos segredos referentes à sua cultura material, à sua organização social e à sua feição psíquica. É a

[88] MN HAT cx. 04 Doc. 37.

melhor documentação que, sobre essa gente exista em qualquer museu do mundo segundo Heloísa.[89].

Curt foi um etnólogo de renome internacional que por mais de quarenta anos viveu nos sertões entre tribos indígenas, tornando-se um dos melhores conhecedores dos índios no Brasil, amigo e defensor dos aborígenes, colaborador infatigável do Serviço de Proteção aos Índios, deixou numerosas publicações com destaque os notáveis trabalhos sobre "a lenda da criação e da destruição do mundo como fundamento na religião dos apapcuva-guarani".

Naturalizado brasileiro, teve seu primeiro contato com o Conselho de Fiscalização supervisionado por Heloísa e em suas expedições no Brasil, encontrava nesta o empenho irremovível em promovê-las, foi responsável em parte pelo enriquecimento das coleções do Museu Nacional. Na Acta da centésima décima primeira (110) reunião do Conselho em 20/04/38, o parecer de Heloísa sobre o requerimento de Curt foi aprovado pelo Relator e pelo Conselheiro Flexa Ribeiro sendo solicitado ao expedicionário um relatório sobre as condições sociais e econômicas, não só das tribos indígenas com que estiver em contato, como também das populações sertanejas que visitar, uma vez que ele deverá mandar ao Instituto da Califórnia pelo qual vem subvencionado, todas essas informações. Nesta reunião a chefe do Serviço de Proteção aos Índios declara que não aconselha aproximação da expedição com o grupo de índios em questão, mais fica resolvido de acordo com o parecer do Relator que:

> não sendo possível evitar a aproximação com os índios de aventureiros mal intencionados, não se pode também impedir que deles se aproximem os cientistas que vão em busca de dados valiosos para seus estudos.[90]

Nesta mesma Acta o Conselho concede licença indicando Luiz de Castro Faria como fiscal do governo na Expedição Etnográfica à Serra do Norte, o qual receberá além de outras instruções, a de se manter em constante comunicação com o Presidente do Conselho, essa expedição foi organizada pelo Departamento de Cultura e Municipalidade de São Paulo e da qual fará parte Claude Lévi Strauss[91]. A segunda expedição de Lévi Strauss em 1938 entre os índios Nambiquara tem parte dela registrada em três correspondências escritas por Luiz Castro Faria a dona Heloísa contando o cotidiano da expedição assim como as necessidades e a expectativa do contato com os ameríndios do norte do Mato Grosso:

---

[89] MN HAT cx. 04 Docs. 31, 32, 33. Pasta 2 8/50.

[90] CFE.T1.11D1p191 Livro de Ata n.1.

[91]Graças a Heloísa a segunda expedição tornou-se possível, mas o Museu Nacional não foi beneficiado com as peças, a parte brasileira foi doada ao Museu Paulista, cerca de 760 peças, as outras 745 foram para a França.

> Contudo pode estar tranquila pois procederei com a máxima cautela e procurarei evitar de qualquer forma, um acontecimento desagradável. Se não for possível uma aproximação aos Nambiquaras, farei voltar a atenção para os tupis dos afluentes do Gi-paraná.

Segundo Grupioni (1988) ao longo dos anos, o Museu Nacional aparece como o grande beneficiário das ações de fiscalização do Conselho. Heloísa Alberto Torres enviou em 1936 para o presidente do órgão uma relação do material etnográfico incorporado graças à atuação do Conselho nos anos 1934 e 1935 e que foram exibidas na exposição especialmente organizada para torná-las públicas. Em 1936 o Museu recebeu objetos etnográficos dos Jekuaná, Wapichana, Maku, Mayogong, Macuxi e Ingaricó. Em 1937 o Conselho adquiriu 278 peças dos índios Xerente e Apinayé e 17 dos Xucuru.[92]

A Alfândega do Rio de Janeiro embargou uma exportação, confiscando 18 exemplares de peças que o Museu Nacional não possuía e o Conselho autorizou a exportação do restante do material para a Renânia, onde seria instalado um Museu missionário, esta coleção seria da região do rio Branco feita pelo missionário D. Alcuino Meyer. Em 1939, foram 5 arcos e 13 flechas separadas do material apreendido de Hans Krieg, zoólogo licenciado para realizar excursão às quedas do Iguaçu e para realizar estudos zoológicos, mas não estava autorizado a nenhum tipo de coleta de material científico.

Ainda nesse ano o Museu incorporou 131 peças de material etnográfico coletado por William Lipkind, 117 espécimes vivos, 235 espécimes herborizados, duplicatas do material coletado pelo botânico Mulford Foster. (GRUPIONI, 1988, p. 84).

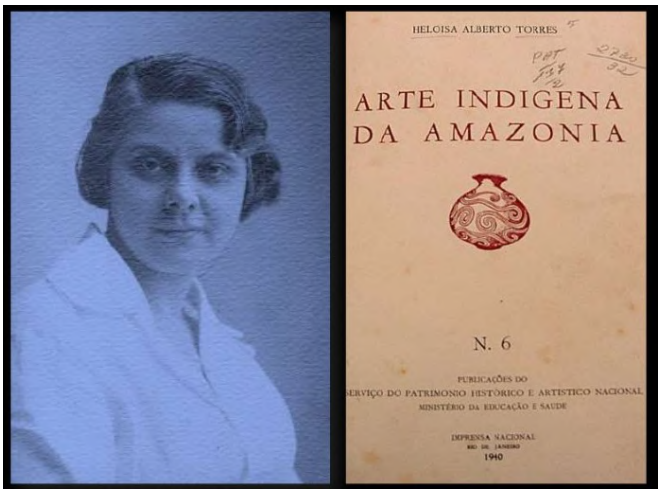
O acervo do Museu foi enriquecido sem dúvida, e para o Conselho de Fiscalização tratava-se de um período de expansão controlada do conhecimento, uma vez que os expedicionários tinham de prestar contas ao governo brasileiro de suas ações e de suas pesquisas segundo Grupioni (1998).

Em seu folheto sobre Arte Indígena na Amazônia ela reúne um álbum de fotografias de objetos de arte feitos por populações indígenas do Brasil, especialmente pelas que em tempos pré-colombianos, habitaram as terras da ilha de Marajó, na foz do Rio Amazonas:

> A originalidade dos motivos que decoram a cerâmica desenterrada na ilha de Marajó e sobretudo a precisão e maestria com que são executados esses ornatos que destoa bastante do modo quase sempre mais livre por que os indígenas exprimem o seu sentimento artístico. Mais de uma voz tem suscitado a hipótese de que os autores teriam alcançado um nível de civilização mais elevado do que o geralmente dominante entre os silvícolas brasílicos, ao tempo do descobrimento da América.

[92] Compradas de Curt Nimuendajú, esse foi o único caso de compra de coleção científica pelo Conselho.

Figura 4- Heloísa Alberto Torres, Arte indígena da Amazônia (1974)



Fonte:http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/IPHAN%20Balanco%2080%20anos%20de %20Tombamentos.pdf

Em um discurso proferido em palestras versando sobre a Antropologia como ciência Heloísa Alberto Torres diz que "a contribuição da Antropologia para esclarecimento de problemas que dizem respeito aos conhecimentos no terreno da política, da economia e da legislação antigas é fundamental:

> E o descobrimento do Novo Mundo com suas populações indígenas, vivendo a idade da pedra sob os olhos dos ocidentais, foi uma fonte até hoje ainda não esgotada de ensinamentos da mais alta repercussão em todos os campos das ciências sociais. E ainda o enriquecimento trazido pela psicologia à antropologia jamais será bastante exaltado. O indivíduo e seu comportamento em face de uma cultura, que lhe moldou os traços fundamentais da personalidade, a repercussão da ação dos indivíduos na cultura e a reação do grupo social para com o indivíduo e para com a própria cultura em jogo tem sido o terreno central das construções teóricas da antropologia nos últimos 15 anos. Em todos esses aspectos se vão concentrando em torno do tema eixo que aos antropologistas preocupa: a modificação da cultura.[93]

Cita Roquette-Pinto e descreve experiências etnográficas de Curt Nimuendajú para ela um grande etnólogo, certamente o seguro e o mais profundo conhecedor de etnografia indígena brasílica que viajava em demandas das aldeias indígenas dos Tukuna do Alto Solimões.

Neste discurso ela relata também que na segunda grande guerra mundial foram numerosos os cientistas sociais requisitados para trabalhar para o governo em múltiplas atividades; como preparar o terreno onde deveriam desembarcar tropas expedicionárias. Mais de centenas de antropólogos e várias centenas de psicólogos entregaram-se a tarefas ciclópicas de preparação para a guerra. Escreveram-se obras e folhetos, elaborados por cientistas renomados, que tratavam dos mais

[93] MN HAT Cx. 05 Enc 04. Discurso proferido em palestras versando sobre a antropologia como ciência.

variados assuntos: os preconceitos de raça e a significação das oportunidades sociais, as normas de etiquetas peculiares a certas populações, em cujos territórios as tropas expedicionárias deveriam estacionar, vocabulários das populações habitantes nesses territórios etc.

Em todo esse imenso esforço resultou progresso para as ciências sociais, embora seja doloroso os motivos tristes que deram origem a esse avanço. E ainda mais: se o capital, a energia, o esforço de cooperação tivesse se desenvolvido em ambiente de paz as vantagens fruídas certamente teriam sido bem maiores.

Heloísa também participou com destaque no Conselho Nacional de Proteção ao Índio (CNPI) desde sua fundação em 1939 pelo Decreto n. 1.794, de 22 de novembro, tornando-se sua diretora entre 1955 e 1967, em substituição ao Marechal Rondon[94]. Sua atuação neste órgão se fez num momento em que os antropólogos como Darcy Ribeiro, Roberto Cardoso de Oliveira e outros passaram a atuar na formulação das políticas indigenistas brasileiras, tendo Heloísa representado o Conselho na Conferência Científica de Belém do Pará em 1947, reunida para estabelecer os objetivos e o projeto de criação do Instituto da Hiléia Amazônica.

O CNPI foi criado com a incumbência de promover "o estudo de todas as questões que se relacionam com a assistência e proteção aos silvícolas, seus costumes e línguas, bem como de sugerir ao governo a adoção de medidas necessárias à consecução dos objetivos do SPI" segundo Grupioni (1998).

Na sua concepção os procedimentos do Serviço de Patrimônio Histórico Nacional junto aos indígenas deveriam seguir dois princípios: conservação e reparação, reconhecendo o direito que possuíam em relação às terras que habitavam, portanto deveriam ser conservados em seus ambientes e de acordo com seus modos de vida, essa reparação deveria compensar as perseguições que sofreram ao longo dos séculos.[95]

Constituído por sete membros, o CNPI tratou, ao longo de sua existência, de atender as demandas apresentadas pela direção do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais[96], quando este enfrentava dificuldades em resolver problemas relacionados a massacres e pacificação de índios, conflitos em terras indígenas, reivindicações de demarcações e catequese religiosa.

Segundo Grupioni (1988), o Estado se fortalecia com a criação desta agência perante a sociedade civil, ampliando sua esfera de atuação e conquistando um "contingente de para-cidadãos

[94] CNPI foi responsável pela divulgação dos trabalhos executados pela Comissão Rondon.

[95] C.f.; JESUS, 2016.

[96] O SPILTN foi criado em 20 de junho de 1910, pelo Decreto nº 8.072, que o subordinou ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Existiu por 57 anos e cumpriu o propósito de colocar as populações indígenas e o trabalho de sua proteção sob a égide do estado e tornar segura a expansão econômica em áreas onde havia conflito entre índios e frentes de expansão. Após 1918 apenas SPI.

por ele tutelados", considerados origem e primeiros componentes da nação. Em 1967 quando foi criado a FUNAI[97], ela chegou a fazer parte deste período inicial.

Trabalhava com pulso, sempre recebendo gente, despachando e orientando, e não é surpresa que Heloísa demonstrasse uma rara intimidade com os indígenas, somente identificada entre pesquisadores que com eles conviveram, tal como na identificação e sistematização dos filmes da Comissão Rondon a fim de produzir um documentário sobre os filmes, como parte da Campanha Nacional de Proteção aos Índios em 1967 segundo Corrêa. Em 1966 elaborou o Plano de Organização e Desenvolvimento de Comunidades Indígenas que tinha como objetivo de subsidiar a política indigenista brasileira, abrangendo os campos educacional, econômico e sanitário relata Ribeiro.

Também esteve ligada à história e à concepção da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) em 1955, associação científica, apoiada no trabalho voluntário e na contribuição de seus membros. Seu primeiro presidente foi Luiz de Castro Faria; a primeira Reunião Brasileira de Antropologia teve como presidente de honra Edgar Roquette-Pinto, tendo Heloísa participado juntamente com outros profissionais entre eles: Egon Schaden, Darcy Ribeiro, Maria Julia Pourchet, José Loureiro Fernandes, Thales de Azevedo e outros.

A I Reunião de Antropologia (RBA), realizou-se de 8 a 14 de novembro de 1953, no Museu Nacional no Rio de Janeiro, organizada por uma comissão secretariada pelo professor Luiz de Castro, nesta reunião estabeleceu-se uma convenção para a grafia dos nomes de populações indígenas no Brasil. Em junho de 1953 foi fundada a Revista de Antropologia sob a direção de Egon Schaden da USP, uma das principais lideranças da antropologia brasileira do século XX.

A história da ABA e da Revista de Antropologia se entrelaçaram de várias formas e segundo depoimento de Gustavo Lins Ribeiro, Presidente da ABA em 2002 a associação atravessou diferentes períodos da história do Brasil se consolidando como a voz dos antropólogos brasileiros, e a revista manteve-se como um dos principais órgãos de divulgação da disciplina, uma grande fonte sobre a história da Antropologia no Brasil, durante anos numa Seção denominada "Noticiário" registrou os principais eventos vinculados à construção do campo da Antropologia.

Em 1948 o Ministro da Educação e Saúde designou, por meio de portaria datada de 20 de fevereiro daquele ano, uma comissão integrada por Álvaro Fróes da Fonseca, Edgard Roquette Pinto, Arthur Ramos e Heloisa Alberto Torres, para planejar o "Primeiro Congresso Brasileiro de Antropologia".

Gustavo Capanema assumiu ainda papel relevante na criação e gestão do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) em 1937 sob a direção de Rodrigo Melo

[97] O SPI foi extinto em 1967, quando pela Lei. 5.371, de 5/13/67 foi criada a FUNAI.

Franco. Esta instituição reunia um grupo seleto de homens públicos, diretores de Museus, intelectuais e artistas. Como conselheira Heloísa manteve o prestígio que marcava sua carreira tendo sido por muito tempo membro[98] nato do Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

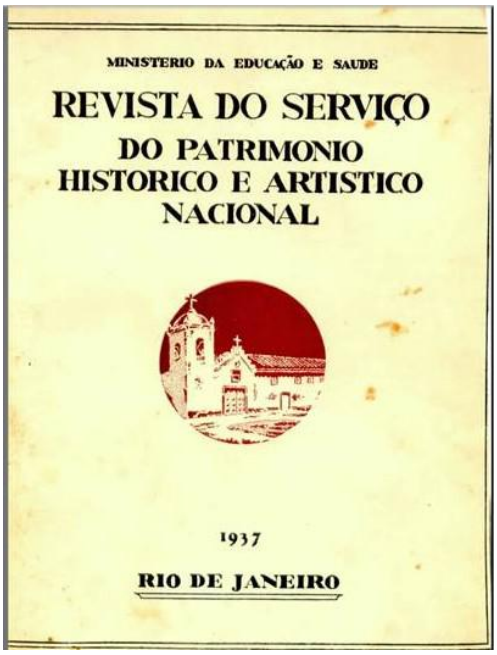
Rodrigo Melo de Franco de Andrade, Lúcio Costa, Gilberto Freyre, Roquette-Pinto, Alberto Lamego, Mário de Andrade, Carlos Estevão Pinto, Godofredo Filho, Afonso Arinos e outros são alguns dos intelectuais que participaram da fase heroica do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, colaborarem também com artigos para a Revista do SPHAN, veículo que levantava, classificava, mensurava e definia o que tinha ou não valor histórico e o que poderia ser considerado como patrimônio nacional.

Heloísa Alberto Torres teve o seu artigo "Contribuição para o Estudo da Proteção ao Material Arqueológico e Etnográfico do Brasil publicado no número 1 da referida revista com destaque"[99] onde propunha um plano geral para a proteção do patrimônio material arqueológico e etnográfico tanto das populações indígenas quanto das que nomeava como neo-brasileiras. A proposta contida no artigo fazia parte de uma campanha lançada pelo SPHAN, e o artigo traçou as linhas condutoras da política que o SPHAN adotaria para o tratamento do patrimônio produzido pelas populações indígenas. Heloísa defendia o desempenho de atividades por técnicos ou funcionários com competências específicas, lutando para a criação de novos cargos e carreiras que permitissem a condução da política do patrimônio pelo Estado.

[98] C.f.; casadeculturaheloisaalbertotorres.blogspot.com.br

[99] C.f.; Revista do Serviço Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, n. 1, p. 9-30, 1937.

Figura 5 - Capa da Revista do IPHAN nº 1, 1937


MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E SAUDE

REVISTA DO SERVIÇO
DO PATRIMONIO
HISTORICO E ARTISTICO
NACIONAL

1937

RIO DE JANEIRO

Fonte: http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=RevIPHAN

Segundo Corrêa (2000), Paulo Barredo Carneiro, carioca com raízes nas elites políticas do Maranhão, estudioso com doutorado na Universidade de Paris, com o fim da Guerra, tornou-se representante permanente do Brasil na UNESCO e idealizador da Hiléia Amazônica, encontrou em Heloísa uma grande aliada na defesa do projeto da Hiléia, que seria alvo de diversos ataques por nacionalistas exacerbados que temiam o domínio da Amazônia pelo imperialismo norte-americano, sobretudo, a possibilidade de um organismo transnacional decidir sobre projetos contrários a interesses nacionais.

Mariza Corrêa (2000) identifica uma grande aflição de Heloísa, em uma carta para pessoa da família não identificada na pasta do arquivo CCHAT, quando a criação do Instituto da Hiléia Amazônica foi vetada. Entretanto, tanto Heloísa quanto Paulo Carneiro e demais defensores da Hiléia entendiam, em contrapartida que a Amazônia não era um problema de uma única nação a começar por sua extensão geográfica que encobria vários países. Heloísa não poupou esforços na defesa do projeto do Instituto Hiléia Amazônica (MAIO; SÁ, 2000) mesmo lidando com a ausência de apoio político e sem poder vê-lo efetivado, não desanimou em suas empreitadas, mas reuniu as forças para continuar sua luta pela preservação da cultura e da gene do Brasil. (CORRÊA, 2000, p. 101).

Segundo Schiebinger (2001, p.57) no final do século XIX feministas europeus e americanos criaram estratégias enfatizando as realizações de mulheres excepcionais e começaram a explorar as barreiras à participação das mulheres na ciência, e a primeira obra mais detalhada deste tipo foi H. J. Mozans (pseudônimo do padre católico John Augustine Zaham), que em 1913[100] retrata em sua obra "Women in Science" com riqueza de detalhes a participação e realização de mulheres na ciência. Trata-se de um relato de mulheres que contribuíram para as ciências, e ao analisar com mais atenção a capacidade biológica das mulheres para pesquisas científicas, ele chega a conclusão de que a diferença de inteligência entre homens e mulheres não se deve à diferença no tamanho ou estrutura do cérebro ou no poder inato do intelecto, mas a educação e a oportunidade, provando de forma conclusiva que onde a oportunidade era grande, a realização também foi ótima e vice versa.

Segundo Leta (2003, p. 273) é mito a afirmativa de que mulheres cientistas produzem menos que os homens. Para Heloisa, o trabalho de campo se esgotava em si mesmo, não chegou a publicar um relato de viagem a Marajó e nem sobre sua última pesquisa no Arraial do Cabo, entretanto nos bastidores da pesquisa de campo, Heloísa revela um investimento enorme de energia através da correspondência que mantinha com colegas ou agências de pesquisas ou da orientação que dava aos jovens pesquisadores[101].

Heloísa se dedicou por toda a vida as causas que abraçava, mas Corrêa (1997, p. 43) já observara que ela lamentava o fato de seus erros serem apreciados pelos homens como falhas e defeitos do trabalho feminino, mas a própria Heloísa não os considerava maiores do que os erros dos homens. Devido a sua persistência, brilhantismo e genialidade Heloísa escreveu seu nome na história.

Cientista de renome internacional e com vasta experiência em pesquisas de campo, Heloísa foi inúmeras vezes designada para representar o Brasil em congressos e conferências no exterior, com destaque para o exercício das seguintes representações, sendo designada como a Embaixadora Científica: Delegada do Brasil ao Congresso de Americanistas, Buenos Aires (Argentina), 1932; Delegada do Brasil à Comissão Científica para a criação do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica, Belém (Pará), 1947; Delegada Plenipotenciária do Brasil à 1º reunião da Comissão Interna do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica, Manaus (Amazonas), 1948; Presidente da Comissão Interina do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica por voto unânime dos nove países signatários da Convenção de Iquitos, 1948; Delegada Plenipotenciária do Brasil à quarta sessão da Conferência da UNESCO, Paris, 1949; Delegada do Brasil no Colloquium Internacional

[100] op.cit.; p.56.
[101] Corrêa, 1997, passim.

de Estudos Luso-Brasileiros, Washington, 1950.[102] O XXXI Congresso Internacional de Americanistas em 1954, cujo presidente de honra foi o então general Cândido Mariano Rondon, teve a participação de mais de 300 pessoas de 35 países, onde Heloísa, Betty J. Meggers entre outros tiveram um "trabalho programado".

Heloísa Alberto Torres empreendeu diversas pesquisas, orientou também inúmeras dissertações e teses, deixando, entretanto, um farto material inédito, nas áreas de Antropologia Física, Etnografia e Arqueologia Indígena.

Em contraste com sua vasta atuação acadêmica, podemos observar que a mesma publicou poucos trabalhos com destaques para os seguintes: Cerâmica de Marajó - Conferência realizada na Escola Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, Typ. Brasil Social, 1929. 22p. il. (Série do salão de 1929); Contribuição para o estudo da proteção ao material arqueológico e etnográfico do Brasil. IN: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 1, Rio de Janeiro, 1937; Museum of Brazil - Ministery of Foreign Affairs - Rio de Janeiro, 1953; Verbetes "Areas Culturais brasileiras" e "O Índio" integrantes do capítulo Antropologia Cultural do Brasil, Enciclopédia Delta-Larousse, Rio de Janeiro, 1964; Depoimento sobre Rodrigo de Mello Franco de Andrade. IN: A lição de Rodrigo. IPHAN, Rio de Janeiro[103].

Além das atividades desempenhadas em cargos comissionados e de representação diplomática, Heloísa pertenceu a diversos conselhos e entidades culturais, tanto no Brasil, como no exterior, a saber: Membro do Conselho da Inter American Society of Anthropology and Geography (Los Angels - USA); Membro da American Anthropology Society (New York - USA); Membro da Society Geographers (Washington - USA); Membro honorário da Califórnia of Sciences (São Francisco - USA); Membro do Comitê Executivo do International Council of Museums -ICOM, Paris-França); Membro do Instituto Histórico de São Luís (Maranhão); membro do Instituto Histórico de Ouro Preto (Minas Gerais); Presidente honorária da Sociedade Entomológica do Brasil.

Maria Júlia Pourchet, antropóloga e diretora da ABA (1959-1961), amiga e companheira de Heloísa no extinto Conselho Nacional de Proteção aos Índios, expressou sua admiração nesta homenagem pós-morte, onde o amor à Ciência em geral e ao Indigenismo de Heloísa foram ressaltados:

> Aquela "presença de Heloísa" que Carlos Drummond de Andrade tão bem definiu é contraditoriamente um imenso vazio para os que, como nós lidaram de perto com a ditosa filha do Alberto Torres. A triste evocação da mestra em diferentes atividades
> a que emprestou sua inteligência e seu "aplomb', só agora proporcionará triste e dolorosa avaliação. Foi arqueóloga, antropóloga, indigenista, pesquisadora, chefe, membro de

[102] Produção e montagem de Aurora Ribeiro Machado, responsável pelo acervo de Heloísa Alberto Torres no CCHAT.
[103] Ibid., p.31/20.

> diferentes Conselhos Científicos. Desta convivência resultou grande admiração por seu ânimo forte, lutando e enfrentando alguns momentos difíceis, mas superando-os e dando a todos que privaram de sua convivência um exemplo de amor à Ciência em geral e ao Indigenismo, em particular, enfim amor às causas da luta ingente que qualquer administrador, qualquer estudioso da Ciência Humana, enfrenta com alentado idealismo". (RIBEIRO, 2000, apud Pourchet.1977).[104]

Carlos Drummond de Andrade chefe do gabinete do ministro Capanema privou muito de perto com a ilustre cientista e deixou registrado que:

> Uma antropóloga não costuma ser notícia social, por maiores que sejam os seus méritos, e Heloísa os tinha em medida alta. Amava mais os índios e seus vasos, urupemas e ritos, do que o fugidio destaque nos salões. Os meios científicos estrangeiros a reverenciavam, enquanto muita gente por aqui veria nela, quando muito, a zelosa diretora do Museu Nacional, tratando de interesses da instituição nos labirintos burocráticos. Mas isso foi há muito tempo, tempo de Capanema no MEC. A funcionária aposentou-se e foi viver no seu cantinho arborizado de Itaboraí

[104] C.f.; POURCHET, 1977.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A emblemática trajetória acadêmica de Heloísa Alberto Torres, profundamente ambientada no contexto das coleções etnográficas e de História Natural existentes no antigo Paço de São Cristóvão, residência real e imperial, sede do Museu Nacional desde 1892, forneceu o arcabouço teórico para compreender o caminho percorrido pela ilustre antropóloga no âmbito administrativo da instituição.

Heloísa tinha uma atuação importante no mundo intelectual de sua época, seu nome a fez ocupar inúmeras posições politicamente importantes, a maioria vinculada diretamente à disciplina à qual dedicou o melhor dos seus esforços, outras apenas indiretamente, todas as colocavam no centro do palco numa época em que poucas mulheres lá estavam.

A primeira pesquisadora antropóloga do Museu Nacional, fortaleceu a área da Antropologia durante sua gestão como diretora do Museu Nacional, o que constitui um marco importante em um momento de forte desenvolvimento administrativo da instituição. Neste cenário, destaca-se a relevante inserção da instituição na Universidade do Brasil.

O que Heloísa Alberto Torres conseguiu na ciência foi através de desafios aos códigos convencionais que a compelia a confinar suas atividades às tarefas rotineiras administrativas, desafiou a convenção para reivindicar uma posição proeminente num mundo essencialmente masculino.

Tornou-se imbatível não só na intensidade de sua vida devotada à ciência, à cultura e às ciências sociais, como na sua precocidade em relação às demais mulheres de sua época. Certamente Heloísa foi aliada de homens de prestígio, assim como é verdadeiro que provinha de família intelectualizada e foi em sua própria casa através da figura do pai que ouvira falar num projeto de reconstrução do Brasil.

Outrossim, Dona Heloísa é um exemplo de que, em havendo oportunidades e condições, nenhuma diferença existe entre homens e mulheres para galgar os mais altos níveis da cultura e da ciência em qualquer de seus aspectos.

A antropóloga publicou muito pouco sobre as experiências de sua longa vida; sua presença no cenário antropológico brasileiro foi marcante, seu desempenho na formação de jovens pesquisadores, através da experiência da pesquisa de campo e no desenvolvimento da etnologia, aparecem com clareza no que talvez seja o melhor de sua produção: sua correspondência com colegas e jovens etnólogos cujas carreiras ajudou a promover.

Por meio da leitura de seus documentos, foi possível constatar que ela reconhecia que a vigilância sobre seus equívocos era mais rígida do que aquela exercida pelos homens entre si. É possível ver em seus depoimentos esparsos o sentimento da luta da mulher, para o reconhecimento de seu valor, no comando de projetos institucionais. Embora nunca tivesse se proclamado feminista.

O resgate de sua história como primeira diretora do Museu Nacional, em pleno século XXI, visa contribuir com a desconstrução de ideias tradicionais que consideram as ciências como uma prática exclusivamente masculina no passado, com a valorização das atividades realizadas pelas mulheres, reconhecimento de sua participação na produção de conhecimentos e com a incorporação do elemento feminino à história das ciências no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. As lutas femininas por educação, igualdade e cidadania. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 81, n. 197, p. 5-13, jan./abr. 2000. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/947/921> Acesso em: 28 ago. 2017.

ÁVILA, Bastos. **No Pacoval de Carimbé**. Rio de Janeiro: Calvino Filho Ed., 1932.

AZEVEDO, Fernando de. A antropologia e sociologia no Brasil. In:_____. **As Ciências no Brasil.** v. 2. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

BARBOSA, Adriana da Silva. Implicações éticas do efeito Mateus na ciência. **Mediações**: Revista de Ciências Sociais. Londrina, v. 21, n. 1, p.286-316., 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/20718/19506>. Acesso em: 15 fev. 2017.

BELTRÃO, Kaizo Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. **Cadernos de Pesquis**a, São Paulo, v. 39, n.136, p.125-156, jan./ abr, 2009. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/cp/v39n136/a0739136.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2017.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. Science de la science et réflexivité: cours du Collège de France, 2000-2001. Paris: Raisons d'agir, 2001. 237 p.

BRAGA FILHO, Edmar M. **Mulheres e o campo científico**: desafios e avanços. Entrevista com Hildete Pereira. Parte I. Disponível em:<https://circuitoacademico.com.br/.../mulheres-e-o-campo-cientifico-desafios-e-avanco>. Acesso em: 17 jul. 2017.

BRASIL. Decreto de 06 de junho de 1818. Crêa um Museu nesta Côrte, e manda que elle seja estabelecido em um prédio do Campo de Santa'Anna que mande comparar e incorporar aos proprios da Corôa. In: COLLECÇÃO DAS LEIS DO BRAZIL de 1818. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/18332>. Acesso em: 22 mar. 2018.

CASA DE CULTURA HELOÍSA ALBERTO TORRES. Disponível em: <http://casadeculturaheloisaalbertotorres.blogspot.com.br/2009/09/heloisa-alberto-torres-1895-1977.html. Acesso em: 22 jul. 2016.

CHASSOT, Áttico. **A ciência é masculina?** É sim, senhora!. 3ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. 110p.

CHASSOT, Áttico. A ciência è masculina? È sim, senhora!. **Revista Contexto e Educação**, Ijuí, v. 19, n. 71/72, p. 9-28, jan./dez., 2004. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/issue/view/80>. Acesso em: 11.set. 2017.

CHASSOT, Áttico. **A ciência através dos tempos**. 2.ed. São Leopoldo: Moderna, 2004.

CHAVES, Nágila Nerval. **Os Oronao?:** uma história de doenças e resistências a partir dos registros do SPI- 9ª Guajará-Mirim (1940-1970). 2017. 148 f. Dissertação (Mestrado em História e Estudos Culturais)- Programa de Pós-Graduação de História e Estudos Culturais (PPHEC), Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2017. Disponível em: http://www.ppghisec.unir.br/uploads/83939544/DISCENTES/Turma%202014/Nagila%20Nerval%20Chaves.pdf. Acesso em: 23 mar. 2017.

COLLIN, Ana Maria. Gênero e História: um possível diálogo. **Contexto e Educação**, [S.l.], n. 71/72, jan./dez. 2004. Disponivel em : <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/viewFile/1131/886>. Acesso em: 13 abr. 2017.

CORRÊA, Mariza. Dona Heloísa e a pesquisa de campo. **Revista de Antropologia**, [S.l.], v. 40, n.1, 1997. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/semear/docs/Listagem_de_artigos_e_periodicos/artigo_CORREAMARIZA.pdf>. Acesso em: 15 maio 2017.

CORRÊA, Mariza. **Antropólogas e antropologia**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, 278p.

CORRÊA, Mariza. A Natureza imaginária do gênero na história da antropologia. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 109-130, 1995. Disponível em: <www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51052>. Acesso em: 23 maio 2018.

CORRÊA, Mariza; MELO, Januária. **Querida Heloísa**: cartas de campo para Heloísa Alberto Torres. São Paulo: UNICAMP, 2008. Disponível em: <www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=50808>. Acesso em: 12 abr. 2016.
DANTAS, Regina Maria Macedo Costa Dantas. Museu Nacional: 200 Anos de História. **Instituto Brasileiro de Museus**. Brasília: IBRAM. 2018.

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. **A Casa do Imperador:** do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional. 2007. 276 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social)- Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta %C3%A7%C3%B5es/Diss210.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2017.

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. **Casa Inca ou Pavilhão da Amazônia?** A participação do Museu Nacional na Exposição Universal Internacional de 1889 em Paris. 2012. [280 f.]. Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia)- Programa de Pós-Graduação em História das Ciências, Técnicas e Epistemologia -HCTE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/10/teses/807980.pdf>. Acesso em: 23 maio 2017.

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. **A primeira diretora do Museu Nacional**: Heloísa Alberto Torres: algumas considerações. 2003. 16 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização)- Centro de Estudos Afro-Asiáticos, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2003.

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. **O Museu Nacional e a disseminação das Ciências no século XIX.** Rio de Janeiro: HCTE, 2014. (Notas de aula).

DANTES, Maria Amélia M. Fases da implantação da ciência no Brasil. **Quipu**, [S.l.], v.5, n.2, mayo-ago. p. 265-275, 1988. Disponível em: <http://www.revistaquipu.com/Sub1/D3A8TIA/28201315/5-2-8006l.pdf>. Acesso em: 18 maio 2017.

DICIONÁRIO Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930): Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/musnac.htm> Acesso em: 04 abr. 2018.

DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. Heloísa Alberto Torres e o inquérito nacional sobre ciências naturais e antropológicas, 1946. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 5, n. 3, nov./dez., 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222010000300005>. Acesso em: 15 jun. 2016.

FARIA, Luís de Castro. Heloísa Alberto Torres (1895-1977). **Anuário Antropológico,** [S.l.], v. 2, n. 1, p. 328-333, 1978. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/ojs311/index.php/anuarioantropologico/article/view/6052>. Acesso em: 20 jan. 2018.

FARIA, Luís de Castro. **As exposições de antropologia e arqueologia do Museu Nacional**: Conferência. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1949. Disponível em: <http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/Castro%20Faria%20(1949).pdf>. Acesso em: 22 abr. 2018.

FERREIRA, Rubens da Silva. Ciência e tecnologia no olhar de Bruno Latour. **Informação & Informação**, Londrina, v. 18, n. 3, p. 275-281, 2013. Disponível em : <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/15073/pdf_15>. Acesso em: 22 ago. 2017.

FIGUEIRÔA, Silvia F. de M. **As Ciências Geológicas no Brasil:** uma história social e institucional, 1875-1934. São Paulo: HUCITEC, 1997. 270 p.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. São Paulo: Graal, 2010.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51. ed. rev. São Paulo: Global, 2006.

GARCIA, Marta I.; SEDEÑO, Eulália P. Ciencia, Tecnología y Género. **Revista Ibero Americana Ciencia, Tecnología, Sociedad Innovación**, Madrid, n. 2, enero-abril, 2002. Disponível em: <https://www.oei.es/historico/revistactsi/numero2/varios2.htm>. Acesso em: 25 maio 2017.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Coleções e expedições vigiadas**: os etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil. São Paulo: Hucitec: ANPOCS, 1998. 341p.

HOFFMAN, Maria Barroso. **1. Coleção Heloísa Alberto Torres.** Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/semear/docs/Livros/livro_SILVA-E-PAIVA-E-HOFFMANN.pdf> Acesso em: 13 jan. 2016.

JESUS, Zeneide Rios de. **Indígenas no Brasil:** as visões de Afonso Arinos (1930-1940). 2016. 344 f. Tese (Doutorado em História Social)- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://ppgh.ufba.br/teses-e-dissertacoes>. Acesso em: 23 mar. 2017.

KEULLER, Adriana Tavares do Amaral Martins. **Os estudos físicos da antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro**: cientistas, objetos e instrumentos (1876-1939). 2008. 314 f. Tese (Doutorado em História Social)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-18092008-161852/pt-br.php>. Acesso em: 23 mar. 2017.

LEMME, Paschoal. Memórias de um educador. 2.ed. Brasília: INEP, 2004. v.3. Disponível em:<http://portal.inep.gov.br/documents/186968/487915/Estudos+de+educação+e+perfis+de+educador.> Acesso em: 12 fev. 2018.

LETA, Jacqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contraste e um perfil de sucesso. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n.49, p.271-84, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300016>. Acesso em ago. 2017.

LIMA, Betina Stefanello. Violências de Gênero nas Ciências. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO: Corpo, Violência e Poder, 8., 2008, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2008. p. 1-8. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST38/Betina_Stefanello_Lima_38.pdf>. Acesso em: 21. mar.2018.

LOBO, Bruno. O Museu Nacional de História Natural (Discurso do professor Bruno Lobo, na sessão commemorativa do Centenário do Museu Nacional em 6 de junho de 1918). **Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro**, v. 22, p. 13-26, 1919. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/semear/docs/Listagem_de_artigos_e_periodicos/artigo_LOBO-BRUNO.pdf>. Acesso em: 27 maio 2017.

LISBOA, Giovana. **Mulheres cientistas: por que ainda são poucas?** Disponível em: <https://ufrj.br/noticia/2015/10/22/mulheres-cientistas-por-que-ainda-s-o-poucas>. Acesso em: 22 jul. 2016.

LOPES, Maria Margarete; SOUSA Lia Gomes Pinto de; SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. A Construção da invisibilidade das mulheres nas ciências: a exemplaridade de Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976). **Gênero**, Niterói, v.5, n.1, p.102, sem. 2004. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/223. Acesso em: 11 mar. 2016.

LOPES, Maria Margareth. **O Brasil descobre a Pesquisa Científica:** os Museus e as Ciências Naturais no século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997. 369p.

LOPES, Maria Margaret. “Aventureiras” nas ciências: Refletindo sobre gênero e história das ciências naturais no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 10, p. 345-368, jan. 2012. ISSN 1809-4449. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/4689345/2351>. Acesso em: 16 maio 2017.

MAFFIA, Diana. Crítica feminista à ciência. In: COSTA, Ana Alice A.; SARDENBERG, Cecília Maria B. (Orgs.). **Feminismo, Ciência e Tecnologia**. Salvador: REDOR/NEIM_FFCH/UFBA, 2002. p. 25-38. Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/feminismocienciencia.pdf> Acesso em: jun. 2016.

MAIO, Marcos Chor; SÁ, Magali Romero. Ciência na periferia: a Unesco, a proposta de criação do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica e as origens do Inpa. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, [S.l.], v .6, p. 975-1017, 2000. Suplemento. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702000000500011&script=sci_abstract&tlng= pt>. Acesso em: 11 maio 2017.

MERTON, Robert. The Matthew Effect in Science. **Science**. n. 159(3810), Jan, 1968.p. 56-63.

MUSEU NACIONAL UFRJ. Os Diretores do Museu Nacional/UFRJ. Seção de Museologia (Org.). Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Disponível em: <www.museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/memoria_1.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2015.

MUSEU NACIONAL/UFRJ. Arquivo Histórico. SEMEAR - Seção de Memória e Arquivo. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/dir/omuseu/arquivo.html>. Acesso em: 11 jun. 2017.

MUSEU REAL. In: DICIONÁRIO Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Rio de Janeiro. Fiocruz. Casa de Oswaldo Cruz. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/scripts/>. Acesso em: 15 mar. 2015.

NETTO, Ladislau. **Investigações históricas e scientíficas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Instituto Philomático, 1870.

PERROT, Michelle. Escrever uma História das Mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu,** Campinas, n. 4, p. 09-28, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1733>. Acesso em: 12 abr. 2017.

PERROT, Michelle. **Minha história da mulheres**. Tradução Angela M.S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008, 190 p.

PESTRE, Dominique. Por uma nova história social e cultural das ciências: novos desafios, novos objetos, novas abordagens. **Cadernos IG/ UNICAMP,** v.1, n. 1, 1996. Disponível em: <https://ctsadalbertoazevedo.files.wordpress.com/2014/09/pestre1996.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2017.

PEREZ SEDENO, Eulália. La ensenanza de la historia de las ciencias y los estudios sobre la mujer. **Revista Brasileira de História da Ciência.** Disponível em: <http://www.sbhc.org.br/revistahistoria/view?ID_REVISTA_HISTORIA=35>. Acesso em: 22 abr. 2017.

PIRES, Débora de Oliveira (Org.). **200 anos do Museu Nacional UFRJ.** Rio de Janeiro: Associação Amigos do Museu Nacional, 2017. 40p. Disponível em: <www.museunacional.ufrj.br/200_anos/doc/200_anos_do_Museu_Nacional.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2018.

RIBEIRO, Adelia Maria Miglievich. Uma mulher intelectual em tempos pioneiros: Heloísa Alberto Torres, nação e a formação das ciências sociais brasileiras. **Boletim Onteaiken**, n.10. nov. 2010. Disponível em: <http://onteaiken.com.ar/ver/boletin10/1-6.pdf> Acesso em: 08 dez. 2016.

RIBEIRO, Adelia Maria Miglievich. **Heloísa Alberto Torres (1895-1977)**. Antropóloga. Disponível em: <http://memoria.cnpq.br/web/guest/pioneiras-view/-/journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/1144061>. Acesso em: 22 mar. 2015.

RIBEIRO, Adelia Maria Miglievich. Heloísa **Alberto Torres, modernidade e preservação**: elementos da história das ciências sociais no Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.uenf.br/Uenf/Downloads/LEEA_3317_1147979131.pdf> Acesso em: 22 mar 2015

RIBEIRO, Adelia Maria Miglievich. **Heloísa Alberto Torres e Marina de Vasconcel**os: pioneiras na formação das ciências sociais no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015. 271p.

RIBEIRO, Adelia Maria Miglievich. **Heloísa Alberto Torres e Marina São Paulo de Vasconcelos**: entrelaçamento de círculos e formação das ciências sociais na cidade do Rio de Janeiro. 2000. 276 f. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia)- Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

RIBEIRO, Adelia Maria Miglievich. **O debate acerca das coleções "etnográficas**: arte versus ciência no Brasil dos anos. Disponível em: 30.http://www.uenf.br/Uenf/Downloads/LEEA_3317_1147978543.pdf. Acesso em 20 jun. 2017.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Depoimento. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 351-356, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ra/v46n2/a04v46n2.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2018.

ROSSITER, Margaret W. **Women Scientist in America:** struggles and strategies to 1940. Baltimore: Johns Hopkins University Press 1982. xviii + 440p. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1002/1520-6696%28198407%2920%3A3%3C238%3A%3AAID-JHBS2300200309%3E3.0.CO%3B2-P>. Acesso em: 23 maio 2017.

SÁ, Magali Romero; DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. O Museu Nacional e o ensino das Ciências naturais no Brasil no século XIX. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 79 -88, 1996. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/semear/docs/Listagem_de_artigos_e_periodicos/artigo_SA-MAGALI.pdf>. Acesso em: 15 maio 2017.

SALA DE IMPRENSA DO CNPQ. Começa o debate sobre a participação das mulheres na carreira científica. Disponível em: http://www.cnpq.br/saladeimprensa/noticias/2010/0201b.htm. Acesso em: 11 mar. 2010.

SCHWARCS, Lilia Moritz.; DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. O Museu do Imperador: quando colecionar é representar a nação. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros,** São Paulo, n. 46, p. 123-164, 2008.
Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/34602/37340>. Acesso em: 15 jul. 2017.

SCOTT, Joan. W. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. (Org.). **Falas de gênero**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p.21-55. Disponível em: <http://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Joan_Scoot-Experiencia.pdf>. Acesso em : 20 set. 2017.

SCOTT, Joan. Histórias das mulheres. In: BURKE, Peter.(Org.). **A Escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992. p.65-95.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a Ciência?**. São Paulo: EDUSC, 2001.

SCHWARTZMAN, Simon. (Org.). **Universidades e Instituições científicas no Rio de Janeiro**. Brasília: CNPQ, 1982, p.22. Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/simon/coppe.htm>. Acesso em: 11 ago. 2017.

SCHWARTZMAN, Simon. **Um espaço para a Ciência:** a formação da comunidade científica no Brasil. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2001. 357 p. Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/simon/spacept/espaco.htm>. Acesso em: 11 ago. 2017.

SILVA, Fabiane Ferreira da. **Mulheres na ciência**: vozes, tempos, lugares e trajetórias. Rio Grande, 2012. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/5028>. Acesso em: 23 mar. 2017.

SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Mulheres na ciência:** problematizando discursos e práticas sociais na constituição de "mulheres-cientistas". In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E GÊNERO, 8., 2010, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UTFPR, 2010. p. 1-15. Disponível em: <http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br/ppgte/eventos/cictg/conteudo_cd/E5_Mulheres_na_Ci %C3%AAncia.pdf>. Acesso em: 27 maio 2017.

SYBYLLA, Lady. **Efeito Matilda**. Blog Momentum saga: futuro no presente. Disponível em: <http://www.momentumsaga.com/2014/01/o-efeito-matilda.html> Acesso em: 22.set. 2017.

SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. **Traços da participação feminina na institucionalização de práticas científicas no Brasil:** Bertha Lutz e o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil. 2007. 180 f. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnológica)- Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_8ab548b41c2187d16fa337bc4fa77427>. Acesso em: 15 mar. 2017.

SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. **Em busca pelo campo:** mulheres em expedições científicas no Brasil em meados do século XX. 2014. 221 f. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica)- Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Asombrio-2014/ SombrioMarianaMoraesdeOliveira_D.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2016.

SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. Em busca pelo campo – Mulheres em Expedições Científicas no Brasil em meados do século XX. **Cadernos Pagu,** Campinas, n. 48, 2016. (Dossiê Gênero em Ciências: Histórias e Políticas no Contexto Ibero_Americano. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104-833320160003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 maio 2017.

SOUSA, Lia Gomes Pinto de. **Educação e profissionalização de mulheres**: trajetória científica e feminista de Bertha Lutz no Museu Nacional do Rio de Janeiro (1919-1937). 2009. 174 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde)- Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/3997>. Acesso em: 13 abr. 2016.

SOUZA, Angela M.F. de L. O viés androcêntrico em biologia. In: COSTA, Ana Alice A.; SARDENBERG, Cecília Maria B. (Orgs.). **Feminismo, Ciência e Tecnologia**. Salvador: REDOR/ NEIMFFCH/UFBA, 2002. p. 77-88.

TABAK, Fanny. **O laboratório de pandora**: estudos sobre a ciência no feminismo. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. 262p.

TORRES, Heloísa Alberto Torres. Contribuição para o estudo da proteção ao material arqueológico e etnográfico do Brasil. **Revista do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 1, p. 9-30, 1937. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/publicacoes/lista?categoria=23&busca=&pagina=4>. Acesso em: 20 set. 2017.

TORRES, Heloísa Alberto. **Arte indígena da Amazônia.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1940.

TORRES, Heloísa Alberto. Promoção de um inquérito nacional sobre Ciências Naturais e Antropológicas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v.5, n.3, p. 625-643, set.-dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1981-812220100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 mar. 2017.

VELHO, Léa; PROCHAZKA, Maria Vivianna. No que o mundo da ciência difere dos outros mundos? **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico,** [S.l.], n.50, 2003. Disponível em: <www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/mulheres/09.shtml>. Acesso em: 16 jun. 2018.

VELHO, Léa. Prefácio. In: LUCY Woellner; ICHIKAWA, Elisa Yoshie; CARGANO, Doralice de Fátima (Orgs.). **Ciência, tecnologia e gênero**: desvelando o feminismo na construção do conhecimento. Londrina: IAPAR, 2006, p.xiii-xviii.

APÊNDICE A - Produção científica do trabalho

SILVA, Maria do Perpétuo Socorro Lopes de Sousa da; DANTAS, Regina Maria Macedo Costa . **A contribuição das mulheres na disseminação das ciências no Museu Nacional do Rio de Janeiro no século xx: a trajetória da cientista Heloísa Alberto Torres.** In: CONGRESSO EM HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DAS TÉCNICAS E EPISTEMOLOGIA, 9, Rio de Janeiro. **Anais…** Rio de Janeiro: HCTE/UFRJ, 2016. Disponível em:< http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh9/SH/trabalhos%20posteres%20completos/A-CONTRIBUICAO.pdf> Acesso em: 24 maio 2018.

SILVA, Maria do Perpétuo Socorro Lopes de Sousa da. **Contribuições para estudos sobre Heloísa Alberto Torres: primeira diretora do Museu Nacional**. In: Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, 16. Resumo aceito. Evento organizado pela Sociedade Brasileira de História da Ciência. 2018.

APÊNDICE B - A CIÊNCIA PERDIDA NO INCÊNDIO DO MUSEU NACIONAL

Ao término da nossa dissertação, fomos surpreendidas com o primeiro Museu do Brasil e o maior de História Natural e de Antropologia do país sendo calado pelas chamas na noite do último 02 de setembro de 2018. Seu acervo abrigava aproximadamente 20 milhões de itens, entre eles alguns dos mais relevantes registros da memória brasileira no campo das ciências naturais e antropológica.

O Museu Nacional foi criado em 6 de Junho de 1818 por D. João VI e o edifício que abrigava a instituição desde 1892, o Paço de São Cristóvão, ex-residência de d. João VI, d. Pedro I e Leopoldina; d. Pedro II e Theresa Cristina, registrava o cotidiano das famílias. A edificação guardava marcas do período Imperial e alguns objetos que relacionavam seus antigos moradores ao desenvolvimento das ciências no Brasil do século XIX.

O Museu era atualmente administrado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, possuía caráter acadêmico, científico e era um reconhecido centro de pesquisa em história natural e antropológica na América Latina. Todo o acervo guardado e exposto no palácio foi perdido, alarmando as pesquisas em desenvolvimento. Todo o acervo documental da Seção de Memória e Arquivo/SEMEAR, foi destruído, assim como as marcas da residência real e imperial e seus objetos que caracterizavam os períodos real e imperial do Brasil.

Na tentativa de elencar algumas preciosidades do Museu Nacional, destacamos: o fóssil humano mais antigo já encontrado no país batizado de "Luzia" que fazia parte da coleção Antropologia Biológica, a primeira coleção de múmias egípcias da América Latina e o Bendegó o maior meteorito já encontrado no Brasil além de peças indígenas e livros raros.

Na instituição, estavam guardados arquivos considerados clássicos para o estudo da cultura indígenas, como os do professor Roquette Pinto, que durante uma expedição em 1912 realizou com um fonógrafo as primeiras gravações de música indígena que se tem conhecimento; assim como o material do etnólogo alemão Curt Nimuendajú, que na primeira metade do século XX percorreu centenas de aldeias de grande parte dos povos nativos do país, e é tido como o pai da etnologia brasileira - o museu abrigava seus negativos originais, cadernos de campo e outros manuscritos de valor inestimável. Ao completar 200 anos já era visível a necessidade de obras urgentes, a instituição porém não tinha recursos para realizar a restauração.

Entre as cinzas do Museu incendiado, busca-se algum respiro, algum farol para a reconstrução não só de sua presença, mas da própria memória de alguma determinação brasileira. Alguns departamentos do Museu, localizados fora do palácio, porém dentro da Quinta da Boa Vista, continuam intactos, como o de Invertebrados, com 500.000 espécies, e o de botânica, que possui um herbário com mais de 450.000 exemplares. Estes espaços formam o Horto Botânico: os prédios dos Departamentos de Vertebrados, Departamento de Botânica, a Biblioteca Central, o Laboratório de Arqueologia na Casa de Pedra e o Pavilhão de Ensino (salas de aulas). Ao lado do palácio que sofreu o incêndio, ainda permanece em funcionamento o Anexo Alípio de Miranda Ribeiro (algumas coleções de invertebrados e dipterologia) e o Laboratório Central de Conservação e Restauração/LCCR.

No hall da entrada do Museu, na parte central, os bombeiros identificaram um objeto que sobreviveu ao incêndio - o meteorito de Bendegó, o maior do Brasil e o 16º maior do mundo. Na lateral direita, os bombeiros não conseguiram entender o por quê de um painel de fotografias ter

resistido intacto após a tragédia. Trata-se do painel de fotografias dos servidores do Museu Nacional que desfilaram pela Imperatriz Leopoldinense (tema em homenagem ao bicentenário do Museu Nacional no Carnaval carioca de 2018).

A resistência registrada no painel com a imagem feliz dos servidores, nos faz pensar que apesar da dimensão das perdas e do clima de desalento, professores e alunos se mostram dispostos a reconstruir de alguma forma o Museu Nacional o mais rapidamente possível. As comemorações pelos 200 anos do Museu Nacional transformaram-se em luto após o incêndio, comemorar passou a significar rememorar, trazer à memória a história do museu, recuperá-la dos escombros para que ela continue viva. Tudo indica que o luto se transformará em luta!

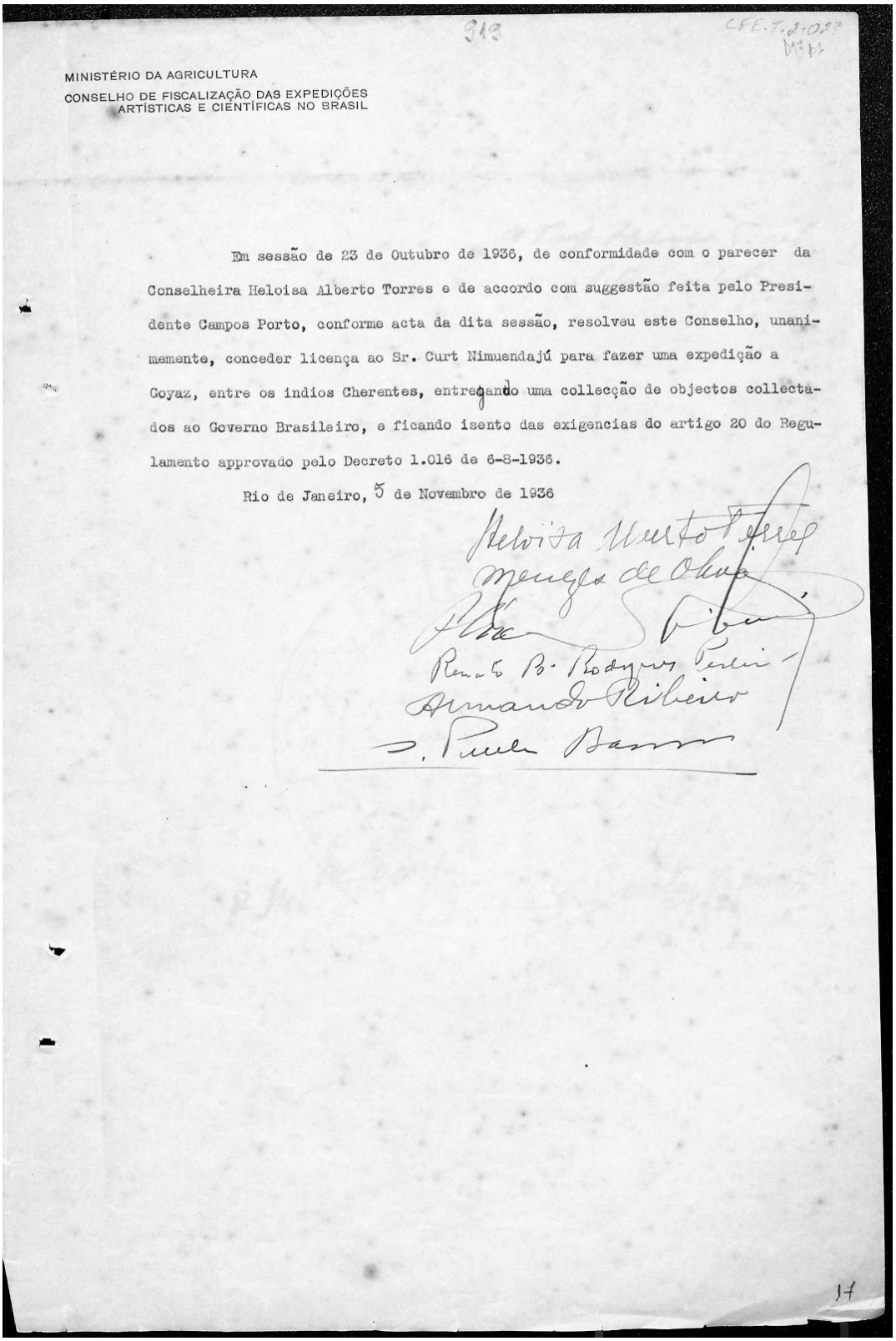
ANEXO A - Fotografias do Centro Cultural Heloísa Alberto Torres/CCHAT

Fachada do CCHAT

Hall de entrada com os bustos de Heloísa e Alberto Torres

Escrivaninha

ANEXO B - Documentos do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
CONSELHO DE FISCALIZAÇÃO DAS EXPEDIÇÕES ARTÍSTICAS E CIENTÍFICAS NO BRASIL

Em sessão de 23 de Outubro de 1936, de conformidade com o parecer da Conselheira Heloisa Alberto Torres e de accordo com suggestão feita pelo Presidente Campos Porto, conforme acta da dita sessão, resolveu este Conselho, unanimemente, conceder licença ao Sr. Curt Nimuendajú para fazer uma expedição a Goyaz, entre os indios Cherentes, entregando uma collecção de objectos collectados ao Governo Brasileiro, e ficando isento das exigencias do artigo 20 do Regulamento approvado pelo Decreto 1.016 de 6-8-1936.

Rio de Janeiro, 5 de Novembro de 1936

Heloisa Alberto Torres
Menezes de Oliveira
Renato B. Rodrigues Peixoto
Armando Ribeiro
J. Paula Barros

COPIA

CONSELHO DE FISCALIZAÇÃO DAS EXPEDIÇÕES ARTISTICAS E SCIENTIFICAS NO BRASIL

Nº 180

Rio de Janeiro 27 de Agosto de 1935.

Sr. Dr. Braulino de Carvalho

Communico-vos que o Sr. CURT NIMUENDAJU informou este Conselho que havia organizado entre os indios Canellas duas collecções ethnographicas, sendo uma para o Museu Nacional, constando de 631 peças e outra para o Museu Ethnographico de Berlim, constando de 225 peças.

Envio-vos, incluso, a relação do material que a este Conselho enviou o Sr. Curt Nimuendajú, solicitando-vos a fineza de verificar o material de accordo com a lista annexa e de conceder ao referido Senhor o respectivo certificado de exportação.

O Conselho aproveito a opportunidade para vos apresentar mais uma vez os seus agradecimentos pelo vosso tão assiduo e valioso auxilio e collaboração aos trabalhos deste Conselho.

Com os protestos de alta estima e mais distincta consideração.

Gen. Menezes de Oliva

Menezes de Oliva-Vice-Presidente
em exercicio

Endereço: Jardim Botanico do Rio de Janeiro.

312

CFE.T.2.027

Belém do Pará, 20 de Dezembro de 1935.

CONSELHO DE FISCALISAÇÃO
DAS
EXPEDIÇÕES
ARTISTICAS E CIENTIFICAS
NO
BRASIL 132/35 26-12-1935

Illmo Snr Dr. Campos Porto
Presidente do Conselho de Fiscalização
das Expedições Artisticas e Scientificas do Brasil.

P/ Snr. Helmuth Sobes
27.XII.35
J. Campos Porto

Curt Nimuendajú, brasileiro naturalizado, ethnologo, pede autorização para repetir a sua vizita aos indios Canellas no Estado do Maranhão afim de tentar novamente a realização dos seus trabalhos que as circumstancias precarias em que encontrou aquelles indios não lhe permittiram durante a sua ultima vizita feita em Abril-Setembro do anno corrente.

Tendo já satisfeito os seus compromissos com o Museu Nacional durante a viagem passada, resta fazer agóra o seguinte:

1. Completar os estudos sociologicos e linguisticos.
2. Organizar uma collecção de mais ou menos 350 numeros para completar a já existente no Museu Goeldi, conforme accordo feito com o Director desse estabelecimento.
3. Organizar outra collecção de uns 200 numeros para completar a que já existe no Museu de Ethnographia de Berlim.
4. Organizar uma pequena serie de objectos que lhe pediu o Museu de Göteborg - Suecia por faltarem ainda na collecção lá existente.

Todas as collecções serão adquiridas por compra directa aos indios, sendo o pagamento feito á vontade destes, ou em dinheiro ou em mercadorias (ferramentas e fazendas).

O requerente não se occupará em absoluto com a acquisição de material paleo-ethnologico.

A estada na aldea será de 3-4 mezes. A partida de Belém deve ser em meiados de Março.

O requerente pretende levar o material para Belém onde embarcará a parte destinada ao estrangeiro.

Approveito a opportunidade para reitera-vos os meus protestos de elevada estima e distincta consideração.

Curt Nimuendajú.

Curt Nimuendajú
a/c de Berringer & C.
Belém do Pará
Caixa 37.

11

CFE-1.2.087
Dto 44

INFORMAÇÃO.

De acordo, uma vez que o Museu Nacional, tenha opção de compra de alguma peça que, porventura, venha a ser coleccionada entre os Canelas e que não conste entre os especimens que já possue na sua colecção. Tal hipotese deverá ser verificada, por ocasião da exportação, pelo Delegado do Conselho de Fiscalização, em face das informações prestadas pelo Sr. Nimuendajú.

Rio de Janeiro, 5 de Janeiro de 1936.

Heloïsa Alberto Torres

Heloïsa Alberto-Torres

317

CFE.T.2.027
D15.12

MODELO N. 562 (ant. T 2)

BRASIL DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAPHOS

TELEGRAMMA

RECEBIDO

DE BLM

POR BAKER

A'S 22 20

CORREIOS E TELEGRAPHOS 22 JAN 936 CENTRAL

ENDEREÇO

53453

GFF RP AO 4620/69/22-3 DOUTOR CAMPOS PORTO PRESIDENTE CONSELHO FISCALISAÇÃO MINISTERIO AGRICULTURA RIO

DE MUZEU BELEM PA N. 592/40 PLS. 69 DATA 24 HORA 15.30

-ACUSO RECEBIDO VOSSO 4620 DATADO 22 CORRENTE PT SOBRE OPÇÃO COMPRA MUSEU NACIONAL QUALQUER PEÇA NÃO EXISTENTE AINDA COLLECÇÃO DAQUELLE ESTABELECIMENTO VG NENHUMA DIFICULDADE HAVERAH POIS SENHOR CURT NIMUENDAJU TEM MAXIMO EMPENHO QUE NOSSOS MUSEUS POSSUAM COLLECÇOES MAIS COMPLETAS POSSIVEIS DAS TRIBUS POR ELLE ESTUDADAS PT CDS SDS

CARLOS ESTEVÃO

CONSELHO DE FISCALISAÇÃO DAS EXPEDIÇÕES ARTISTICAS E CIENTIFICAS NO BRASIL 11-36

31-1-36

A primeira linha deste telegramma, depois do endereço, contém as seguintes indicações: estação de procedencia — numero do telegramma — numero de palavras — data e hora da apresentação.

Reclamai, si houver demora na entrega de vossos telegrammas.

15